



João Grave

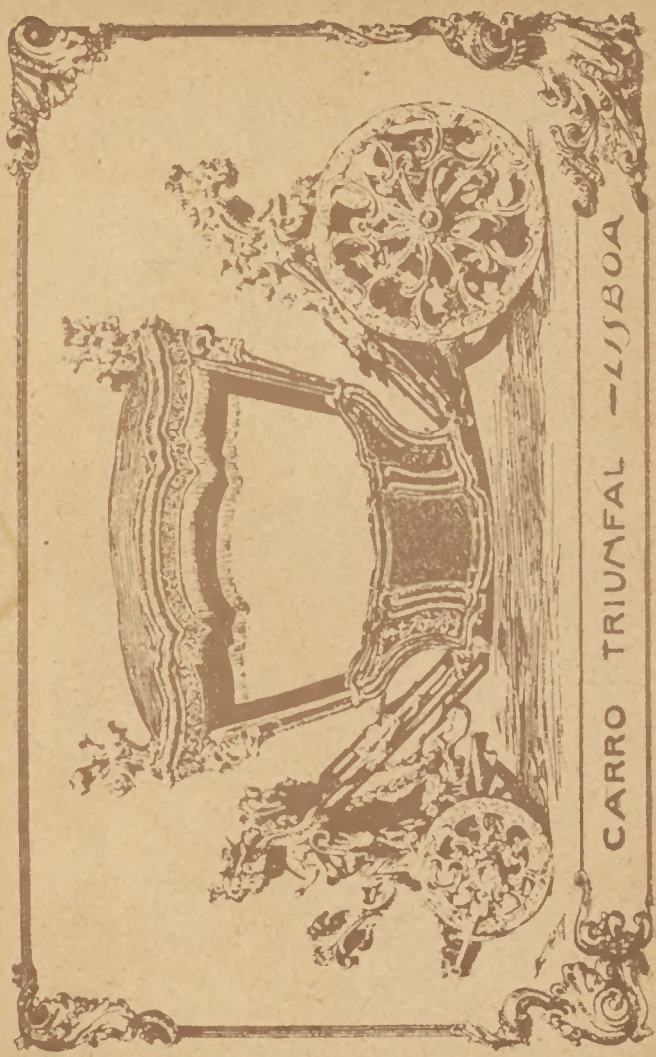
Os Sacrificados

L.

82

EXTREMADURA.
-PENICHE-





CARRO TRIUNFAL - LISBOA

COLECCÃO LUSITÂNIA

JOÃO GRAVE

OS SACRIFICADOS

(CONTOS DA GUERRA)

—≡ EDIÇÃO ILUSTRADA ≡—

COLECCÃO LUSITANIA

- 1 — *Amor de Salvação*, por C. C. Branco.
- 2 — *Riquezas do Pobre*, por C. C. Branco.
- 3 — *Eusébio Macário*, por C. C. Branco.
- 4 — *Corja*, por C. C. Branco.
- 5 — *Cartas de Amor*, por Sórora Marlana e *Orta de Guia de Casados*, por D. Francisco Manuel de Melo.
- 6 e 7 — *Nozsa Senhora de Paris*, por V. Hugo.
- 8 — *Amores do Diabo*, por C. C. Branco.
- 9 — *Frei Luís de Sousa e Um Auto de Gil Vicente*, por Almeida Garrett.
- 10 — *José Balsamo*, por C. C. Branco.
- 11 e 12 — *Madame Bovary*, por Flaubert.
- 13 — *Menina e Mõça*, por Bernardim Ribeiro.
- 14 — *Brasileira de Prazins*, por C. C. Branco.
- 15 — *Camões*, por Almeida Garrett.
- 16 — *Romance dum homem rico*, por C. C. Branco.
- 17 — *Cartas do meu moinho*, por A. Daudet.
- 18 — *Freira no subterrâneo*, por C. C. Branco.
- 19 — *Vlagers na minha terra*, por Garrett.
- 20 — *Carrasco de Vitor Hugo José Alves*, por C. C. Branco.
- 21 — *Rafael*, por Lamartine.
- 22 — *O Arco de Sant'Ana*, por A. Garrett.
- 23 — *Mosaico e Silva*, por C. C. Branco.
- 24 e 25 — *Noventa e três*, por Vitor Hugo.
- 26 — *A Religiosa*, por Diderot.
- 27 — *Livro de Consolação*, por C. C. Branco.
- 28 — *Atala, René, o Ultimo Abencerragem*, por Chateaubriand.
- 29 e 30 — *Ultimos dias de Pompeta*, por Lord Lytton.
- 31 — *Mulheres da Beira*, por Abel Botelho.
- 32 — *O Alfageme de Santarém*, por Garrett.
- 33 — *Flor d'Alisa*, por Lamartine.
- 34 — *Maria da Fonte*, por C. C. Branco.
- 35 — *O iustre Dr. Mateus*, por Erckmann-Chatrian.
- 36 — *Cláudio*, por Lamartine.
- 37 — *Dama das Camélias*, por A. Dumas.
- 38 — *No Bom Jesus do Monte*, por C. C. Branco.
- 39 — *Manon Lescaut*, pelo Abade de Prévost.
- 40 — *Contos escolhidos*, por Júlio Brandão.
- 41 — *Os Sacrificados*, por João Grave.

Em preparação:

- 42 — *O Senhor Deputado*, por J. Lourenço Pinto.



João Grave

JOÃO GRAVE

De Academia das Sciências de Lisboa

Os Sacrificados

(CONTOS DA GUERRA)



LIVRARIA CHARDRON, DE LÉLO & IRMÃO,
EDITORES. R. DAS CARMELITAS, 144. PORTO.

COMPRA

200353

L
56382

AO ILUSTRE ESCRITOR

EMIDIO DE OLIVEIRA



OS SACRIFICADOS

UM SONHO DE EPOPÉA

Capitão Vítor, o brilhante oficial que, em Armentières, sob o chuvaire das granadas alemãs, conduzira os seus soldados aos fulgurantes combates, começou assim essa estranha narrativa, enquanto nós religiosamente o escutávamos:

—«Ao fim de violentos dias de peleja incessante, eu e a minha companhia, dizimada pelos sucessivos recontros, fomos mandados para a retaguarda das linhas de fogo, porque já mal nos podíamos sustentar de pé. Os que não estavam feridos encontravam-se extenuados. Havia muitas noites que não tínhamos conseguido repousar duas horas. O direito a alguns momentos de descanso fôra, pois, heróicamente ganho...

Uma tarde, eu e alguns oficiais franceses reunimo-nos num café que transbordava de animação e de mo-

vimento, sob o jôrrô branco da luz eléctrica. O exército de França acabava de conquistar as posições alemãs de Verdun, e este facto exaltava a alegria dos meus camaradas, que quizeram celebrar o triunfo com taças de *champagne*. Saúdámos o generalissimo Pétain, que precisamente em Verdun colhêra os seus mais viçosos louros, e saúdámos também os povos que junto da França combatiam pela liberdade e pela esplendidez da civilização latina. Portugal foi ruidosamente aelamado.

Depois, acendemos os charutos e conservamo-nos sentados á volta da mesa de mármore, discutindo a guerra formidável em que os homens havia três anos se dilaceravam. Foi então que Paul Dupont, que era, antes do conflito estalar, um dos mais ilustres escritores de Paris e que, pela sua heróicidade na batalha do Marne, obtivera os galões de capitão, elevando a voz, evocou Joana d'Arc, fazendo desfilar diante de nós, na atmosfera fumarenta da sala, o vulto admirável da Virgem guerreira que salvou a França. As suas palavras causaram-me uma impressão por tal forma intensa, que posso reproduzi-las com absoluta fidelidade.

— Diga-as, diga-as! — pediu um dos nossos companheiros.

— Direi! — exclamou Vitor. — Faço-o até com prazer, porque nessas palavras há muita beleza e muita grandeza, e admiravelmente interpretam a fé que a alma nobre da França sempre teve no êxito desta campanha.

Aproximamos mais as nossas cadeiras do narrador e fez-se entre nós um silêneo profundo.

— Eis o que Paul Dupont nos contou, linha a linha — disse Vitor: — «Há cinco séculos — principiou êle — também pelas floridas margens do Mosa, onde se ergue a fortaleza inexpugnável de Verdun, se ouvia o fragor do canhão e scintilavam as fôlhas das espadas; também se feriam rudes batalhas em que o sangue humano abundantemente corria; também se sitiavam e se canhoneavam cidades — o que prova que a existência do ser consciente é um combate infundável e que as guerras em que os seres pensantes se despedaçam são tam vélhas como a Humanidade. Era no tempo, já dislante e envolto numa pesada névoa de desconhecido e de sonho, do duque Carlos de Borgonha, que, para combater os seus inimigos, vestia uma forte e reluzente armadura de aço faiscando ao sol, e da doce duquesa Margarida de Borgonha, santa e piedosa mulher tôda entregue aos puros euidados da oração e do amor, entre as donas e os louros pagens do seu séquito. Sôbre a terra gaulesa caia uma dura ameaça.

Os ingleses, vindos de longe a bordo das naves de alta prôa, desembarcaram, formaram hostes cerradas e numerosas, sob o comando de generais célebres, e logo começaram a conquista com rara fortuna. Então, nesse momento de angústia em que sempre surgem, num resplendor de ouro, as figuras heróicas, nasceu em Domrémy, pequena e sossegada povoação aninhada entre a verdura dos arvoredos, uma criança predestinada que havia de chamar-se Joana d'Arc e ser queimada viva numa praça pública de Rouen, em maio de 1431, quando os vergéis e os jardins enlora-

vam e pradarias e várzeas se cobriam de relvas frescas e primaveris. Essa criança, com um fulgor divino na meiguice dos olhos e um clarão de fé na alma virginal, devia libertar a França gloriosa e épica. Ainda hoje existem em Domrémy as paisagens evocadoras que ela cruzou atrás dos ribanços e as igrejas góticas em que entrou para orar e para escutar o som jovial dos sinos que se espalhava, claro e festivo, por todo o vale embalado pelo murmúrio sugestivo das águas cristalinas e correntes! E agora, como nas épocas longínquas em que a *Pucelle* era môça e ouvia, deslumbrada, uma voz miraculosa que a incitava às ásperas pelejas, ecoam lúgubrememente pelas quebradas dos Vosgos, pelas colinas de pendor suave, à beira dos rios que são as testemunhas dum remoto passado, as descargas terríveis da artilharia — que desta vez não é inglesa mas germânica.

Surdirá, nessa Lorena, que os bardos outrora cantaram, uma nova Joana d'Arc vindo em socorro da França atribulada?...

Em Domrémy vê-se, como antigamente, o templo de Nossa Senhora de Bremon — que fica junto duma fria fonte — onde a *Pucelle*, que Voltaire tam amargamente satirizou e que outros homens de génio dignificaram, tantas vezes ajoelhou diante do retábulo da Virgem, entregando-se a preces fervorosas; e próximo dessa fonte crescia, sob o banho fluido da luz e sussurrando ao vento, a alta faia que, na infância de Joana d'Arc, deixava cair dos seus ramos vigorosos as sombras veludas e consoladoras. Sôb as folhagens desta

árvore benéfica, a *Pucelle*, com as suas amigas de brinquedos, tecia as grinaldas de rosas silvestres que as fadas, nas noites de luar, lhe levavam.

Ela trazia, nessas eras que já vão tam longe, a vista inocente pousada numa luminosidade que irradiava para além das nuvens e que a punha em comunicação directa com os espíritos e com os ideais. Um ciclo quáse milagroso ia principiar. A crença daria flor nos sentimentos; um sonoro sôpro de Epopeia correria a França de norte a sul; voltaria, em revoadas, a confiança perdida; amadureceriam num torrão fecundo as douradas searas; uma pátria abatida e sacrificada levantar-se-ia do seu desalento, da sua prostração, armando-se febrilmente e alistando-se sôb os gonfalões dos guerreiros aristocráticos, para impelir o invasor para lá dos mares, na ponta das lanças, no cano dos arcabuzes e no gume corlante das espadas! Carlos VII seria coroado solenemente, na grandeza e no esplendor das celebrações litúrgicas, nessa catedral de Reims — onde um anjo de beleza incomparável perpetuamente sorria aos crentes — que os tentónicos com tanta ferocidade bombardearam, transformando num montão informe de ruínas e de entulho o que eram pórticos sumptuosos, rosáceas duma finura e duma elegância de rendas, colunas de grácil fuste, nervaturas, abóbadas, naves austeras, esculluras prodigiosas, tórres de agulhas ogivais que topetavam com o azul translúcido !...

Foi ao entrar na adolescência que Joana d'Arc teve a sua primeira visão — renascendo para a vida sobre-

natural. Descendia duma raça sonhadora e emotiva, supersliciosa e sensível, que procurou sempre uma alegria espiritual no olhar inspirado das virgens. Seus pais, religiosos e enternecidos de bondade, amavam-na, porque era dócil, porque era linda e casla, porque gostava de meditar horas seguidas em coisas de Deus e em coisas da pátria. Quando as sombras nocturnas baixavam sôbre Domrémy e um profundo silêncio se fazia no campo extenso e nas densas florestas, Joana recolhia a casa, com as ovelhas fartas que todo o dia andavam nas férteis pastagens. A volta da lareira onde estralejava, pulverisando-se em faúlhas fulvas, algum vélho tronco, as conversas eram demoradas. Comeutava-se a invasão do ducado de Bar pelas tropas brilânicas, as incursões sucessivas na Champagne, a miséria das criaturas com as suas vivendas destruídas, as suas culluras arrasadas, os seus gados mortos ou arrebatados à fôrça, os saques, as violações, os incêndios. Um ciclone de desgraça varria dum extremo ao outro as regiões taladas a ferro e fogo — e a narrativa de tantos infortúnios exaltava a *Pucelle* até ao delírio.

Em junho de 1425, quando os cravos desabrochavam e incensavam o ar com o seu perfume, Joana foi sobressallada por uma aparição. Era de tarde. A luz lembrava uma flor que lentamente se fôsse desfolhando em aragem, aroma e transparência, nas alturas.

A *Pucelle*, que conlava enlão treze anos de idade, brincava sem cuidados com as companheiras, correndo nas veigas estreladas de boninas. De repente, alguém

de beleza relumbrante disse-lhe, em palavras musicais:

— Joana, vai para tua casa, porque tua mãe procura-te !

Alónila, intrigada, obedeceu. Ao chegar, perguntou:

— A mãe chamou-me ?

— Não ! — respondeu.

Volto para o brinquedo, mas em breve alvoreceu perto dela uma claridade ofuscante, e uma voz como a *Pucelle* ainda não tinha ouvido, em vibração e doçura de limbre, exclamou:

— Joana, tu estás destinada para uma outra existência e para praticar actos maravilhosos. O Rei do céu escolheu-te, entre lódas, para dares a felicidade à França e socorreres Carios VII. Veste-te de homem, arma-te ! Tu serás o chefe da guerra e tudo se cumprirá sôb as tuas ordens.

Mais tarde, durante os dolorosos dias do seu julgamento, abandonada do próprio soberano que havia feito sagrar na catedral de Reims, a *Pucelle* confessou ao juiz cruel, Jean d'Eslevel, o *Benedicite* — que foi o seu mais implacável inimigo — que esta voz lhe causou grande medo e que só depois de a escutar pela terceira vez, reconheceu que era dum anjo, fazendo por isso o voto de conservar a sua virgindade.

Tôdas as semanas a mesma aparição misteriosa e celeste vinha perturbar a *Pucelle*, clamando imperiosamente:

— É necessário que abandones Domrémy e que partas. A França espera-te !

A insistência decidiu-a, muito embora lhe eustasse

abandonar o cândido e meigo amor materno. Certa manhã, afastando-se da sua habitação, dirigiu-se a Vaucouleurs, procurando Roberto de Baudricourt, capitão bravo e castelão que, desde o princípio da guerra, convocára as suas mesnadas fiéis de cavaleiros e peonagem, de fidalgos e de servos da gleba que conluentemente, nos anos de paz, revolviam a leiva, vestindo grosseiros e sujos surrões de couro. Roberto de Baudricourt, porém, recebeu-a com desdenhosas gargalhadas. O potente senhor feudal, donatário de igrejas, não acreditava no superior destino daquela débil rapariga, tam formosa, que lhe falava com a animação esplendorosa das almas excelsas e que queria avançar por entre o fogo e a metralha, na embriaguez suprema do total sacrificio a um ideal, para redimir a França escravizada.

A *Pucelle*, contudo, não desistiu. Já atrás dos seus ligeiros passos as multidões confiantes bradavam, alvoroçadas pela revelação da heroína: e êstes brados terminaram por se impôr aos que mandavam. Em 1429, comparecia diante do delfim Carlos: mas, segundo o severo eronista Moustelel, ninguém lhe ligou a menor importância, tomando-a até por uma pobre donzela desviada do florente caminho da virtude.

Em março do mesmo ano, o futuro Carlos vii chamou-a à sua presença e, para a pôr à prova, meselou-se com os nobres da sua côrte. Joana, com fundo espanto dos que assistiam à cerimonia, foi para o príncipe, exclamando:

-- Deus vos conserve a vida, gentil rei!

— Não sou eu o rei, estais iludida. O rei é este !
— disse o monarca, indicando um dos seus cortesãos.

— Sois vós e nenhum outro !— insistiu a *Pucelle*.

Em face disto, o príncipe não hesitou. Deu-lhe uma casa militar e ofertou-lhe uma preciosa armadura, maravilhado do que presenciara. A França estava em vésperas de libertação.

Em abril de 1429, quando a primavera desdobrava na França transida um manto de rosas, Joana appareceu em Blois, pondo-se à frente dum exército de dôze mil homens, que, com muito custo, se reúnira, e dali escreveu aos ingleses prevenindo-os de que Deus a tinha designado para os repelir da nacionalidade invadida por êles. Os adversários riram-se da prevenção e queimaram o emissário. A *Pucelle*, de pendão ao vento, marchou sôbre Orleans, que estava assediada, entrou na cidade e foi à catedral rezar. Depois, novamente pediu aos inimigos que levantassem o cerco.

Inutilmente ! Os ingleses, ameaçadores, continuaram o assédio. A sete de maio, porém, a batalha estalou furiosamente e os sitiantes, destroçados, debandaram. A vitória inesperada convenceu os mais incredulos do poder transcendente da *Pucelle* e desde logo lhe criou fatais rivalidades. Joana vai a Blois, onde o rei permanecia, incita-o a prosseguir a guerra sem tréguas nem quartel, o duque de Alençon é designado para o comando das hostes francesas que hão-de bater as tropas britânicas sob a direcção da virgem de Domrémy — e os heroismos são constantes. Cidades que estavam sôb o domínio da Inglaterra recobram a

sua liberdade. Na França ressôa um caloroso hino de entusiasmo e de graças ao céu, por tantas glórias concedidas aos gauleses. Em breve Carlos VII, no meio duma pompa verdadeiramente rial, recebe a sagração em Reims, tendo junlo de si a libertadora.

Eslava realizado o valicínio. A França possuía um soberano e dispunha já dum exército valorizado moralmente pelo triunfo. Mas Paris encontrava-se ainda nas mãos dos invasores, e por isso a guerra conti-nuaria.

Joana d'Arc, combatendo sempre, transfigurada pela mesma fé, segue na sua marcha glorificadora até à batalha de Compiègne, onde foi ferida e feita prisioneira. Os seus émulos vingam-se. O partido inglês, que se havia constituído na França e que tinha os seus representantes na própria côrte, desejava ardentemente aquella vida sublime — para a despedaçar, tanto ella o havia humilhado com a sua grandeza de predeslinada. A nobreza e o clero odiavam-na. Carlos VII, impassível, sorrindo do allo do seu Irono, nada arrisca para salvar a mulher que lhe dera o scetro e, com o scetro, um reino. A *Pucelle* é acusada de bruxaria e, seguidamente a um processo vil e depois de ter tentado matar-se, precipitando-se do alto duma lôrre do castelo em que jazia prisioneira, foi queimada em Rouen, como uma herética que linha pactos secretos com o Diabo. Contemplou-se, então, êste espectáculo que é uma das mais estupendas páginas da história francesa: — Amarrada a um poste, sôbre uma pilha de lenha, a *Pucelle* olha serenamente o limpido azul,

indiferente aos rumores da população hostil que a cercava. As línguas de lume sobem, brilhantes, faiscentes, e envolvem-na. Joana, sem um queixume, com voz firme, confessa o nome de Jesus, esperança derradeira. As suas carnes de virgem, immaculadas, suavizadas de inocência, rechinam, ardem: e ella continua a invocar os nomes dos santos e das santas do Paraíso.

Por fim, a morte vem, como consoladora e apaziguadora única. A *Pucelle*, num grito, murmura pela última vez: — «Jesus!» — e morre, consumindo-se o seu corpo, esplendente de castidade, no braseiro terrível aceso pela crueldade e pelo fanatismo dos homens.

Foi uma alucinada? Foi um simples caso patológico denunciado pela sua exaltação redentora? Talvez: — mas a tanto tempo de distância do drama em que desapareceu, temos de concordar que Joana d'Arc encarnou o génio francês no que elle tem de essencial e de permanente, sendo, portanto, a verdadeira Padroeira da França moderna, sobretudo no incerto e sanguinário momento em que uma outra guerra feroz a devasta. A sua voz — no dizer de José Fabre — é igual à voz de Sócrates e a sua inspiração genial foi preparada, na opinião de Luce, pelos factos humanos dum período excepcionalmente trágico, por influências locais e provinciais, pelo misticismo, pelo fervor religioso que a transmudou numa vidente!...

Paul Dupont, chegando ao fim da sua vibrante narração, calou-se um momento, talvez para se concentrar e para coordenar ideias — continuou Vitor. Nós

todos fitavamo-lo enmudecidos. Os seus olhos dardavam, na sua face havia uma grande palidez, na sua frente resplandecia um clarão. Adivinhava-se nêle o crente e o herói.

— Não será ainda o espírito imortal de Joana d'Arc — exclamou, ao cabo duma curta pausa — que hoje conduz em Verdun o nosso exército contra as hordas invasoras, bravo e vingador como uma cólera celeste? Os soldados que combatem em Verdun são titãs, meus amigos. É justo supor que a sua intrepidez provém duma causa desconhecida. Domrémy, onde nasceu a *Pucelle*, fica perto do Mosa !...

Estávamos tam comovidos que não respondemos à interrogação de Paul Dupont — acrescentou Vítor; e, como a noite ia alta, despedi-me dos officiaes francezes, que ainda se demoravam à volta dos seus copos de cerveja, e dirigi-me para o acampamento das tropas portuguezas.

Fazia um luar admirável, um luar que me despertou fundas saudades de Portugal distante, com os seus casais dormentes sôb a lua, àquella hora, as ermidi-nhas ingénuas alvejando nos cimos dos montes, os rouxinóis cantando entre os canaviaes, à beira de água, ou nos perfumados laranjais em flôr, sendo talvez escutados por alguma romântica Joaninha dos Olhos Verdes.

O episódio histórico que Paul Dupont lembrara na sua linguagem sugestiva alvoroçava-me. Não podia esquecê-lo um só instante. Como êle, eu perguntava se, na crise que a França ia atravessando, uma nova Joana d'Arc surgiria, porque êsse país, «a doce

terra francesa», como diz a *Chanson de Roland* em versos de ouro, não podia morrer. Tinha, por vezes, a consciência nítida de que a França era invencível e de que novamente a *Pucelle* combatia ao lado das suas tropas, como Minerva outrora combatera em Platea, ao lado dos gregos.

Embebido, absorvido nestas meditações, entrei no acampamento adormecido. Nem um ruído, nem uma palavra se elevavam daquela imensa massa de tropas que daí a dois dias voltariam para a frente da batalha formidável. Apenas donde aonde as sentinelas vigilantes projectavam sobre o chão manchas de sombra movediça. Ao longe, o canhão troava incessantemente, fazendo oscilar a terra. Tempos estupendos! O drama era colossal. Os homens, alucinados, desvairados, destruíam pelo fogo, pela morte, pela dor, uma civilização esplêndida: mas uma outra civilização nascia já nas trincheiras, e com ela um sol divino e fulgurante de liberdade.

Entreí no aposento que me fôra destinado: — uma pobre casa em parte demolida pela explosão duma bomba lançada por uma aeronave germânica. O ar era lípido e translúcido: o luar filtrava-se, fluido e branco, através dos buracos do telhado. Estava agitado, nervoso, e não podia explicar a minha inquietação, que atribuí às emoções daquela noite reveladora. Deitei-me, porém, mesmo vestido e não tardei a adormecer enquanto ao longe o canhão troava sempre.

O que eu vi, durante as longas horas de descanso, através dum sonho maravilhoso, foi sobrenatural...

Dormia já havia muito tempo quando uma scena de incomparável grandeza principiou a desenrolar-se claramente diante dos meus olhos deslumbrados. E é curioso! Parecia-me que a minha intelligência nunca fôra tam subtil e que as minhas faculdades nunca possuiram tanta sagacidade e tanto poder de penetração, como nesse minuto que tinha, para a minha consciência, a duração de séculos. Nada escapava à lucidez bizarra do meu cérebro. Via, flagrantemente via, num enorme espaço de terreno, coberto de tendas de campanha, os exércitos repousando das suas rudes fadigas, iluminados apenas por uma lua, redonda e radiosa como um imenso globo eléctrico, que ascendia no azul estrelado do céu e que era um lírio sideral pulverizando-se em claridade. Extensos triângulos de espingardas, em que rutilavam as baionetas, formavam avenidas, ruas intermináveis. Raras árvores ramalhavam à aragem adejante. A serenidade era inspiradora. As vezes, dentre a legião inerte dos combatentes, mergulhada num sono cataleptico, rompia um punho fechado esboçando uma ameaça; mas não tardava que o *cauchemar* passasse. E eu considerava que todos aqueles homens, convocados para a defesa duma pátria em perigo, estavam condenados a derramar o seu puro sangue que havia de fecundar as rosas pelas primaveras idílicas. Quantos dêles viveriam daí a um, a dois meses? E quantos levariam para a escuridão do coval uma arte, uma sciência, uma beleza, uma verdade, uma eloquência ainda ignoradas?

Estas cogitações entristeciam-me, orvalhavam-me

os olhos de lágrimas; mas admirava a coragem e a decisão da mocidade guerreira, sacrificando-se altivamente a um sentimento e a um principio, sem uma indecisão, sem um desfalecimento !...

Inesperadamente, o luar tornou-se mais vivo, a terra dura e opaca resplandeceu de tal modo que eu a julgava alumada por uma chama interior, e das bandas do nascente surtiu um vulto transparente, translúcido, imaterial, que foi crescendo, aumentando, adquirindo formas harmónicas e humanas, mas imponderáveis, irreais. Era gigantesco, enchia todo o horizonte, locava as constelações com a sua fronte, pensavam-lhe na cabeça estrêlas crepitantes e, no entanto, irradiava uma graça, uma formosura etérea. Afirmei-me, trémulo de terror, e reconheci, precisamente Joana d'Arc, a *Pucelle*, a virgem de Domrême, que tinha feito coroar rei, na catedral de Reims, o delfim de França, Carlos VII. Havia um esplendor perturbante no seu olhar; a sua bôca virginea sorria cândidamente. Estendeu sobre o acampamento silencioso, lentamente, o braço esquerdo, oferecendo aos combalentes que dormiam uma corôa de louros viridentes e com a mão direita riscou no ar balsâmico um gesto infável de bênção.

Era a promessa formal da vitória !

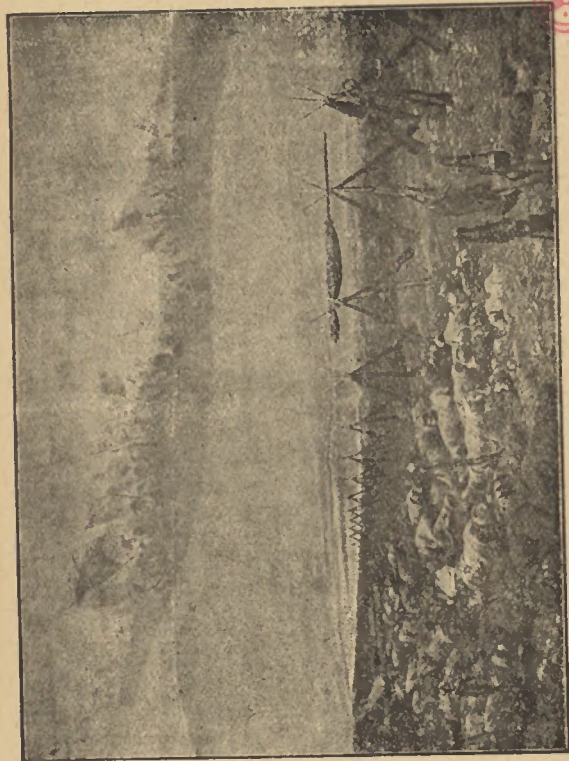
Joana d'Arc havia ressuscitado, correndo ao apêlo angustiado da França !...

Mas, um rumor surdo vinha do oriente, afigurando-se-me um tropear de corséis abalando à carga, de sabres relampejantes como coriscos na atmosfera macia. Volvi para lá a vista e o espectáculo que me surpreen-

deu foi estranho. Milhares de cavaleiros galopavam por entre um doce lénue, diáfano, de nuvens, numa arremetida irresistível, como nos campos de batalha de Wagram. Napoleão, a sombra de Napoleão, cavalgava à frente dos esquadrões intrépidos, no meio do seu estado maior. Os couraceiros, carregando no *élan* supremo do heroísmo, sugeriam-me uma infundável serpente de aço, de reluzentes escamas, que se ia tornando mais vaga, mais imprecisa, menos visível. Separava-a de mim apenas uma ligeira névoa e, contudo, eu não podia tocá-la com a mão !...

Estava comovido. Tõda a França prodigiosa renascia. Do fundo dos séculos extintos, os seus génios invencíveis acudiam para a libertarem, para varrerem os invasores do seu sagrado solo mutilado. E já um fulgor de ouro descia dos astros, para a celebração dos gloriosos triunfos !...

Acordei. O sol, entrando em torrentes pelo teto esburacado do meu quarto, batia-me em cheio na face. Ainda atordoado, saí da cama. Desconhecia-me ! De que regiões misteriosas, ignotas, vinha eu ? E que revelação, que profecia quisera o meu sonho fazer-me ? A pouco e pouco fui recuperando a pacificação de espirito e então compreendi tudo. A narrativa de Paul Dupont exercêra na minha enoção uma influência de tal ordem, que, por ela, reconstitui uma Joana d'Arc rediviva guiando os franceses à vitória; e a carga dos couraceiros de Napoleão, entre nuvens, enquanto os soldados da República repousavam, tinha-a em visto, meses antes, em Paris, no quadro imortal de Détaille.



... e a carga dos couaceiros de Nupoleño...

1.º Sacr.



que foi o maior pintor de Epopeias dos tempos modernos. Mas, a partir dêste momento singular, a certeza de que a França venceria, como outrora em Orleans, e como modernamente em Marengo e em Austerlitz, radicou-se na minha consciência !...

Quando Vitor acabou de falar, um arripio de entusiasmo fazia-nos estremecer. Olhavamo-lo caladamente, ainda penetrados pelo evocador encanto das suas palavras. Consideravamo-lo com admiração. Vagarosamente, dominando a perturbação íntima, estendemos-lhe as nossas mãos, que êle apertou nas suas, ainda calejadas de manejarem a espada nas pelejas fulgurantes.



UM DRAMA NA NOITE

HAVIA minutos apenas que Mateus estava no seu posto de observação, em pleno campo de batalha. A noite opaca, silenciosa, profunda, baixara sobre a terra, envolvendo-a de escuridão e de mistério. Não se lobrigava nada a dois passos — mas o soldado, com a arma pronta para repelir qualquer ataque inopinado, applicava o ouvido, tentava vislumbrar a distância sombra animada que se movesse no intuito de surpreender os combatentes do sector a que elle pertencia. O seu capitão, ao deixá-lo ali, naquele ponto arriscado, dissera-lhe com a voz trémula e em palavras comovidas:

— Olha que da tua vigilância dependem não só a tua vida como muitas outras, e depende também a honra da pátria !

Mateus considerava, portanto, o serviço que estava

prestando não unicamente como um dever mas como uma distincção. Quanto mais elevadas eram as responsabilidades, maior seria a sua glória, se se desempenhasse completamente da alta missão que lhe fôra confiada.

— Terei cuidado — afirmava a sentinela, com firmeza. Por aqui não entrará o inimigo sem que eu dê aviso.

Durante o dia pelejou-se com tenacidade e fúria por aqueles lúgubres sitios, formados de barrancos fundos, de cristas de montes, de densos matagais. Um torrencial dilúvio de metralha, caindo incessantemente, incendiara as árvores, calcinara o terreno revolvido, ateara o fogo, fragmentara-se num ciclone de ferro que espalhara a morte e a dôr em tôdas as direcções. Tinham tombado, para sempre, no recouto feroz, companheiros seus que ainda de manhã, contentes e descuidados, com êle riram e com êle haviam formado projectos de vida futura, quando acabasse a guerra e os invasores, levados nas pontas das baionetas e nas goelas fumegantes dos canhões, fôsem atirados para além das fronteiras. Bastaram, porém, algumas horas alucinadas e terríveis de combate para que muitos dêles, cumprindo com heroísmo e orgulho a sua obrigação de patriotas, sollassem o derradeiro arranco, esburacados pelas balas ou passados pelos sabres afiados e resplandecentes de brilhos brancos à luz diurna. Mas as tropas contrárias foram enérgicamente rechacadas nos seus successivos ataques, deixando a leiva fria coberla de morlos em atiludes bizarras, sem con-

seguirem abrir brecha na muralha espessa formada de artilharia e de carne humana que resistiu sempre com vigor, com impeto, com uma coragem que nunca desfaleceu — e isto enchia de alegria e de entusiasmo a alma de Mateus.

— Se voltarem — monologou êle — terão a mesma espera.

Era precisamente para isso que êle se encontrava naquele êrmo, escondido entre penhascos que se erguiam numa elevação donde seria possível divisar tôdas as manobras dos invasores, logo que a madrugada raiasse esplêndida de claridade.

De quando em quando chegavam, aos seus ouvidos atentos, sons confusos, vagos murmúrios de conversas que dir-se-iam partirem de bôças ocultas na treva enigmática. Eram os combatentes das trincheiras que ficavam por detrás da sentinela. Para iludirem o sono, palestravam, contavam velhas histórias, revelavam os seus romances amorosos. Este sussurro que lentamente se apagava na obscuridade e na nudez nocturna, era uma companhia para o soldado. Não que tivesse medo! Os homens que diariamente e durante muitos meses convivem com a morte terminam por familiarizar-se com ela, e do seu coração e do seu espirito foge tôda a ideia de pavor. No entanto, a certeza de que, nos momentos de perigo, outras criaturas humanas amigas se encontram ao nosso lado ou perto de nós, fortalece o ânimo, excita a coragem.

Uma fôrma indecisa ergueu-se de súbito na frente de Mateus.

— Quem vem lá? — bradou êle, cruzando a espingarda armada de baioneta.

Era o official da ronda, que trocou com a sentinela a senha combinada e que inquiriu do que se passava.

— Por aqui não há novidade! Tudo sossegado — informou Mateus.

De novo o official lhe recomendou solicitude, com uma pontinha de comoção tremendo nas suas palavras doces, afáveis, que não eram de superior para inferior mas de camarada para camarada.

Ao fim de longas semanas de luta, o conflito sangrento estabelecêra absoluta solidariedade entre todos os que se batiam pela mesma causa sagrada e pelo mesmo ideal nobre.

Ao ficar novamente só, Mateus reatou o fio interrompido das suas meditações. Quanto sofrimento, quanta aflição, quanta miséria, a guerra implacavelmente semeava, como um sinistro semeador, na pobre nacionalidade! Cidades bombardeadas, povoados destruidos, searas arrasadas, vinhas carbonizadas, fábricas em ruínas, populações inteiras errando ao acaso, acossadas pela fome, pela doença, pelo frio! Eram mulheres, velhos, crianças pálidas e lacrimosas — porque os seres enérgicos e viris que podiam sustentar uma arma nas mãos, tinham corrido para a linha de fogo. A cólera desvairava-o.

Não haveria a pátria de vingar-se de tantos ultrajes e de tantas calamidades, pelo esforço, pela bravura dos seus filhos?...

A brisa trazia-lhe da distância um cheiro acre de

sangue e de pólvora queimada. Pela planície, pelo recôncavo das montanhas, pelas colinas de declive suave, à beira dos bosques, milhares de corpos apodreciam, descobertos, porque nem tempo houvera de enterrá-los, engordar com eles o húmus, para que melhor florisse de rosas silvestres e verdejasse de relvas na primavera próxima. Depois, era arriscado ir levantar os que se abatiam debaixo do dócel das granadas que infalivelmente vinham das trincheiras contrárias. Os cadáveres de um e de outro exército jaziam abraçados e quietos na inércia da morte, como inimigos já reconciliados, por nada mais quererem da existência.

As meditações de Mateus foram outra vez sobresaltadas por um ruído estranho. Pareceu-lhe ouvir um rumor de paus secos que se quebrassem.

— Quem vem lá? — gritou.

Ninguém lhe respondeu. Ansiosamente mergulhou os olhos inquietos na sombra, espreitando, sem nada distinguir.

— Enganei-me, certamente... Foi talvez alguma pedra que se desgarrou da encosta da serra...

Vagarosos instantes de expectativa decorreram, sem acontecer qualquer coisa extraordinária.

— Foi ilusão minha — concluiu Mateus, abaixando a espingarda que tinha em pontaria.

O que seria feito de sua família? — pensava o soldado, já sereno. Há quanto tempo a deixara em lágrimas, ao partir para essa guerra cruel mas necessária que tanto demorava.

— Não te torno mais a ver, filho! — exclamara sua pobre mãe, num soluço.

— Há-de tornar, há-de tornar! — respondêra êle, mascarando a sua tristeza. Porque não?...

Ainda agora, ao fim de tantos meses, se recordava com infinita melancolia dêsse minuto de angústia e sentia uma grande piedade pelas outras mães cobertas de luto de quem os filhos haviam desaparecido na frialdade das vatas que Mateus abria com os companheiros para dar sepultura aos corpos ceifados pela metralha.

— Coitadas! Coitadas!...

Mas, acima do amor materno não estaria o amor pátrio? E não seria êste amor mais desinteressado e mais belo? Julgava sinceramente que sim. Contemplar a pátria arrasada pelos furacões de ferro e pelos incêndios, as famílias dispersas, os lares abandonados, o território mutilado, a fortuna devastada, a liberdade, a independência comprometidas, era um horror para todos os homens de justo sentir. As mãos crispavam-se-lhe no cano da arma. Uma fúria inesperada revolvia-o...

Qualquer dia, talvez mais cedo do que supunha, ficaria estendido, com uma bala na cabeça, sobre as erva mothadas, vermelhas de sangue. Mas sacrificava-se de boa vontade pela vitória do seu país, pelos seus futuros compatriotas, por uma nacionalidade maior, mais gloriosa e mais forte. A existência era só uma. Tinha de acabar como ludo acaba neste mundo. Agora ou logo, que lhe importava? Diante do facto inexorável da morte, o tempo nada representava. Só queria

ver mais uma vez sua mãe, que em pranto o estreitara contra o peito mirrado, que tantas vidas novas alimentara... E também desejaria dar um derradeiro beijo à noiva, que tantos contentamentos e tantas esperanças fizera desabrochar, como flores perturbantes, dentro do seu peito. Ah! essa noiva!... Quantos sonhos de felicidade idealizados com ela, quantas venturas entrevistas e agora tão distantes!...

Um vulto negro surdiu, saltando detrás das duras penhas e atirando-se-lhe à garganta. Era um soldado inimigo que viera de longe, arrastando-se como um verme, o ventre pesado contra a terra, e que, de improviso, atacava Mateus, tentando estrangulá-lo para que ele não desse o sinal de alarme. A luta terrível entre os dois homens, emmudecidos, começou na treva. Mateus largou a espingarda para mais dextramente se defender: mas o adversário era valente, tinha uma presa de aço, apertava-lhe as goelas nervosamente, querendo dominá-lo. Caíram ambos enlaçados, rolando nas pedras que lhes dilaceravam as carnes e abafando os rugidos. Mateus, lutando para libertar-se, via passarem, escoarem-se na obscuridade, outros vultos, que marchavam silenciosamente, em direção às trincheiras defendidas pelos seus camaradas, que iam ser acometidos de surpresa, por confiarem na sua guarda. Esta suspeita galvanizou-o, transmitiu-lhe um desesperado poder de resistência. Apertando o inimigo nos braços, conseguiu metê-lo debaixo dos joelhos: e, sacando do bôlso a sua navalha, feriu às cegas, rancorosamente, enquanto o outro se debatia e arquejava.

— Morres, morres, e nem o diabo te acode! — exclamava Mateus, com os dentes rilhados.

De repente, porém, uma baioneta trespassou-o das costas ao peito, com um ehoque tam violento que o deitou sôbre o adversário inanimado. A dôr que experimentou era fulgurante. Reagiu, para não perder os sentidos, mas as forças abandonavam-no apressadamente.

E soldados invasores continuavam desfilando, em grupos, em fileiras, em ondas! Os seus camaradas estavam perdidos! Ergueu-se nos joelhos, trémulo, escorrendo sangue, rastejou para a espingarda que estava a alguns passos apenas, tomou-a, convulsivamente, e então, satisfeito, cheio de júbilo, desfechou consecutivos tiros, que avisaram os combatentes das trincheiras do assalto iminente... Não pôde mais. Uma vertigem fê-lo cair de novo. A vida fugia-lhe aceleradamente. Um último pensamento para a mãe, uma última recordação da noiva ausente...

As pálpebras eerravam-se-lhe: mais ainda viu, nas vibrações da agonia, as tropas adversárias esgueirarem-se na treva, batidas, destroçadas pela fuzilaria dos companheiros. Ganhara, com um acto de heroísmo, o direito ao repouso perpétuo!



A. Long

A MAIOR DÔR

FINHA entrado em plena convalescença, depois de por muitos dias oscilar entre a vida e a morte; e agora, sentado numa cadeira de encôsto, junto duma janela do hospital de sangue — em que a angústia tomava aspectos formidáveis e ululava a cada momento — Gustavo evocava todo o seu passado: os sonhos de glória pela arte, as ilusões amorosas que deram flor na sua alma, as esperanças que a mocidade lhe prendêra à existência e que lentamente se foram dissipando como um fumo vão.

Estava ainda muito fraco. A cara magra e macilenta tinha uma palidez e uma transparência que a transtornavam. A barba crescida manchava-lhe as faces de negro. Os seus olhos reluziam como se tivessem concentrado em si a vitalidade completa do pobre

corpo torturado. A respiração era eurtá e ofegante e o menor movimento cansava, extenuava o convalescente, que por isso mesmo se conservava imóvel, numa quietude, numa inércia de coisa morta. Apenas a sua vista errava saudosamente pelos grandes espaços livres que se descortinavam ao longe, banhados por uma luz gloriosa, dourada, que tornava o ar scintilante. Fóra do edificio, a paisagem parecia adormecer no silêncio inspirador. Nem um grito, nem um ruído mais violento, nem um murmúrio mais profundo. Abril eobria de folhagens os arvoredos que rodeavam a vivenda aristocrática transformada em hospital, logo nos primeiros dias da guerra que continuava a devastar a Europa como um furacão, como uma tempestade sangrenta e de fogo. De baixo, do jardim viçoso e bem tratado, subia o perfume das florescências que era como um incenso subtil que se exalasse das corolas virginaes. O sol ardia como uma fogueira enorme sobre os pinheiros das montanhas que, do lado do nascente, formavam uma scenografia maravilhosa, resplandecendo de cores em que predominavam o ouro e o lilás. A manhã era nítida como um cristal. As aves, aos bandos, cantavam nos ramos floridos das mimosas e das fruteiras do pomar. Uma bica de limpida água, correndo perto, à sombra de fechados arvoredos, embalava a atmosfera de sons flutuantes e musicais. Uma alegria esparsa e uma energia fecundante pareciam andar suspensas na claridade.

A beleza natural dêsse sossegado recanto onde Gustavo convalescia comovia-o. Sentia renascer algu-

ma coisa estranha no eoração; o seu cérebro tinha uma lucidez especial que lhe activava o trabalho, a elaboração interior das ideias. Esclareciam-se agora para êle problemas em que outrora pensara durante muito tempo, torturando a intelligência, sem conseguir compreendê-los. Dir-se-ia que o sofrimento e a intensidade das múltiplaes emoções experimentadas nos últimos meses, em que heróicamente combatêra, lhe haviam transmitido mais subtileza e mais penetração aos sentidos. Êste fenómeno surpreendia-o. A eurioidade mental sobreexcitava-se-lhe, passando rápidamente uns assuntos para os outros, sempre com o mesmo singular poder de assimilação pronta e de compreensão fáeil. Tinha a sensação bizarra de que o seu cérebro estava absolutamente novo, que readquirira, durante o período demorado da atonia, motivada pela doença, amplas faeuldades que não possuía anteriormente: — e esta sedutora suspeita dava asas admiráveis à sua fé, fazendo-o sorrir eândidamente.

Espêssas pastas de algodão húmido fixadas por largas ligaduras de gaze cobriam-lhe completamente os dois braços. Era um inválido.

As horas de refeição, uma religiosa vinha, docemente, com o seu rosto de eandidez, de serenidade e de brancura que um riso adorável e puro illuminava, meter-lhe a comida na bôca, como se êle fôsse uma criança ainda inconseiente. Que horas tam suaves na amargura do seu infortúnio! A irmã Margarida, com a touca alva de neve sôbre os cabelos louros, sentava-se junto de Gustavo, envolvia-o num olhar de in-

finita piedade e de ternura, conversava com êle, escutava-o com a atenção e a graça com que as mães escutam os filhos quando começam a falar, e o tempo fugia velozmente sem deixar resíduos de lédio na sua alma.

— Está morto por sair daqui, não é verdade? — perguntava-lhe ela. E tem razão. Depois de tam duro padecimento, coitado!... Fóra do hospital, espera-o a familia, esperam-no os amigos, aguardam-no outras emoções...

— Mas não, mas não! — acudia Gustavo, protestando. A sua bondade, minha irmã, encheu de luz, para o meu espirito, êste logar. Começo a ter já saúdaes da sua ausência. E nem sequer quero meditar na tristeza do dia em que fôr obrigado a deixá-la. Encontrarei eu, nos egoísmos do mundo, quem me trate com a brandura, com a dedicação, com a afabilidade com que a irmã Margarida me tem tratado durante o meu suplicio?

— De-certo, de-certo. Pois não há-de encontrar? Eu não sou superior às outras mulheres, sobretudo quando essas mulheres forem mães — replicava a religiosa.

— Mas eu já não tenho mãe, minha irmã!

— Já não tem mãe? — interrogava ela com uma treaura na voz.

Seguiam-se longos momentos de silêncio entre os dois — um silêncio tam fundo que, no quarto onde estavam, se ouviam os menores ruídos que vintam do exterior. Gustavo, dorido de sentimento, fitava-a com maior atenção e ela sorria-lhe castamente, com uma

doçura indizível que o apaziguava, serenava o seu desalento. Depois, a conversa renectava-se, falando-se da guerra sem ódio e com sineera compaixão para tôdas as suas vítimas, do renascimento religioso que se operava nas trincheiras ou nos campos de batalha, sob o fragor da artilharia, as lorrentes de sangue que corriam, o delírio dos feridos, o estertor dos agonizantes.

— Diante da morte, minha irmã, a certeza de que Deus existe é indispensável aos seres conseientes — explicava Gustavo.

— Essa certeza é necessária em todos os actos da nossa vida, mesmo quando nada nos ameaça — dizia ela baixando os olhos. Só Deus nos ensina a ser justos, equitativos e bons, e só Deus aplaca as nossas exaltações morais.

— Tem razão — concordava Gustavo.

Esperava sempre a irmã Margarida com impaciência, quando se aproximavam as horas da visita, porque ela trazia a pacificação e o repouso ao seu coração, derramando nêle uma consolação que era como um orvalho fresco do céu caindo sôbre a podridão duma chaga, como um alívio benfazejo. Quando a religiosa entrava no quarto do doente — onde lhe velára as longas e negras noites de febre — parecia entrar com ela também uma luminosidade que espiritualizava tudo à volta. Depois, quando partia para socorrer outros feridos, ficava pezaroso, tinha quâse eiumes da dedicação com que a irmã Margarida se devotava aos que talvez não possuíssem a sua sensibilidade e a sua finura de alma. Considerava-se, por estas virtudes, com direito a con-

servá-la só para si; mas logo se arrependia dêsle egoísmo, acusando-se ásperamente.

Nos momentos de solidude, entregava-se a demoradas cogitações, em que evocava os esperançosos dias findos que foram uma promessa divina e que tinham mentido à sua ansiedade e às suas aspirações. Como o destino para êle havia sido sombrio, na verdade! A guerra veio encontrá-lo no seu *atelier* de escultor, amassando o barro nas mãos nervosas, fazendo brotar dos mármores nilidos tôdas as fórmãs exteriores e harmoniosas da vida, construindo com uma crença admirável todo um futuro de triunfos. Gustavo isolara-se inteiramente do mundo tumultuoso confinando-se, com a sua arte, no estreito espaço em que cabiam os seus ideais e nada mais querendo do que ficava para além das quatro paredes que o cercavam. Era um operário da Beleza. Enquanto os homens lutavam pelo ouro, pelas altas posições sociais, pelos fastígios mundanos, êle, solitário entre as suas estátuas, os seus bustos, os seus bronzes, os seus informes blocos de pedra que o cinzel havia de desbastar para a reconstituição das plásticas maravilhosas, sonhava e vivia feliz, numa espécie de ebriedade e de esquecimento de tudo quanto não fôsse a florescência do seu idealismo.

O *atelier* de Gustavo era vasto e de original architectura. Decoravam-no algumas pinturas escolhidas, algumas faianças de esmaltes rehzentes e de raro galbo, que o interessavam, sobretudo, pela clara nota colorida, alguns esboços em gêsso de obras ainda incompletas e um retrato, a óleo, do artista, feito em Paris por um

camarada, nos anos de estudo e de boémia sentimental. A luz que caía do alto, distribuída igualmente, espalhava uma claridade sem penumbras e também sem excessivas cruzes, incidindo sobre os Carraras esculpidos que adquiriam o tom das carnações verdadeiras e que dir-se-iam iluminados por uma chama oculta. Cabeças de velhos e de pequerruchos pareciam animar-se sob o sol que lhes batia em cheio. As suas máscaras ganhavam mobilidade de linhas, espelhava-se-lhes nos rostos toda a vida psíquica. Eram estes os instantes de maior encanto para Gustavo que experimentava, em certas horas, a sensação de que a humanidade por ele criada na fria e rígida pedra se movimentava, como se fosse dotada duma consciência e duma inteligência. Estirado num canapé, fumando e folheando um romance ou um poema lírico, ia concebendo outros trabalhos que perpetuariam o seu nome à admiração das gerações vindouras: e, de quando em quando, acordando do seu alheamento ideativo, erguia a cabeça para escutar vozes imaginárias e confusas como um vago murmúrio, como um hálito, que partiam de todos os lados, dialogando interminavelmente ou entoando ao estatuário um cântico de gratidão que apenas a sua alma entendia. Eram as suas crianças, as suas mulheres, as suas adolescentes, cinzeladas no mármore, que lhe falavam das supremas vitórias artísticas ou narravam, cochichando baixinho, as suas esperanças, as suas ternuras, os seus amores. Desvairado por esta alucinação dos sentidos, Gustavo, soprando densas baforadas de fumo que se esgarçavam, se espiralavam,

azulando-se no ar, pensava se a lenda de Pigmaleão seria apenas uma fábula sem raízes na realidade universal e perguntava a si próprio se um pedaço da alma de cada artista não passaria para a sua obra desde que ela fôsse realizada com a intensidade, com o sentimento, com o fogo interior que o consumia a êle mesmo, sempre que trabalhava, dando fórmas concretas e palpáveis às suas abstracções, às suas visões de formosura, de perfeição, de plena graça. Porque não? Esse fluido imponderável e invisível, mas tam enérgico e dominador, não se esterilizava nem morria. Um quadro, uma escultura, uma página de música, uma poesia lírica, uma novela, eram a história eterna dos seus criadores, conservariam perpétuamente alguma coisa da sua personalidade moral, da sua individualidade psicológica e da sua mesma imagem física, porque é com essa substância incoercível que a arte modela maravilhas...

Por essa época, Gustavo pensava numa estátua que seria a sua obra prima, a síntese do seu génio. Queria revelar, pela beleza dos mármorees brunidos, a secreta força que conduz para os intermúndios do ideal as almas sensíveis—qualquer coisa como a Psiqué humana oferecendo às multidões insofridas a verdade na ponta dos seus dois seios fecundos e sorrindo divinamente aos iniciados. Mas que atitude definitiva daria à figura transcendente em que meditava, sem a encontrar? No seu espirito, no seu cérebro, na sua emoção, havia uma lula permanente que o angustiava. De noite, quando se deitava e apagava a luz, ficava durante muito tempo

de olhos abertos, procurando ávidamente na escuridão formas e expressões de originalidade absoluta, e sempre em vão. A treva não fazia profecias à ânsia que o devorava como um mal íntimo nem rasgava horizontes luminosos à sua cegueira estética. Cansado, extenuado, terminava por adormecer — e sonhava incessantemente com a ideia que para êle se transformara numa perseguição contínua, baralhando na imaginação excitada delirios, monstruosidades estupendas, escultura absurdas, fantasias esplêndidas ou tocadas pela assidua loucura bizarra. Ao despertar, exausto, doente, fatigado, pretendia reconstituir as quimeras do seu sonho e fechava os olhos, assustado. A inutilidade dos esforços empregados desalentava-o com a dúvida da sua impotência. Nada conseguiria, nunca sairia da trivialidade, seria incapaz de audácias que os seus camaradas não atingissem. Lutar para quê? O homem jamais poderia comunicar realidade perfeita às suas ideologias. Sempre que julgava alcançá-las, caía extenuado na encosta da simbólica montanha onde as frotas seismadoras dos deuses sorriam aos seus adoradores!

Foi então que a guerra estalou, furiosamente, como um cataclismo, afundando uma civilização nas suas ruínas, nos seus fumegantes destroços, e inotano à sua voracidade tóda a esplêndida messe da juventude. Gustavo foi mobilizado e teve de partir para a frente dos combates, de espingarda ao ombro, matutando à voz dos oficiais, lá sem entusiasmo petear por princípios que não compreendia lúcidamente. A

pátria? Mas a sua pátria era a arte. Não tinha outra. E fôra para matar homens a quem não odiava ou para ser morto por êles, que o forçaram a abandonar o seu ignorado recanto, os einzeis que levantavam faúlhas de ouro ao talharem as brutas penhas para delas fazerem ressaltar as equilibradas modalidades, as curvas musicais da vida corpórea, o barro amassado em que fixava as arboreseências do seu ideal de beleza augusta! Os dirigentes arrancavam-no à immortalidade, conduzindo-o para a morte obscura e falando-lhe no dever cívico, no heroísmo, na elaridade divina das almas que se sacrificam pelos seus povos, pelas suas tradições, pelo brilho radiante da sua História! Contudo, bateu-se serenamente como os outros, entrou no inferno dos recontros fulgurantes, sem recuar um passo diante dos adversários, mostrou nas pelejas sanguinolentas uma coragem tranqüila, uma bravura que nunca empalideceu, mesmo nos momentos mais desesperados da derrota.

Uma noite, o duelo da artilharia foi formidável. As granadas voavam, silvando, bramindo, na atmosfera, sulcando-a de longos riscos luminosos, vindo re-bentar nos abrigos entrineheirados com um fragor terrível. O espetáculo era maravilhoso e Gustavo admirava-o. Tanto se concentrou na sua contemplação que derivou, mentalmente, para as preocupações artísticas dos últimos tempos da paz. De novo a sua obra — a obra lam ardentemente procurada — o absorveu: e, então, mergulhando num recolhimento espiritual inviolável, perdeu a noção de tudo quanto à volta se passava.

O estrondo dos obuses, o som sêco das metralhadoras, as descargas cerradas da fuzilaria, passavam-lhe despercebidos. Nem sequer ouvia o desordenado tumulto da batalha, que se encarniçava, se enfurecia. A grandeza trágica do cenário era poderosamente sugestiva e inspiradora para êle. Notava uma lucidez estranha na sua inteligência, tudo se clarificava para a sua sensibilidade interior, os seus nervos vibravam prodigiosamente. Num minuto, viu, em conjunto e em detalhe, a obra futura em que até aí se gastara sem resultado. Dissiparam-se-lhe tôdas as dúvidas e todos os opacos nevoeiros que lha encobriam. A sua Psiqué humana, que realizaria quando a guerra acabasse, — tam profundamente impressa a tinha na imaginação e na emotividade — surgia-lhe ante os olhos no esplendor da sua enorme grandeza. E fôra justamente a guerra devastadora e virilizadora que lha revelara ! Para essa guerra ascendia o seu infinito reconhecimento !

Inesperadamente, porém, uma granada, vinda de longe, explodiu perto de Gustavo e os seus estilhaços feriram-no gravemente. A violência da dôr fê-lo desmaiar. Quando recuperou os sentidos, estava deitado na cama dum hospital de sangue, com os braços envolvidos em algodão e uma dôr aguda que o dilacerava silenciosamente. Acabava de ser operado.

Seguiram-se, depois, as semanas intermináveis de cura — semanas monótonas, dolorosas, insuportáveis. Na sua modorra, no seu adormecimento, ardendo em febre, não comprehendia o que à roda do seu leito ocorria. Apenas sentia o suave afago de mãos puri-

ficadas da irmã Margarida, que lhe afofava o travesseiro sob a cabeça esvaída e que lhe compunha, com indizível meiguice, a roupa sôbre o corpo. A sua consciência renascêra. Notava que lhe faltava alguma coisa, sem saber o quê, suspeitava que um sofrimento maior viria junlar-se aos seus sofrimentos.

— Irmã Margarida — exclamou um dia Gustavo — ainda estarei delirante?

— Porque pergunta isso, meu amigo?

— Porque não sinto as mãos!

— Estão imobilizadas, pelo ferimento — respondeu ela atrapalhadamente; — mas o movimento voltará!

— A irmã assistiu à operação? Não mas amputaram?... Se assim fôsse, melhor seria que me tivessem matado ou que me deixassem morrer! — disse Gustavo num grito.

— Vá, sossegue... Então?

— Mas amputaram-mas?

— Se já lhe disse... — acudiu ela com evasivas.

Por instantes, logo que a religiosa saiu, Gustavo entregou-se à meditação dessa horrível desgraça, que seria a destruição dos seus mais nobres ideais, das suas aspirações de glória. Se lhe livessem cortado, na verdade, para lhe salvarem a vida, as pobres mãos que tanta beleza haviam criado, não poderia realizar a sua obra definitiva, o obra para que vivia numa renúncia de todos os orgulhos e de tôdas as felicidades da existência. Agitava os braços alucinadamente, exacerbando o seu sofrimento, soluçava, abafando os gemidos na roupa da cama: e quando a religiosa voltou,

havia nos seus olhos um brilho de febre. Ah! com que abnegação incomparável a irmã Margarida então se lhe consagrou, rodeando-o de cuidados, de mimos, de delicadezas, para que a mágoa de Gustavo fôsse abrandando e não prejudicasse o seu restabelecimento! Fazia-lhe uma companhia constante, falava-lhe muito em Deus, aconselhava a resignação como uma das superiores virtudes humanas, lia-lhe páginas impregnadas de doçura e de misticismo, e só o deixava quando o sono o vencia.

Certa manhã, dera-se o inevitável. A religiosa, sentada junto da cabeceira do ferido, tentava distrai-lo, como de costume. A luz resplandecia. Um effluvio perturbante subia do jardim em flor.

— Minha irmã, diga-me a verdade—pediu Gustavo.

— Mas que quer, enlão, que lhe diga?

— Cortaram-me as mãos?

A irmã Margarida empalideceu; uma tremura agitou os seus lábios.

— Não me iluda. Seria um pecado!—murmurou Gustavo.

Ela não disse nada; mas duas lágrimas rolaram brandamente pelas suas faces, e isto foi uma revelação para Gustavo, que rompeu num choro convulso, despedaçador, afflitivo. Ah! as suas mãos, as suas nobres mãos que arrancavam a vida e a graça às coisas inertes e informes, sacrificadas impiedosamente por preconceitos e humanitarismos incompreensíveis! Essas mãos eram mais do que a razão do seu ser, a sua confiança e a sua glória! Não tinha outra. Am-

pular-lhas para que õle vivesse como um vegetal, fõra uma crueldade que não poderia perdoar. Antes a morte! A morte seria a libertação.

A ideia do suicidio atravessou-lhe o cêrebro como um relâmpago. Sim! Estava redimido — pensava Gustavo. O homem dispõe da força estupenda que lhe permite aniquilar a obra de Deus. Mas como se mataria a si mesmo? Não poderia manejar uma arma, manipular um veneno que beberia com voluptuosidade. A sua condenação era irremediável!

— Minha bõa irmã, é horrível!

— Tranqüilize-se, seja forte. A sua alegria ressuscitará, porque a misericórdia celeste é infinita! — exclamou, lentamente, a religiosa, acariciando-lhe a face.

— A sua bondade é que é inexgotável — respondeu Gustavo, soluçando fundamente.

A irmã Margarida, curvando-se sôbre o leito, beijou o ferido na fronte, longamente, demoradamente, como se quisesse, com aquele beijo de castidade sideral, reconciliá-lo com o infortúnio. Quando ergueu a cabeça, estava tôda rosada de pudor melindrado, mas tinha a alma contente pela sua bela acção...

Os dias foram deslizando, uns atrás dos outros. Gustavo curou-se completamente, resignando-se por fim, sempre confortado pela religiosa que o afagava: e agora, quando a guerra que o mulilára ardia ainda, como um incêndio, em tôda a Europa, esperava a hora em que o resluissem ao mundo, para sempre aniquilado como artista. No seu coração, porém, desabrochava uma flor de ternura e de amor!...



O AMPUTADO

QUANDO partiu para a Africa a combater contra os que ameaçavam a integridade do solo nacional, Francisco tinha apenas vinte anos de idade, era uma existência humana em plena primavera. Na sua imaginação de herói e na sua alma de moço desabrochavam as aspirações de glória e os sonhos de amor, como grandes, maravilhosas flores espirituais que um fulvo sol dourasse. No seu coração não havia um desfalecimento de coragem, uma tremura, uma hesitação. Nem sequer pensava em que a morte pudesse surpreendê-lo nessa jornada de epopeia, através dos mares profundos que outrora as fustas e os galeões lusitanos haviam sulcado, na descoberta dos mundos desconhecidos, das férteis regiões ignoradas que nas suas entranhas guardavam, como um segredo inviolável, as inexgotáveis ri-

quezas — porque para as mocidades ardentes e confiantes a vida é imortal. Apenas no seu sentimento subtil caía a luz clara e pura duma saúdade amorosa muito fina e muito doce que o levava a olhar magoadamente a suave, a calma terra de que se afastava cada vez mais, na beleza olimpica e na serenidade augusta da loura manhã de verão desfolhando sôbre as ondas verdes e translúcidas as pétalas duma enorme rosa de ouro.

Com efeito, atrás de si ficava alguêm amado com êsse entusiasmo esplêndido com que só amam as adolescências virginais. A recordação da figura feminina que fôra o enlêvo de Francisco em dias de paz e de certeza e que ia ser a sua companheira, se a guerra o não arrastasse no seu turbilhão de fogo, fazia-lhe tremer nos olhos negros as lágrimas que apressadamente enxugava com vergonha de que o vissem chorar e com mêdo de que tomassem por cobardia o que era sômente um ligeiro esmorecimento emotivo...

Curvando-se sob a amurada do vapor que arquejava ao potente arfar das máquinas, sob o vôo branco das gaivotas, e deslizava talhando sulcos luminosos à superfície da água infundável, o soldado que ia entrar em campanha relembra certos episódios da sua paixão que mais o tinham enlevado, deixando-lhe entrever um futuro de promessa e de ternura na meiga companhia de Luísa. Com ela idealizara, em conversas íntimas e murmuradas em voz baixa, nas horas dormientes em que a lua subia num céu faiscante de estrelas ou do alto descia uma sombra veludosa e discreta,

todo o romance mágico e feliz do seu destino. Teriam uma casa pequenina e branca entre roseiras perfumadas, em que houvesse sossêgo e ventura. Os meses, os anos fugiriam ali com asas de sêda e tam levemente que nem um nem outro sentiriam o resíduo de tédio do tempo — dêsse tempo que só é amargo para as criaturas desditosas e sofredoras. Tam convencidos estavam de que esta ilusão admirável viria a realizar-se — a sua confiança era infinita! — que nem sequer meditavam, no seu alheamento, nas surpresas brutais da sorte...

Francisco, escutando o marulho das ondas quebrando-se contra o vapor, reavivava as scenas líricas extintas como quem aviva o lume duma brasa entre frias cinzas. Por êle, repelira Luísa outras adorações que se lhe confessavam pesarosamente e lhe ofereciam uma fortuna material que a pobreza de Francisco não poderia dar-lhe; por êle, lutára enérgicamente contra a vontade dos pais que queriam a filha bem casada, com dinheiro ao canto das arcas e extensas propriedades, e que a todo o momento lhe repeliam:

— Rapariga, tu andas numa triste cegueira. Abre êsses olhos!

— Pois será cegueira — replicava ela. Mas que querem? Não gosto de nenhum outro.

— Tua alma, tua palma!... — diziam-lhe irónicamente.

E agora, eis que êle a abandonava para defender — longe da aldeia, dos lares repousados onde ao baixar da noite se acendem luzes espartas derramando à volta

um fulgor dourado e onde, ao luar, soluçam as melancólicas, elegíacas violas — a terra da pátria ameaçada! Quanto mais se distanciava do continente, mais êste cuidado o pungia: e de pé, na tolda, sob um céu admirável de pureza, de transparência e de claridade, Francisco procurava com a vista errante, para lá dos longes da água inquieta, as repousadas granjas, os pinheiros umbrosos, os montes tocados nos cimos por uma névoa ouro e violeta, sem que enxergasse imagens, formas vagas. O seu sobressalto foi, então, mais intenso. Na tristeza desalentadora da sua alma alguma coisa ia morrendo vagarosamente. Quem lhe saberia dizer se êle regressaria das distantes paragens africanas, se não caíria, durante o fogo dos rudes combates, sôbre o barro negro duma trincheira que o seu sangue generoso e quente avermelhasse, se o seu corpo não seria esquecido, sem sepultura, em regiões adustas e de que não formava a mais ligeira ideia? E se não voltasse, aureolado pelo triunfo e com a certeza consoladora de haver cumprido o seu dever de português, para sempre perderia Luísa que tantas esperanças de felicidade fizera refflorir no seu sentimento!... Parecia-lhe que tudo estava acabado. Desde o momento em que embarcou, êsse amor, em que tantas ilusões pusera, começou a desfalecer gradualmente, deixando em seu logar uma dôr ao mesmo tempo áspera e branda — dôr que êle excitava com encanto...

Ao fim da primeira semana de viagem, porém, o espirito de Francisco desanuviou-se de novo, uma alegria funda se apoderava do seu sêr, tornando-o ex-

pansivo. Conversava, folgava com os camaradas que, como êle, partiam também para as incertas batalhas e que, pela sagrada adoração da pátria, se sacrificavam, com a abelha do riso na bôca vermelha, tranqüilos e altivos.

Em certos instantes, para quebrarem um pouco a monotonia da fatigante jornada através dos mares, alguns soldados mais cultos abriam livros que liam em voz alta e em que se narravam vidas e aventuras épicas de homens ilustres pelo génio, pela coragem, pelo patriotismo. Francisco assistiu certa tarde a uma dessas leituras, feita por um estudante que ia igualmente para Africa e que era um dos cabos da sua companhia. Tratava-se da biografia do general francês, Hoche. A figura estranha do guerreiro avultava poderosamente na eloquência das palavras. O autor começava a desenhá-lo na primeira infância, ainda quando o futuro pacificador da Vendea era uma criança ignorante que seu pai, cozinheiro de Versalhes, desdenhava a todo o momento, por não servir para nada; seguia-o nos anos de calmaria em que essa criança predestinada, em casa de uma tia paterna, que vendia frutas à esquina das ruas, frequentava a escola de primeiras letras, já devorada pela sede de aprender e comandando, nas horas de folga, terríveis pelejas de condiscipulos em que as balas eram pedras e as espadas grandes cajados...

Francisco, acocorado a um canto do tombadilho, escutava o leitor com um interêsse que se lhe concentrava nos olhos brilhantes, de todo esquecido da po-

voação rural, das soroadas ao calor das lareiras, dos bailaricos nos adros: e, se havia uma curta pausa, perguntava com voz comovida:

— E depois?... Acabou a história?...

Depois, Lázaro Hoche, ao chegar à adolescência, como nessa época as guerras eram freqüentes em França, em breve ascendia ao posto de sargento, pelo seu valor e pela sua intrepidez. De sargento a general foi um instante. Nunca nenhuma outra carreira militar — nem a de Napoleão I — fôra mais rapidamente conquistada. Ainda a tia de Hoche, a sua educadora, conservava a modesta loja de frutas e ainda o pai assava grandes postas de carne nos espêtos de ferro com que Hoche, na meninice, esgrimia contra as paredes, e já o general famoso passava revista às tropas precisamente em Versalhes, soberbo e arrogante no seu chapéu de plumas e na sua rutilante farda chamarrada a ouro, galopando à frente das divisões formadas.

— E não morreu nas batalhas? — inquiriu Francisco.

— Quat morreu! As balas não lhe tocavam. Tinham mêdo da sua bravura.

De resto, nas batalhas só caíam os que tinham de cair, por fatalidade.

Francisco ouviu silenciosamente esta afirmação, experimentando um sobressalto interior. A pouco e pouco foi-se radicando na sua vontade o desejo violento de combater não movido pela aspiração de vir a ser um general famoso como Hoche, de quem, com tanto louvor, falavam os livros, mas unicamente para ennobre-

cer o seu país que os companheiros mais ilustrados lhe diziam ter antigamente realizado grandes feitos. Sacudia-o um contentamento muito íntimo, queria voltar ao continente, ao cabo duma vitoriosa campanha, tisonado pelo bafo ardente das soalheiras, ennegrecido pelo fumo da pólvora, trazendo flores orvalhadas no cano da espingarda que não matara por ódio mas por civismo, que não praticara crimes e que sómente cumprira uma augusta missão, lançando a morte entre chamas, labaredas de lume. Imaginava que assim Luisa havia de amá-lo mais !

Ansiava por desembarcar, seguindo em marchas forçadas, através de matagais e frondosas florestas, para o ponto da fronteira africana que ia ser invadida, atordoar-se no fragor das explosões terríveis, respirar o ar quente duma atmosfera abrasada de fogo: e foi para êle um dia entre todos bendito aquele em que saltou em terras da África portuguesa !

Volvidos meses, era conduzido à linha de batalha pela primeira vez. O seu comandante, falando aos soldados, recordou-lhes a pátria que da sua dedicação esperava o triunfo, incitou-os a baterem-se com firmeza, a não se aviltarem pelas desordenadas fugas diante do inimigo, quando a metralha chovesse sobre êles: e Francisco, com uma tremura nas mãos que se crispavam sobre o frio aço da sua espingarda, monologava:

— Eu não fugirei diante de nada. Seja o que Deus quiser !...

Iniciou-se a peleja por um duelo de artilharia entre os dois exércitos contrários e não tardava que a in-

fantaria recebesse ordem de avançar, não cedendo a menor porção de terreno. Fileiras densas de homens caíam, escabujando em charcos de sangue como as espigas duma seara por onde passam devastadoras fougues. A certa allura houve um desfalecimento de energia, sob o chuveiro das balas.

— Para diante ! Para diante ! — gritavam os officiaes, de espadas refulgindo ao sol.

O fogo era horrivel e mortifero: e os feridos que ficavam para trás, contorcendo-se e lamentando-se, gritavam de olhos desmesuradamente abertos:

— Água ! Água por caridade !

Mas ninguém os ouvia, na loucura, na vertigem que se apossara dos batalhões, cõrrendo à carga, de baioneta calada. Os cavalos, aspirando o cheiro acre da sangueira, relinchavam, saltavam, galopavam desenfreadamente, alguns já sem cavaleiros. Todo o horizonte se cobria duma fumarada espessa em que, continuamente, relampejavam clarões.

— Para a frente !

Francisco era um dos que marchavam na vanguarda, rugindo pragas, blasfemando, vociferando, para vingar os camaradas dilacerados. Tinha olvidado tôdas as suas amorosas recordações: a aldeia recolhida em que nascêra, os pais que o viram partir, desmaiando de angústia, a namorada que o ficára esperando com uma grande tristeza nos olhos e que, de-certo, nesse momento estaria rezando à Virgem para que a piedosa Mãe dos homens o restituisse são e salvo à ternura do seu peito e à alegria da sua vista. Com os dentes rilhados,

o coração batendo aceleradamente, desvairado de fúria, sedento de carnificina, o soldado corria sempre para o adversário entrincheirado a curta distância.

De súbito, uma granada, explodindo perto d'êle, triturou-lhe a perna direita pela côxa. Farrapos de carne fumegante esparrinharam sôbre o brim das calças, já manchadas por uma longa nódoa sangrenta. Rolando-se de desespero na poeira, Francisco, com os músculos da face contraídos pelo padecimento, ainda bradou:

— Para a frente, rapazes! Para a frente!

Seguidamente teve um delíquio e ficou imóvel, sob o vôo lento e dormente das moscas. Terminado o encontro feroz, os maqueiros vieram levá-lo, conduzindo-o, no seu desmaio prolongado, para o hospital de sangue, onde os médicos lhe amputaram a perna despedaçada. Ao despertar e ao entrar na realidade das coisas, Francisco perguntou:

— Quem venceu?

— Fomos nós, que repelimos o inimigo — informou o enfermeiro.

— Ainda bem — murmurou, satisfeito.

Mas, reparando no coto da sua pobre perna perdida, tôda envolta em gazes e algodões ensanguentados, não pôde conter o pranto. Mutilado! Estava mutilado, inválido para sempre, transformado numa personalidade grotesca, num aleijado!

— Antes lá tivesse ficado — gemia êle. Para que sirvo eu assim?

Com efeito, ao volver à sua terra, teria de arras-

lar pelos caminhos uma perna de pau, amparar-se a um bordão, sob as chufas da garotada que não perdôa. Bem sabia que a sua mutilação era honrosa, que a recebera a defender a pátria e que ela valia mais do que as condecorações que os bravos trazem ao peito; mas era humilde, precisava de trabalhar para angariar o seu honesto pão de cada dia, e a falta da perna reduzia-o à mendicidade na alvorada da vida.

— Fraca sorte. Teria sido bem melhor se eu morresse!

A convalescença foi vagarosa, e enquanto ela durou, Francisco queixou-se continuamente da amargura do seu destino. Uma dívida cruel exacerbava-lhe o sofrimento moral. Quando voltasse à aldeia e aparecesse naquele estado a Luísa, como o acolheria ela, que o conhecêra perfeito, vigoroso, admirável de robustez e de formosura física? Ia rir-se, com certeza, rir-se escarninhamente, dizendo-lhe que não queria um côxo por marido, porque não estava disposta a andar pelas feiras atrás dêle, esmolando! Ah! para Francisco, a morte seria a redenção...

Outra vez embarcou para Portugal, chegando a Lisboa ao cabo de algumas semanas. Como os pais o esperassem, consolando-o na sua miséria, o amputado quis logo partir para casa. Sentia necessidade — uma necessidade imperiosa — de ver Luísa sem tardança, para repousar da inquietação que o consumia. A entrada do lugar, a gente da povoação aguardava-o, em trajos de festa, para o saudar. Combatera pela pátria, fôra heróico, dera um exemplo, e bem merecia os

aplausos de todos! — explicara o padre, à missa dominical. Ninguém faltou — nem sequer Luisa, que estava à frente da multidão e que para Francisco estendeu os braços misericordiosos e amparadores, mal o lobrigou apoiado a uma muleta.

— Olha em que estado volto, minha amiguinha!

— Estás vivo! Dá graças ao Senhor!... — respondeu Luisa com as lágrimas borbulhando nos olhos.

— Pois tu ainda me queres?... Tu ainda queres casar comigo? — exclamou êle, por entre o ruído festivo das salvas de palmas e dos vivas.

— Porque não hei-de querer? Agora, mais do que nunca, porque precisas de mim! — afirmou Luisa, abraçando-o estreitamente, sob os punhados de flores com que os camponeses cobriam o soldado...



A. L. S.

A MORTE DA CATEDRAL

A batalha fôra violenta, rude, feroz, durante todo o dia. Os exércitos adversários bateram-se sem repouso duma só hora, desvairados pela mesma ansiedade de vingança, exaltados pela mesma aspiração de triunfo. Regimentos inteiros caíam sob o fogo destruidor da metralha, deixando a terra coberta de cadáveres, de sangue, de entranhas ainda palpitantes, de feridos que rugiam de dôr, pedindo socorro com voz débil e as pobres mãos suplicantes; mas outros imediatamente avançavam, gritando, cantando hinos patrióticos, marchando com soberba arrogância — desdenhando a morte — entre o brilho vivo das armas em que o sol acendia faíscas. Por mais duma vez, os que defendiam o solo sagrado da pátria sacrificada pelo invasor tiveram de

recuar diante da acometida do inimigo: mas logo a raiva pela humilhação sofrida exacerbava a sua fúria, e de novo carregavam com bravura, com heroísmo épico, levando tudo na ponta afilada e esguia das baionetas...

No entanto, já a larde começava a empalidecer e o combate não se definia nem se inclinava para qualquer dos beligerantes. No fundo dos vales, por onde se escondiam, nas dobras da folhagem, as aves assustadas com a ferocidade dos homens, principiavam a estender-se lénuos panos de sombra. Uma penumbra veludosa e macia adoçava as fórmãs, alongando-as. Só pelos píncaros dos montes rutilava ainda um sol fulvo, iluminando gloriosamente a luta gigantesca dos heróis. O trovão da artilharia, as descargas cerradas de fuzilaria, repercutiam-se pelas quebradas das serras, rolavam pelos outeiros.

O tumulto era formidável: — mas a ordem com que as tropas invasoras e invadidas se destruíam, num delírio, numa repentina alucinação de sangue, nem por um momento se desmanchava. Centenas de milhares de homens obedeciam rigorosamente à voz do comando, conduzidos por uma ideia superior, por um pensamento distante que vinha de longe trazido pela invisível pulsação de fios eléctricos ou pela telegrafia sem fios, por todos êsses elementos de extermínio que o génio da humanidade inventou em meio século de constantes investigações, de estudo infatigável, de subtil observação — trabalho portentoso que, se houvesse sido polarizado no sentido do amor, da fraternidade, do es-

pirito, teria modificado completamente a face do universo, dando-lhe uma prodigiosa consciência e uma prodigiosa moral...

Quáse ao cair da noite, porém, os defensores do solo ameaçado pela invasão conseguiram, depois de esforços colossais, tomar a posição principal dos exércitos contrários, obrigando-os a retirar precipitadamente sob o fogo devastador das baterias de grosso calibre: e uma divisão de cavalaria rompeu numa galopada victoriosa em perseguição dos que fugiam, acutilando-os, corlando-os a ferro, abrindo largas brechas nas suas fileiras, dispersando-os. Durante algum tempo, estrugiu uma jovial, sonora gritaria dos vencedores, celebrando a sua façanha que a história imortalizaria em páginas eternas. Em seguida, a serenidade reslabeleceu-se lentamente e ao alarido dramático do recontro succedeu o silêncio doce e sugestivo dos que repousavam felizes e com a certeza do dever eumprido.

A curta distância do exército triunfante, que occupa as trincheiras do adversário, Reims adormecia também com a confiança de que uma força muito poderosa velava pela sua inviolabilidade. Os soldados teutónicos já não passeavam altivamente nas suas avenidas, não atulhavam as praças públicas, não entravam com orgulho nos estabelecimentos, fazendo compras, não afrontavam os franceses com a exhibição leatral do seu poderio militar. O *piou-piou* libertara a vélha cidade gloriosa, restituindo-a à França. Um luar fino espalhava uma suave e lúcida claridade; e as agulhas gótticas da catedral, onde foram sagrados os reis de Fran-

ça solenemente, elevavam-se nos ares como uma ansiedade humana que procurasse um ideal longínquo. Uma a uma apagavam-se as luzes e o sossêgo tornava-se mais profundo.

Foi então que, de súbito, uma granada alemã explodiu com fracasso sôbre o monumento que era a jóia mais pura da arte ogival da Europa, rasgando-lhe na fachada um buraco lúgubre. Atrás dessa, outras vieram, terríveis, implacáveis, mutilando estátuas, quebrando colunas, triturando misulas e fustes de uma gracilidade aérea e musical, talhando sulcos sinistros nos admiráveis labores de pedra a que os séculos tinham comunicado uma *patine* especial. Não tardou que o incêndio rebentasse em vários pontos, subindo do bra-seiro, entre nuvens de faúlhas, as linguas altas e direitas das chamas. Espavorida, a população de Reims acudiu às janelas, para se acoular sem demora nos subterrâneos das suas habitações. Os germânicos, talvez para se imporem pelo terror, bombardeavam o templo maravilhoso que outras guerras atrozes haviam poupado com êsse respeito incomparável que as obras-prímias do gênio criador do homem merecem aos conscientes.

— Maldição ! Maldição ! — bradavam os crenles, pá-lidos de emoção e de cólera.

Mas o bombardeamento continuava metódicamente. De momento a momento, uma bomba que voava na atmosfera translúcida, riscando um longo rastro de luz, estourava com estrépito, abatendo paredes, fazendo oscilar tétos, estalando vitrais que historiavam, no

encantado brilho das côres, os actos dos donatários piedosos. A destruição era completa !

Nêsse instante uma voz vibrante e desconhecida, que parecia evoliar-se do agitado coração da noite e que enchia o espaço, saiu da Igreja de S. Remi, bradando:

— Eu sou uma testemunha dos séculos findos, dos dias imemoriais, dos tempos que há muito se extinguiram sem de si deixarem memória amável ou doce recordação. Já a luz do sol entrava pela minha rosácea gótica, quando Júlio César, que aqui passou com as suas legiões, invadiu as Gálias. Conheci os legionários de Germânicus, que relalharam os bárbaros das florestas, com seus gládios. Conheci igualmente o grande Augusto, amigo de Horácio e de Vergílio, a quem o povo elevava arcos triunfais que perpetuassem sua glória imperecível. Assisti ao assalto de Reims, no ano 406, e ao martírio do bispo que tôdas as manhãs, na pompa das suas vestes, celebrava a missa nos meus altares. E sempre essa gente não ousava tocar, com mãos impuras de máculas, nas aras dos templos ! Eram as épocas da barbarie !... Como é que hoje, nas éras redentoras e civilizadas, os guerreiros abatem as austeras moradas de Deus, que foram construídas, pedra a pedra, por todo um povo e que obedeceram, portanto, às pulsações, ao ritmo, ao idealismo duma raça inteira ?...

Na negrura dos subterrâneos onde a população se refugiara para não ser atingida pelas granadas ressoava constantemente o mesmo grito:

— Maldição para aqueles que a ambição do domínio terrestre conduz a todos os crimes !

A voz sôbrenatural que se tinha calado por instantes, voltou a bradar:

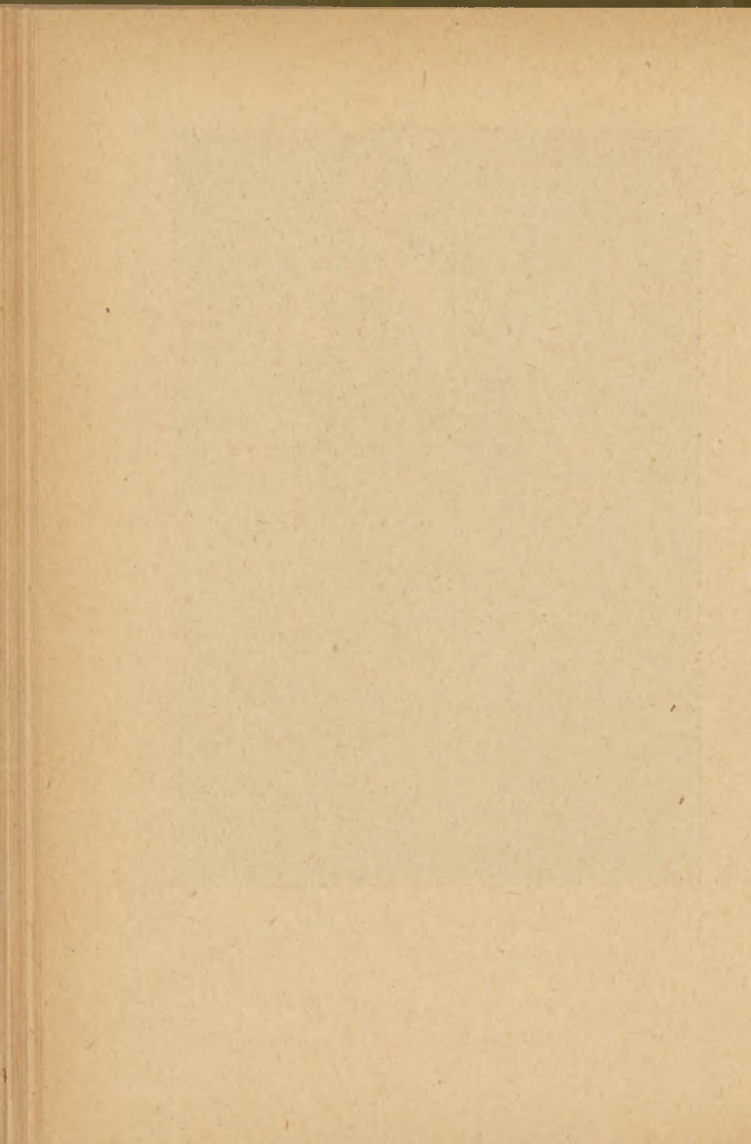
— Homens da guerra que o lume da pólvora ennegrece com seu líalito de fogo e que as carnificinas endurecem, deixai tranquilas as catedrais, onde constantemente se recita a oração da ternura, da bondade, da concórdia entre todos os sêres. Deixai as catedrais em sossêgo, que elas não vos fazem mal atgum. Não foram construídas para que à sua volta a humanidade se assassinasse, mas simplesmente para que ela, nas suas inquietações, nos seus desmaios, nas suas amarguras, nas suas dúvidas, nas suas lrislezas, nos seus sofrimentos espirituais, ai encontrasse o alívio, a esperança, a ilusão, a doçura que, nos desesperos da vida, derrama a frescura da consolação e a graça angélica e matinal da fé. Deixai as caledrais, deixai !...

O incêndio, ateadado pelas granadas que intermitentemente choviam sôbre o templo histórico, adquirira enormes proporções. As labaredas, que na noite tinham um tom avermelhado, irrompiam ululantes dos madeiramentos carbonizados, subiam mais alto do que as flechas, alavam-se aos astros, lorecendo-se no fio do vento. Um affitivo rumor de choros confusos, de soluços abafados, de preces, de vociferações pungentes, de pragas, de blasfêmias contra os adversários, vinha das habilações fechadas, como a única manifestação de vitalidade duma população impotente para maior des-



O incêndio, ateado pelas granadas que intermitentemente choviam sôbre o templo histórico...

Os Sacr.



fôrço. A voz transcendente e misteriosa protestava sem repouso:

— Vêlha como sou — vêlha de tôda a velhice! — nunca contemplei tamanho atentado! Ah! eu comprehendia que a artilharia se empregasse contra exércitos que pudessem defender-se e que por sua vez atacassem. A guerra é uma bestialidade e dependeu sempre menos da vontade colectiva — sobretudo desde que começou a fazer-se não pela conquista ou pela rapina mas mascarada pelas palavras do direito e da justiça — do que da vontade de meia dúzia de dirigentes a quem os povos se submetem passivamente. Por mim, apenas acho nobre a guerra das nacionalidades que pelem pela sua independência, das raças oprimidas que lutam pela integridade do seu solo e do seu lar. Mas, apesar de ser uma bestialidade, a guerra tem as suas leis. Armas contra armas, está bem. Porém, canhões de potente alcance assentados contra as cantarias duma catedral — lugar santo em que se não procura o ódio mas Deus, será uma profanação... E tal profanação odiosa ficará sempre na história, que é a consciência escrita do ser pensante, como uma acusação inextinguível. Esse será o castigo perpétuo dos que, em algumas horas apenas, desmantelaram, abateram o que levou anos sem conto e sofrimentos enormes a edificar, do que custou imensas vigílias, imenso génio, pacientes buscas, piedades, lirismos, enternecimentos!

Ao longe, no cume das eminências que ao fundo limitavam o horizonte, a artilharia tedesca troava sem descanso, mandando sôbre a catedral agonizante um

ciclone de ferro e de fogo, respondendo-lhe já a artilharia francesa, que acudira para proteger as maravilhas artísticas da França. A voz ignota relembra agora, naquela dramática noite, o passado do templo secular:

— Neste momento a França está perdendo alguma coisa da sua alma, da sua grandeza, da sua elevação, do seu corpo. Com a catedral de Reims, arde um dos seus mais brilhantes e eloquentes capítulos históricos. Desde o principio da dinastia dos Capetos, foram os arcebispos de Reims investidos da prerogativa importante de sagrar os reis franceses. Em 999, uma bula de Silvestre II — o ilustre teólogo d'Aurillac, que na minha igreja professou em palavras de ouro a teologia e que mais tarde ascendeu ao Pontificado — reconheceu aos prelados de Reims essa dignificadora qualidade.

Em 1179, o arcebispo Guilherme, o das brancas mãos, obteve do Papa Alexandre III um breve que proibia aos antistites da França — com exceção dos de Reims — que procedessem à sagração dos soberanos. E eis que com a morte da catedral, morrem também estas recordações. Ah! essa catedral admirável que foi, durante séculos, por assim dizer, o coração da França católica e monárquica, que conheceu os seus sumptuosos reis e as suas esplêndidas rainhas, e que apesar de incompleta, com suas torres truncadas, constituía uma das obras mais puras da arte gótica, será lamentada amanhã por toda a Europa culta: — mas o mal é irremediável. Com ela, com as suas naves, com as suas arcaturas, com as suas colunas, pereceram as inumeráveis estátuas do pórtico, que dir-se-iam talladas em

carne viva, os vitrais que tamizavam a luz, as tapeçarias que eram exemplares únicos, as riquezas do seu tesouro, tudo o que de mais belo a Idade-Média legara à França nos domínios resplandecentes da arte. E porquê, porquê? Simplesmente porque os franceses, defendendo a sua pátria ameaçada, resistiram à invasão, levaram, na sua investida, os adversários desde as linhas do Marne, donde já se entrevia Paris como uma ótima presa, até às linhas do Aisne, caldeando na luta energias vingadoras que não de arrojaram os invasores para lá da fronteira. Se não tivessem resistido, se se deixassem matar ou se entregassem em massa, então, a catedral de Reims, sem igual no Ocidente, viveria como viveu desde as idades remotas, venerada pelos devotos, admirada pelos artistas de tôdas as nações, cantada pelos bardos em estrofes nervosas, ondulantes e glorificadoras, celebrada pelos homens de emoção intensa e de alma sensível. Mas a França resistiu e a catedral morreu!... Morreu, sepultando a própria Joana d'Arc, a libertadora de Orleans, a virgem guerreira queimada viva e pousando, sorridente, os olhos expirantes no azul dos céus, enquanto o lume da fogueira devorava as suas carnes que nenhuma impureza humana manchara. A sua morte não foi a morte natural, a morte inevitável que se abate sobre tudo o que vive: — foi a morte do ódio, da raiva, da cólera, do furor que se não apazigua nem mesmo ante os templos angustos onde as gerações cristãs correm em peregrinação a buscar a confiança para as suas atormentadoras hesitações, a flor da fé para os seus pessimis-

mos esterilizadores, o ideal, o consôlo, a suavidade...

O bombardeamento, que durara tôda a noite, interrompeu-se, finalmente, ao alvorecer da madrugada, como se os canhões, arquejantes de cansaço, exaustos de fadiga, não pudessem despejar mais metralha sôbre as ruínas. A voz desconhecida calára-se também, como se a dôr a houvesse enmudecido para sempre. Os habitantes de Reims, tranqüilizados pela trégua que tinha de ser bem curta, saíram dos seus esconderijos, indo ver o que da catedral famosa restava, aturdidos, lacrimosos, passados de espanto e de terror. Do monumento legado à civilização contemporânea pelos séculos extintos, restava um montão de escombros. As tôres demolidas tombaram sôbre os feihados, abatendo-os; o fogo consumira tudo, desde os retábulos aos madeiramentos. Pelos nichos do pórtico, jaziam as estátuas de santos e donatários, umas sem braços, outras sem pernas, outras sem cabeça, outras ainda com largas feridas abertas na carnação divina dos troncos. Ah! êsse pórtico era também um campo de batalha, depois do combate. Os mortos e os feridos jaziam por tôda a parte, inanimados, em atitudes espectrais ou grotescas.

A catedral tinha vivido, como se dizia na Roma da época de Cícero. Então, de todos os peitos, de todos os lábios, de tôdas as bôcas, partiu o mesmo grito dilacerante e fulgurante que na noite inolvidável do bombardeamento continuamente se ouvira:

— Maldição ! Maldição ! Maldição !...



DO TERROR AO HEROÍSMO

DECLARADA a guerra, que fôra julgada inevitável logo às primeiras horas do conflito europeu, Joaquim passou a viver momentos atormenlados. Era novo, forte, podia manejar uma espingarda e avançar para os campos de combate a defender a integridade e a grandeza da sua pátria com uma história épica outrora escrita em letras de ouro pelos antepassados gloriosos; mas, desde que começara a sentir e a compreender, desde que se lhe formara completamente a personalidade, foi invadido por uma fraqueza de alma que nêle paralizava tôda a acção e o fazia empalidecer diante do menor, do mais remoto perigo.

Admirava, certamente, os actos de audácia e de bravura, o esplêndido desdêm pela vida com que os

outros marchavam para a morte, de frente erguida e coração intrepido — mas não podia seguir-lhes o exemplo. Um pungente receio, que era incapaz de vencer, de subjugar, apoderava-se de todo o seu ser, tranzia-o, alanceava-o de dúvidas. E esta eobardia moral vinha já de longe, prendendo-se-lhe tirânicamente à existência. Para mais, o seu desfalecimento de coragem agravava-se com nma doentia imaginação que exagerava, dramatizava qualquer lance sem importância.

Procurando desculpar-se desta fatalidade, recorria ao raciocínio e formulava curiosas teorias:

-- Os ânimos destemidos são aberrações, excepções à regra geral. Só os tímidos estão na verdade. O instinto da vida é inato no homem. Evitando os recontros em que essa vida corre perigo, os que tem medo obedecem às leis naturais. Aqueles que procedem contrariamente, são loucos, existe nêles nma degenerescência que os há-de traír...

Estes pensamentos, que julgava essenciais e intimamente ligados à realidade, serenavam-no. No fundo da sua consciência, porém, reconhecia-se um poltrão, e isto consternava-o. A guerra, essa então alucinava-o. Via, se nela meditava, os morticínios horríveis, sob os horizontes cobertos de fogo. Espavorido, reconstituía as narrativas alarmantes dos correspondentes do conflito sangrento, que, depois das pejejas, visitavam os trágicos sitios onde se feriam batalhas; — cabeças decepadas por eacos de granada, braços arrancados, pernas e troncos atirados com violência para grandes distâncias, entranhas despegadas aos pedaços !... Em cer-

los instantes, quando no seu sentimento se restabelecia a paz, Joaquim perguntava:

— Mas porque é que os homens se dilaceram, porquê? Que força extraordinária os move incessantemente?

Essa força derivava duma razão poderosa, formada pela fé patriótica, por orgulho de raça, por emulação, por um amor profundo à liberdade e à independência das nacionalidades sacrificadas, por uma abnegação sem limites, por um espirito de solidariedade que é sagrado e que nobilita os individuos: mas êle, dentro do seu egoismo e conturbado pelo pavor, nada comprehendia.

Parecia-lhe, em todo o caso, sumamente belo o movimento guerreiro que tendia a libertar as nações escravizadas — essas nações que são seiva nas árvores, luz nos céus, amor nos lares, immortalidade na história, aspiração colectiva para destinos vitoriosos. Queria, sómente, que os outros se batessem. Contanto que não fôsse obrigado a pelejar, seria um patriota...

Escondia estas lucubrações, que lhe queimavam de vergonha a face, na hora admirável em que tôda uma esplêndida mocidade ardia em entusiasmo bélico, agitando bandeiras, lançando estridentes vivas à guerra, preparando-se para a pugna sanguinolenta, bramindo contra os agressores dos países latinos criadores duma civilização incomparável e defensores dos ideais de redenção. Tinha a impressão lancinante de que, entre o seu povo, era o único ser válido a quem a perspectiva da luta atormentava e trazia numa aflicção amarga: —

mas nem por isso a sua psicologia de cobarde se modificava.

— Que querem? — perguntava. A culpa não é minha. Não posso ser acusado por não ter nascido herói...

Certa manhã, ao abrir os jornais franceses, que diariamente recebia pelo correio, leu uma noticia que exaltou a sua admiração. Numa carga à baioneta dada por um regimento contra as trincheiras germânicas, caiu ferido no peito, por uma bala certa, o coronel. Era um official amado pelos soldados que tratava como filhos e a quem continuamente mostrava actos de valentia, sendo o primeiro a pôr-se à frente dêles, de espada alta refulgindo e uma serenidade imperturbável sob a metralha. A carga foi repelida pelo inimigo, tendo os assaltantes de regressar aos seus pontos de abrigo: mas, através das fieiras de arame farpado, êles viam nitidamente o comandante estorcer-se no chão, convulsionado pela dôr. Era preciso acudir-lhe! Estava ainda vivo, podia salvar-se talvez, e a pátria carecia de homens dotados daquela firmeza, daquela energia comunicativa.

— Há entre vocês alguém que se disponha a morrer para ir buscar o nosso coronel? — exclamou um official.

A proposta era arriscada na sua execução, porque as metralhadoras do adversário varriam tôda a planície em que o comandante do regimento dizimado tombara. Notou-se, por isso, alguma hesitação.

— Não aparece, pois, um bravo, de tantos que ainda

há pouco arrostaram friamente a morte? — inquiriu novamente o oficial.

— Aparece um que não é bravo! — interrompeu um moço imberbe, adiantando-se. Faço menos falta do que os outros, se lá ficar para sempre. Não tenho familia, não tenho filhos, não tenho ninguém no mundo. Posso bem morrer, agora ou logo...

Os companheiros, pálidos e comovidos, contemplavam o audaz soldado que, serenamente, se ofertava para um sacrificio quáse certo; e êle, sem esperar mais comentários, meteu-se pelos fios de arame, rojou-se como uma cobra, dirigiu-se para o ferido debaixo dum sarai-veiro de balas, tomou-o pelos braços e foi-o arrastando lentamente. Os camaradas assistiam a êste espectáculo tam intenso com o coração apertado de angústia: — e estalou uma tempestade de palmas, de aclamações, quando o valente chegou com o corpo do coronel inanimado ao acampamento francês.

— Sabes que praticaste a mais bela das acções? — disse-lhe o official com uma funda comoção na voz.

— Fiz tam pouco! — respondeu o soldado, baixando os olhos, perturbado.

Como a coragem, afinal, era simples nas suas manifestações e nas suas afirmações altivas! — pensou Joaquim. Para ser-se corajoso, nada mais era necessário do que possuir uma prodigiosa fé e não ter à existência um irreductivel apêgo egoista. De resto a vida apenas seria soberanamente bela quando fôsse honrada pelas admirações humanas, quando, emfim, se nobilitasse pela sua grandeza!...

Pela primeira vez Joaquim sentia um vèxame que o vergava, o enxovalhava. Safu para a rua, pretendendo distrair-se, apaziguar o tumulto da sua inlidade moral. Era a um domingo. Pelas ruas da cidade que o sol dourava, a multidão ria, contente e satisfeita. Joaquim admirava-se de que, especialmente os homens novos que a Pátria em breve convocaria para o serviço do exército, não mostrassem nos rostos joviais a menor preocupação. Ao chegar a uma larga praça, deu de frente com um enorme cortejo de populares que soltavam clamorosos vivas à guerra. Esta visão electrizou-o. O longo e solene préstilo em que se destacavam vivamente, como gritos, as côres dos pavilhões aliados, enchia dum lado ao outro as vastas perspectivas. Uma onda de povo, revôlta, inquieta, cantava os hinos das nacionalidades envolvidas na carnagem, aclamava os generais vencedores, vociferava contra os impérios centrais; e de cima, das varandas, as mulheres acenavam com lenços brancos, que palpitavam à aragem como asas.

A scena era empolgante, comunicando qualquer coisa de indizível, de eloquente.

Joaquim experimentava uma comoção desconhecida. O seu terror principiava a dissipar-se como um nevoeiro que o vento dissolve. Seguiu de longe os manifestantes, ouvindo os comentários que se faziam e agora o interessavam. Tentava reagir por tôdas as fôrmas contra o seu inexplicável abatimento, no meio de um povo em festa e que tinha a noção exacta do dever a realizar. Procurava banir do espirito uma

fragilidade indesculpável, pôr a vontade num plano superior ao dos egoísmos, dos terrores, das conveniências pessoais. O medo terminaria por desonrá-lo, se êle se lhe submelesse sem rebeliões. Seria capaz de impeli-lo à fuga, à deserção, a uma situação abjecta de que nunca mais se redimiria. Apressou o passo, sacudido por uma febre que o vitalizava, juntando-se aos que se manifestavam pela entrada de Portugal na guerra europeia, acompanhou as ovações às nacionalidades aliadas.

No peilo, pulsava-lhe um novo coração, parecia-lhe que era um outro homem, mais nobre, mais viril, mais digno.

Decidido a cumprir a sua missão militar, a apresentar-se logo que o reclamassem, a bater-se contra o inimigo sem temor de morrer, tinha a impressão consoladora de que se lavava de uma indelével mancha, de que resgatava a sua consciência de todos os ultrajes.

— Que importa a vida? — murmurava mais tarde, quando os manifestantes dispersaram. Ela não é eterna...

Durante o resto do dia, desoprimido da angústia que por tanto tempo o martirizou, foi ruidosamente alegre. A cidade surgia mais linda à sua visla, as almas parecian-lhe melhores. Mas faltava-lhe ir até ao fim, completar a sua iniciação, para que o resgate fôsse absoluto: — e logo na manhã seguinte correu a alistar-se voluntariamente...



O CEGO

QUANDO Manuel foi chamado a incorporar-se no seu regimento, que ia partir para os campos de batalha da frente ocidental, tinha casado havia apenas dois meses com Emilia que fôra a doce paixão da sua mocidade, a flor amorosa da sua alma, em serenos dias de felicidade e de esperança sem nuvens. Uma simpatia espontânea, uma secreta afinidade física e sentimental aproximara-os naturalmente um do outro, sem violências, sem impulsividades carnaes. Nascendo duma pureza emotiva perfeita, o seu amor era puro também, criando laços fortes entre o coração dos dois e prometendo-lhes uma larga vida de ventura, de pacificação e de trabalho.

Manuel era o filho único de proprietários abastados que o trouxeram ainda nos estudos, porque que-

riam «ter um doutor em casa». Os professores, os livros, as horas áridas e monótonas do colégio, porém, fatigavam-no, comunicaram-lhe um tédio inveneível por uma actividade em que a sua juventude desflhava, e decidiu voltar para casa, depois duma reprovação que lhe melindrou o orgulho e ofendeu a vaidade, fazendo-se lavrador, entregando-se ao cultivo de terras que eram suas e que resumiam a história da sua família. Com efeito, várias gerações de antepassados tinham cavado, revolvido o seio inexaurível de toda essa terra, rasgando-a com o ferro do arado, para nela fazerem as sementeiras que, nos outonos melancólicos, quando as folhas dos vergéis adoecem e caem mortas no chão, enchiam de abundância tulhas e celeiros. Manuel, em horas de evocação, sentia um fino gôzo espiritual em lembrar a lide incessante desses humildes, ignorados lutadores que haviam arroteado os poisios, plantado as fruteiras, fecundado a leiva estéril, arroteado os pragais, consagrando-se ao torrão que os alimentava como se êle possuísse um entendimento e uma consciência, e aumentando sucessivamente os seus domínios por um esforço sem repouso e por uma economia de todos os momentos que poupava mesmo o pão para a boca. Para amontoarem ao canto das arcas um pinhado de dinheiro, extenuavam-se de sol a sol, no combate feroz do homem com o húmus, deformando o corpo, calcando as mãos negras e nodosas como raízes, suando sob a carga dolorosa, requeimando as carnes às soa-lheiras inelementes que esbraseavam o solo, vergados a uma condenação impiedosa e constante. Pobres, po-

bres avós ! Do fundo do seu coração bondoso subia um reconhecimento infinito para essa gente torturada que tanto lidou para lhe deixar a êle as farlas veigas, os prados extensos, os pinheirais rumorosos, os campos de cultura que andavam admiravelmente tralados, as vinhas que atestavam uma vasta adega, as granjas que se erguiam entre árvores, com suas eiras balidas de luz, seus espigueiros, seus estábulos e seus atpêndres onde se guardavam os apetrechos agrícolas ! Essas propriedades, se fôsem dotadas de voz e pudessem falar, narrariam o sofrimento dos que as foram reconstituindo parcela a parcela, curtindo privações e amarguras, ratinhando o alimento, trabalhando desde alta madrugada até alta noite, para que o casal fôsse crescendo, prosperando, até se transformar numa obra vitoriosa. Os abundantes haveres, que viriam a pertencer a Manuel por morte dos pais, tinham sido amassados, em dores, em lágrimas, em canseiras, em desalentos, em sacrificios de tôda a sorte: — e agora, em pleno desenvolvimento, florindo e frutificando como um corpo humano que entrasse em plena energia, ofereciam-lhe uma abençoada fartura, que Manuel e os seus colhiam suavemente, quâse sem dispêndio de vitalidade. Mas, quantas angústias tinham custado aos cultivadores antigos que só na cova encontraram uma paz bem merecida !

Manuel, da janela do seu quarto, contemplava a herdade que rodeava a habitação rural, estendendo ao sol o ventre inexaurível. Era enorme. As searas ondulavam a perder de vista, como um mar agitado, cur-

vando-se ao sôpro do vento. Para lá dos cenleios, dos trigos que já amadureciam, do milheiral que as águas de rega traziam viçoso, havia os lameiros onde cresciam os paslos para o gado; e ainda mais longe, numa colina, o pinheiral e o malo perfumado a rosmaninho. O ver-gel ficava à volla da vivenda e, pelos calores de julho, um aroma de frula madura ascendia das macieiras, dos pessegueiros, das laranjeiras e das pereiras.

Oulrora, lôda a riqueza territorial moderna era uma extensão bravia, coberta de penhascos hoslis, de sil-vados agrestes, de sarçuis. Fôra justamente o bisavô Leonardo, em quem o pai lanlo lhe falava e que Ma-nuel já não conhecêra, que encelou a tarefa heróica de transmudar tudo aquilo em terras de sementeira, de- pois de o comprar a rastos de baralo, porque ninguêm queria um chavascal que só produziria calhans. Em alguns anos de lide constante, o bisavô Leonardo fez dêsse chavascal uma das melhores e mais férteis fa- zendas dos arredores, indo buscar milho longe a água que saía, cristalina e fria, das bôcas negras das mi- nas, cantando em surdina a canluga pasloril da graça e da frescura e dando vigor às plantas.

Ali estava, na realidade, uma obra mais duradoura e mais bela — sobreludo, mais útil — do que os livros célebres compostos por homens de gênio, encerrando ideias originaes, pensamentos profundos! Estudar para quê? Havia na substância daquela propriedade um pouco da substância do seu próprio ser. Desviar-se dela, que o solicitava, que o atraía, era atraçoá-la e atraçoar o sentimento familiar. Seria lavrador tam-

bem, como o foram o bisavô Leonardo, o avô Maleus ! E não invejaria o destino dos outros, dos que saíssem das Escolas, para invadirem a politica, as universidades, a magistratura, os negócios ! Comunicou, resolutamente, a sua deliberação ao pai, que ficou passado de espanto, por não compreender que o filho preferisse a lavoura aos estudos.

— Tu não sabes o que isto é, rapaz. Se te persuades que a faina dos campos é uma brincadeira, estás enganado — disse-lhe êle irónicamente.

— É o mesmo ! Experimentarei — respondeu Manuel.

— Ah ! enfão bem ! Pega lá na enxada, que vais ver como elas mordem...

E para o castigar, pensando sempre que o filho se arrependeria, pedindo-lhe para voltar ao colégio, meteu-o nas labutas rudes da agricultura, com grande mágoa da mãe, a tia Engrácia, que chorava silenciosamente, exclamando:

— Oh ! homem, crêdo ! Não lens nenhum amor ao pequeno.

— 'Agora não lenho !... Tu não sabes disto. Entretem-te lá com a tua vida e deixa-me.

— Parece-me maldade lrazê-lo junto com os criados !...

— Adeus, minhas encomendas ! Êle não é mais do que eu. Também assim comecei e ainda continuo. Ê p'rá 'li ! Quer ser lavrador e há-de aprender o seu officio !...

Manuel, porém, resignou-se logo nos primeiros dias,

foi-se habituando lentamente às fadigas, adaptou-se perfeitamente a uma nova existência que era a sua vocação, e, a pouco e pouco, a severidade paterna foi abrandando. Ao fim de alguns meses, como persistisse na sua intenção, malogrou as aspirações do pai, que o queria letrado e que, perdidas as ilusões, lhe confiava os serviços mais leves, encarregando-o de dar ordens à criadagem, de dirigir os trabalhos, de vigiar os jornaleiros.

— Graças a Deus, êle terá muito que comer! Não precisa de afadigar-se — murmurava o pai, já reconciliado.

Foi por êsse tempo de áspera iniciação que Manuel conheceu Emília, dançando com ela numa romaria, no adro da ermida, ao som da viola. Morava numa aldeia próxima, a uma légua de distância, e seria igualmente uma bôa herdeira.

Emília era uma dessas belezas campestres destinadas à renovação da raça pelo domínio que exercem e pela inspiração que produzem. Alta, forte, de grandes seios estalando de seiva dentro do colête de linho, grandes tranças de cabelo dum negro azulado ennastradas no alto da cabeça, uma tez morena e olhos pretos e húmidos iluminando-lhe o rosto sorridente, dava a impressão duma dessas Musas rústicas que deixam atrás dos seus passos não sei que encanto e que claridade e que se movem dentro duma zona luminosa. Tinha um modo gentil de rir descobrindo as fleiras dos dentes brancos e miudinhos, molhava constantemente com a ponta da língua os lábios vermelhos e era adorável quando pu-

na as mãos na cintura, com os braços como as asas das ânforas gregas.

O namôro começou logo, sem ciúmes, sem exaltações, com uma seriedade que imediatamente fez espalhar pelas duas povoações a notícia do consórcio de Emilia, a fidalguinha da Casa das Parreiras, como lhe chamavam, de-eerto por viver afastada do penoso mourejar agrícola, entregue à costura e ao govêrno do lar familiar, e pelo facto da sua morada ter à porta da rua largas ramadas que lhe davam fresquidão e sombra e onde, em setembro, amadureciam os saborosos cachos de uvas.

Manuel e Emilia pensavam, realmente, no casamento desde o primeiro instante em que falaram com mais intimidade: e foi para êle uma grande alegria quando o pai, um dia, lhe perguntou com affecto:

— É verdade que tens aí um derricko com a filha do Estêvão ?

Còrando um pouco, mas sem baixar os olhos, Manuel respondeu com firmeza:

— É verdade.

— Está bem ! Não me desagrada essa franqueza. Eu, de resto, estava informado pelo próprio Estêvão, que não vai contra isso. E só te digo que o que se há-de fazer ao tarde, faça-se ao cedo. A Emilia é bôa rapariga, enche-me as medidas !

Por parte dos pais dos dois namorados entrava nestas negociações primeiro que tudo o cálculo. A aliança dos filhos formaria mais tarde uma grande casa. A balalha iniciada pelos ancestrais atingia um verda-

deiro triunfo, representaria um admirável trabalho constantemente acumulado até constituir uma considerável fortuna.

— O rapaz tem mais juízo do que eu pensava — dizia o pai de Manuel à mulher, quando à noite, na cama, conversavam demoradamente sôbre o caso importante.

— Não que tu!... — exclamava ela orgulhosamente, sem completar a frase de branda repreensão.

Com efeito, Manuel e Emilia casaram daí a semanas, indo viver para uma granja que Eslêvão dera em dote à filha.

Já então a guerra lroava na Europa havia mais dum ano, atulhando de carne martirizada as ueharias de morle, levando o luto, a aflição, a tristeza, ao coração dolorido das mães, e começava a dizer-se, vagamente, que Portugal mandava em breve tropas para a França. Manuel, porém, apesar de ser reservista, não se preocupava com isso, de tam embebido, de tam enfeitiçado que andava na infinita embriaguez do seu amor. Era uma cegeira de alma, uma adoração de todos os instantes, uma loucura que mais se exaltou, quando êle soube que Emilia ia dar-lhe um filho — uma flor que se gerara ao calor dos seus beijos, ao afago das suas ternuras e que prolongaria a vida de ambos.

— Oh! Manuel, como somos ditosos! — dizia-lhe Emilia, às vezes, abraçando-o, estreitando-o contra o peito, com os olhos razos de lágrimas de reconhecimento.

— Muito ditosos! — concordava êle, acariciando-a na face.

O seu noivado corria numa pacificação e numa ebriedade dos sentidos que nenhum tumulto perturbava. O horizonte do futuro ahria-se diante dêles sem uma ligeira mácula, resplandecente, promissor, maravilhoso. Ah! um filho! Quanta ventura êle viria trazer, com a sua inocência, ao enlêvo daquele amor constante! Mannel amava-o já, imaginava-o lindo como a mãe, impacientava-se por êle se demorar em aparecer, falava dêsse filho com tanto entusiasmo e tanto fervor, que Emília, fingindo-se amuada, lhe dizia:

— Tu depois, quando êle vier, não hás-de querer-me tanto como agora.

— Estás tôla! Hei-de querer-te sempre mais do que a ninguêm. Estás em primeiro logar na minha alma! E se tanto quero já ao nosso filho, é porque êle vem de ti.

— Ora! Dizes isso... — atalhou Emília.

Mas abraçava-o com enternecimento por aquela conslância amorosa, sentia a sinceridade das suas palavras, beijava-o demoradamente nos olhos, na bôca, na face, pousava-lhe com meiguice a cabeça no ombro forte.

— E se eu morro? — gemia Emília, com um sentimento presago.

— Que doidice! — interrompia Manuel, assustado. Não me digas isso!

— Olha que pode acontecer!

— Aí tornas! É para me fazeres zangar...

Depois, para que ela esquecesse esta impressão dolorosa, amimava-a com mais carinho, dizia coisas que lhe excitassem o riso.

— Tu sabes uma coisa, Emília ?

— Não ! Conta.

— Quando eu era criança, julgava que os meninos vinham de França !

— Patéticos que nos metem na cabeça ! — comentava ela, rindo com vontade.

Os dias iam fugindo rapidamente nestes devaneios, nas alegrias do trabalho a que Manuel se devotava corajosamente, na ambição de engrossar mais a riqueza que deixaria a seu filho — ao filho que estava para nascer, que era ainda um enigma, um mistério, uma ilusão e que tanto o preocupava já. Que imenso júbilo seria o seu quando o visse pela primeira vez, quando o tivesse nos braços, com a sua carinhosa mole, a sua frente cheia de inocência, de virgindade, de luz sideral...

Inesperadamente, porém, Manuel foi chamado ao regimento a que pertencia e que recebeu ordem de mobilização. Davam-lhe oito dias apenas para se apresentar. Foi um pavor ! Com que direito homens que desconhecia, que lhe eram indiferentes e absolutamente estranhos, dispunham assim da sua vida ? E como poderia êle deixar Emília, casada havia lam pouco tempo e que tanto amava pela certeza da sua doce maternidade, pela sua bondade, pela sua beleza ? Era cruel ! Pensou em fugir com ela para fóra do país, e o pai chegou, mesmo, a oferecer-lhe dinheiro — todo o dinheiro de que precisasse, dizendo-lhe:

— Gasta à larga ! Graças ao céu, tenho que farte. Não vás para a guerra !

Mas se fôsse mal sucedido na fuga? Se o prendessem? E que diriam os outros rapazes do logar que não fugiam, que obedeciam à lei, que marchavam contentes e afrontando altivamente a ideia da morte? Emilia, sufocada de soluços, vencida pela dôr, devastada pelo sofrimento, agarrava-se a êle, pedindo:

— Leva-me contigo. Não me deixes flear, que eu morro de pena ai para um canto.

Êle chorava também, arrancava punhados de cabelo, num desespero, vociferava maldições contra as guerras, contra os dirigentes, contra todos os culpados da sua desgraça. Mas, por fim, decidiu-se. Apresentar-se-ia, embora com o coração trespassado de angústia. Não poderiam dizer que êle fugira, por medo.

— Sossega, mulher! Hei-de voltar. Conformate e reza por mim — exclamava Manuel.

— Ai! que não sei o que me diz que me não tornas a ver, meu homem! — carpia-se ela.

— Tornarei! O nosso filho fará êsse milagre...

Volvidas semanas estava na França e de lá escrevia constantemente a Emilia cartas que eram queixumes de saúde. Confortava-a, implorando-lhe que tivesse coragem, porque a guerra, afinal, era menos perigosa do que se dizia. Morria quem tinha de morrer. Em França, ninguêm a temia: — homens e mulheres. Os soldados todos os dias partiam para ela, cantando. Que êle nem sabia o que eram as batalhas. Estava numa

cidade franceza, muito longe da linha de fogo, nem sequer ouvia o barulho dos canhões. Apenas o obrigavam a um exercício diário.

Emilia rezava, tôdas as noites, de joelhos, diante duma imagem da Virgem que tinha no quarto, pedindo de mãos erguidas e olhos suplicantes:

— Fazei com que o meu homem volte, Maria Santíssima !

Tinha emmagrecido, envelhecido. Apenas o seu ventre, em que se agitava uma vida inocente e nova, se desenvolvia mais. Para não ficar só, regressara à casa paterna, vivendo recolhida no mutismo da sua dôr e na doçura das suas recordações. As vezes, desalentada, apoderava-se dela um vago desejo de morrer, para acabar com aquelle incessante martírio de tôdas as horas. O sofrimento mergulhava-a numa espécie de inconsciência e de esquecimento, exaurindo-a de fluido vital e de vontade. Mas, êste crepúsculo dos sentidos, êste desfalecimento, durava pouco tempo. Por um esforço enérgico, caía em si, recuperava a lucidez, e parecia-lhe então que as suas ideias de morte eram uma traição ao marido, que não deixava de adorá-la de longe, no meio do seu suplicio, e uma traição ao próprio filho que ainda não tinha nascido e para quem ela já trabalhava amorosamente, fazendo-lhe o enxoval do linho mais fino, tantas vezes molhado pelas lágrimas que chorava.

— Que Deus me perdoe esta loucura da minha cabeça ! — murmurava Emilia, parando de costurar e esquecendo as mãos desfalecidas no regaço.

Quería viver para Manuel e para a criança que

viria ensinar-lhe a resignação com a sua beleza angélica e a sua inocência: e agarrava-se à vida com desespero. A cada instante, o pai dizia-lhe:

— Oh ! rapariga, que criatura és tu ? Tem coragem ! Acontecerá o que tiver de acontecer !

Emília litava-o longamente, sem murmurar palavra e com os olhos toldados de pranto.

— Bem ! Af voltas ! Não se te pode dizer nada !

Manuel escreveu-lhe, um dia, uma longa carta informando-a de que o regimento ia, finalmente, entrar em fogo.

«Agora é que, na verdade, começa o perigo. Mas não te allijas. Estou tranqüilo, tenho confiança em ti e alguma coisa me diz que sairei vivo d'êste inferno !» Como o céu acolhe sempre os rogos das almas puras, Manuel pedia-lhe mais uma vez que orasse a Deus por êle: e dêsse momento em diante, Emília intensificou a sua devoção religiosa, orando noite e dia. A prece era para ela um desafôgo e uma suavidade. Desoprimia-a, refrescava o ardor do seu padecimento, apaziguava-lhe a inquietação pela esperança que irradiava e pela consolação suprema em que a envolvia. Rezando, experimentava uma benéfica serenidade interior. Por isso mesmo, procurava agora na fé exallada o seu refrigerio.

Longas e sobressalladas semanas passaram, e Manuel não tornou a dar sinal de si. Santo nome de Jesus ! Teria êle morrido logo nos primeiros combates ? Só a morte, na verdade, o faria esquecer da mulher tam docemente amada. Emília, lôda de lulo, es-

perava a cada momento a notícia fatal: — mas os dias, os meses iam fugindo uns atrás dos outros, sempre com a mesma monotonia, sem que essa notícia chegasse. Havia, mesmo, uma particularidade que intrigava Emilia e contribuiu para que a sua ilusão de felicidade se mantivesse. O govêrno havia publicado a lista dos soldados mortos na luta, e o nome de Manuel não figurava nela. Que teria, portanto, acontecido? Estaria prisioneiro? Encontrar-se-ia doente em algum hospital? A dúvida, neste caso preferível a uma certeza brutal, trazia-a numa inquietação permanente: — mas, enquanto esperava, confiava sempre. Tinha pedido tanto à Virgem, meiga Mãe dos que padecem, que a amparasse e protegesse!

Foi, justamente, durante êste periodo de sobressalto, que o filho nasceu, oferecendo algum encanto ao coração atormentado da pobre mãe, que afagava com mãos trémulas a sua carinha côr de rosa, que o beijava num transporte, que se refugiava toda na sua candidez que os males da vida não tinham ainda maculado.

— Meu filhinho! Meu filhinho que nunca verá seu pai, pobrezinho! Não tenho mais ninguém no mundo! — soluçava ella, com as lágrimas em fio pela cara.

A primavera voltara, com o esplendor dos seus maravilhosos céns iluminados, as suas flores, a sua alegria. Renascia a paisagem, os arvoredos cobriam-se de fôlhas verdes e as andorinhas já cantavam, ao sol, nos beirais dos telhados. Tôda a aldeia era um jardim florido, um cântico, uma écloga latina. Só na alma de Emilia a tristeza era mais amarga e profunda. De-

pois dum tam longo silêncio de Manuel, acreditava já que êle tivesse morrido e houvesse sido sepultado nas valas que a guerra incessantemente atulhava de carne humana despedaçada !... Mas, por uma gloriosa manhã de luz e de graça, o correio lrouxe, enfim, a carta lam ardentemente desejada. Era de Manuel, com efeito.

— Nossa Senhora escutou-me ! — exclamou Emilia.

E mesmo antes de lêr as apressadas linhas, eseritas numa lettra que não era a do marido, correu ao berço em qué o filho dormia como um pequenino anjo de Murillo, para lhe levar, com os seus beijos, a bôa nova, como se êle tivesse uma consciência, uma intelligência, e pudesse compreendê-la ! Depois, com o coração pulsando apressadamente no peito, desdobrou o papel. Manuel annunciava-lhe que, em breves dias, estaria junto dela, e nada mais. Existia, certamente, algum mistério em tanto laconismo, quâse securo. Mas Emilia era uma criatura simples do campo, sem cultura, sem subtileza. Para ela, havia apenas, naquella carta, uma coisa que a restituia à vida e à alegria: O marido salvara-se da catástrofe de sangue e ia regressar ao seu amor, à sua ternura infinita. Tôda a casa se encheu de alarido. Os vizinhos, a família de Manuel, vieram abraçá-la. Como era feliz !

Manuel chegou, com efeito, um dia ao entardecer. Vinha num carro, e foi o cocheiro que o ajudou a descer. Trazia uns óculos pretos e a pala do kèpi militar puxada para a testa. Emilia, ao ouvir a sua voz amada, que a chamava comovidamente, rompeu pela casa fóra, numa grilaria, foi para êle de braços abertos.

estreitando-o contra o seio patpitante e chorando de júbilo.

— Oh ! minha filha ! — murmurou Manuel, beijando-a.

Ela não falava, porque não podia articular as palavras: mas o seu contentamento era indizível.

Sempre abraçada a êle, dirigiu-se para o interior da casa, acariciando-o na face coberta duma barba crespa e forte. Depois, sentando-o numa cadeira, foi dentro, correndo como uma doida, pegou no filho ao colo e voltou para junto de Manuel, que estava imóvel, de braços pendentes, acabrunhado.

— Olha o teu filho, Manuel ! Aqui está a prenda que tinha para ti !... Vê como é lindo !.

— Dá-mo cá — bradou Manuel, estendendo as mãos suplicantes. Abençoado sejas tu !...

E tomando o pequenino carinhosamente, encostou-o à face e gemeu num grito affilivo, despedaçador, inenarrável:

— Meu amorzinho, já não tenho olhos para ver-te. Deus conservou-me a vida mas apagou-me a vista !..

Emília curvou-se sôbre o ombro do marido, chorando perdidamente e perguntando:

— Pois estás céguinho, Manuel ?

— Sim, minha filha ! Estou cego. Foi uma bala. Vê tu a minha desgraça !

— Bem me dizia o coração que me não tornavas a ver.

Redobrou de pranto e de lamentações, que Manuel pretendia suavizar.

Por fim, sentindo crescer, com o seu amor, a sua infinita piedade por aquele infortúnio, ajoelhou diante do marido, envolveu-o nos braços e ao filho, e numa voz de doçura e de abnegação, murmurou:

— Mas estás vivo, meu amor ! Bendito seja Deus, que estás vivo !...



CARTA DE LONGE

SAIRAM de Lisboa por uma linda, luminosa manhã dourada de sol, a bordo de um vapor que os conduziu à África, através das salgadas e movediças águas do mar. A despedida fôra calorosa, entusiástica, magnífica de paixão, de ardor patriótico. Milhares de mãos agitavam nos ares, entre a radiação da claridade, lenços brancos palpilando à aragem como asas vivas. Quando desfilavam nas ruas com destino aos cais de embarque, as flores caíam sôbre as suas cabeças como uma chuva colorida e perfumada. Os olhos das mulheres fitavam-nos com admiração e nas bocas fremenles vibrava êste grito unisono:

— Lembrai-vos de que sois portugueses !...

A recordação da hora gloriosa em que ressoava já a música maravilhosa dos triunfos fuluros ainda

agora comovia fundamentalmente os expedicionários. Mas, desde que haviam chegado ao continente africano, avançando a marchas forçadas para a província ameaçada pelos invasores, nunca mais receberam notícias do velho Portugal.

Lentas semanas, dormentes meses foram deslizando monótonamente sobre o dia vitorioso da partida, e os combatentes nada sabiam das famílias que os ficaram pranteando, numa desolação, das noivas desditosas, das espôsas desgraçadas, dos filhos pequeninos que de-certo os estariam lembrando, pedindo à Virgem por êles, nas suas ingênuas orações infantís — que o céu nunca deixou de escutar. Os de sensibilidade mais fina e subtil, tentando adoçar a saúde que os magoava, quando o serviço do acampamento lhes concedia alguns momentos de repouso, cantavam, com o olhar nostálgico e perdido na contemplação de uma paisagem imaginária, as suaves, meigas trovas do sentimentalismo lusitano. Esse lirismo elegíaco apaziguava as suas inquietações interiores e comunicava serenidade à sua perturbação de espírito.

Não os amedrontava, de-certo, o pavor dos combates. Nêsse instante, por tóda a Europa a guerra ardia como um fogo devastador, transformando os campos de batalha em charcos de sangue e em sinistros ossários humanos.

Para defenderem a sua pátria, povós heróicos avançavam para a morte impávidamente, enloando os seus brios por entre o fragor das granadas e o sibilar da fuzilaria; e o orgulho nacional dava mais força aos

seus braços e mais bravura à sua coragem. Ora, êles tinham também uma Pátria para defender e saberiam escrever, em rutilantes letras de lume, mais uma página eloqüente na História portuguesa.

Seriam, porém, felizes se, antes de cairem nos recontros, com o peito varado pelas balas, o correio lhes levasse novas dos ausentes amados !..

Inesperadamente, espalhou-se pelos expedicionários um boato sensacional: — o correio com tanto sobresalto desejado chegaria nessa tarde, e isto fez gorgear nos sentimentos a ave misteriosa da esperança. Houve por tôda a parte um nervoso alarido. O sangue pulsou mais apressadamente nas veias. Um correio de Portugal ! Cartas em que floririam beijos puros, lágrimas cristalizando em beleza, vozes humildes adquirindo a ressonância de cânticos, palavras que retiniriam como o ouro sôbre um mármore polido ! Cada fôlha de papel ennegrecida de tinta seria uma alma que se confessasse, teria uma consciência, havia de rir ou de chorar, exprimindo o contentamento e a dôr em imagens intensas e perduráveis, e daria aos que talvez fôsem morrer, com as bênçãos puras, as supremas consolações.

Manuel, um beirão moço e de face requemada pelo hálito das soalheiras, observava com indiferença o júbilo dos seus camaradas e parecia não comprehendê-lo.

Na verdade, que lhe importava todo aquele alvoroço? A êle ninguém escreveria. Era órfão, vivêra desde os dôze anos servindo amos, a sua existência não interessava os outros. Lançada a ordem de mobilização, fôra apresentar-se no quartel com o uniforme de brim dentro duma saca de chita.

Deixara a aldeia ao raiar fresco e virginal da alvorada. Dos cabeços dos montes elevava-se para o alto azul translúcido uma leve névoa que, por vezes, se prendia nas fôlhas verdes das árvores e das plantas rasteiras e que o banho da luz ascendente dourava. Manuel evocava as scenas do instante da partida, sem que esquecesse os menores, mais fugidios detalhes. Caminhava pela estrada fôra com outros companheiros. Os mais expansivos, aligeirando o tédio da jornada, e libertos já da tristeza funerária que atrás de si ficava, langiam alegremente a viola: e, na diafaneidade matinal, essa Musa rústica ganhava um incomparável encanto e dizia com finura emotiva as grandes penas amorosas, as melancolias, os abandonos lacrimosos, as piedades, os misticismos. Ouvindo-a, Manuel avivava as danças nos adros, pelos serenos domingos, em que valsavam pares enlaçados, os arraiais, as romarias, as seroadas idílicas pelas eiras, ao luar, todo o enlêvo duma vida simples em anos doces de paz. Nunca o havia atormentado a suspeita de que um dia o chamariam às armas para combater pela nacionalidade — de que não formava, de resto, uma ideia muito nítida. Cumprira o seu dever militar, andara pelos quartéis, fizera guardas, sempre à espera do minuto ansiosamen-

te desejado em que de novo pudesse regressar à labuta agrícola, às pesadas lides da lavoura, porque nascêra para revolvêr, rasgar as entranhas da terra com a rellha do arado, só para que ela, em troca, lhe ofertasse o pão e as flores.

O momento da sua liberdade surgiu, por fim, e Manuel abandonou sem hesitações a cidade, reentrando na aldeia.

Meses volvidos, porém, estalava a guerra e eis que êle era convocado a tôda a pressa para se incorporar na unidade a que pertencêra.

Que funesta amargura êste facto produziu na povoação, especialmente nos casais pobres dos jornaleiros, nas granjas onde mães desoladas se carpiam! A êle, contudo, ninguém o lamentava. Podia morrer nas refregas guerreiras, que a sua morte passaria despercebida. Aconselharam-no a que desertasse, mas Manuel atalhou imediatamente:

— Isso não! Irei com os outros. Não sou mais do que êles...

Uma única lembrança a pungia:— guardava consigo um infável segredo. Dirigia-se para o fundo silêncio duma cova sem que um certo coração por êle balesse com mais ternura! Durante muito tempo, todo o seu venturoso cuidado fôra Mariana, a filha dum lavrador vizinho da herdade que habitava, e jãmais pudera captar a simpatia, o interêsse da môça esquiva. Por muito apaixonado que se mostrasse, sómente recebêra zombarias, chacoetas que o faziam sofrer. Ainda na véspera da sua saída para Lisboa, ao descer dum

erepúseulo religioso, encontrando Mariana no seu caminho, parára a conversar com ela, para dizer-lhe o último adens.

— É esta a derradeira vez que nos vemos — exclamou Manuel com a língua entaramelada na bôca.

— Então, sempre é certo?

— É! Amanhã partirei.

— Pois, que Deus te acompanhe.

E nem uma palavra, um movimento que traisse estremecimentos, adorações ocultas!

— Se eu por lá deixar os ossos, recorda-te de mim, mulher!

— Ora! Nada de sustos! Os homens fizeram-se para o mundo.

Manuel, passado de desalento, monologava ao vê-la afastar-se:

— É melhor assim. Se ela me quisesse como eu lhe quero, eu não iria para a África tam sossegado. Estaria a esta hora raiado de consumições, fugiria para a não perder. Mas, como me não quer, segue cada qual o seu norte.

E como a vida não tivesse para êle o mais apagado encanto, havia de arriscá-la audaciosamente, carregando de frente erguida contra o inimigo, no meio da fúria das batalhas, morrendo, mas matando também.

Na sua inteligência incompletamente formada fizera-se uma revelação. Parecia-lhe que a felicidade perfeita, prendendo os homens à terra, os enfraquecia, os amolecia de egoismo, amesquinhando-lhes o carácter, paralizzando-lhes as acções heróicas, crestando-lhes a

floração das virtudes cívicas, do patriotismo e da abnegação...

Mais tarde, quando embarcou, as estridentes aclamações duma multidão delirante exaltaram-no. A guerra, longe de apavorá-lo, começara então a seduzi-lo imperiosamente. O tumulto das ovações, das salvas de palmas, o som das bandas marciais, o flutuar das bandeiras ao vento, despertaram na sua sensibilidade uma emoção profunda. O povo, confiando no exército, vitoritava-o: e a febre, o ardor da turba, transmitiram-se ao seu organismo. Manuel acordava dum bizarro sonho, mirando com a vista espantada todo aquelle scenário inolvidável de epopeia. Tinham-lhe falado da guerra como dum crime monstruoso, e também êle, na sua simplicidade de campónio, outrora não entendia porque é que os homens se dilaceravam numa raiva sangrenta, quando lhes era tam fácil viver tranqüilamente, lavrando as suas várzeas, podando os seus bacelos, colhendo os seus frutos, entregando-se ao seu comércio numa inalterável pacificação. No entanto, diante de si, um imenso, compacto ajuntamento de populares aplaudia veementemente os que iam pelear. A guerra deixava, pois, de ser criminosa para se tornar sagrada, quando era feita para a salvação duma Pátria — como dissera o official que, antes do embarque, discursara às tropas formadas na parada do quartel.

Ah! com que ansiosa vontade êle desejava corresponder às saudações dos que o haviam aclamado! Certamente que se bateria com heroísmo, sem um desfa-

lecimento, para que ao voltar de Africa fôsse encontrar um país em festa celebrando os feitos dos seus soldados e encarando sem receio os seus destinos ! Na individualidade do seu ser moral operara-se uma transformação completa. Alé aí passara totalmente ignorado, sem que fôsse aplaudido por qualquer aclo digno de louvores. Nenhum dom o elevava, na sua pobreza, acima dos outros, apagava-se na humildade. De súbito, a sua individualidade afirmava-se e era ovacionada com um calor que lhe insuflava allivez. E porquê ? Porque na missão a que o destinavam havia muita beleza e muita grandeza !

— É marchar ! — bradava êle.

Considerava-se maior do que os que ficavam — sem saber explicar o motivo...

Durante a travessia dos mares, a sua energia não esmoreceu. Animava os camaradas para que não succumbissem. Veriam outras regiões, outros povos, conheceriam as comoções da luta. Se escapassem, teriam que conlar e a Pátria nobilitá-los-ia.

Meses depois, desembarcavam em Africa, seguindo logo para o território ameaçado. Em Mannel diluirá-se tóda a memória da sua aldeola longinqua, das desfolhadas sob a lua, dos serões rurais onde se derriça, das guilarradas liricas á roda das casas onde havia raparigas namoradas. Apenas, nos seus minulos de recolhimento, reavivava a figura de Mariana que andaria folgando com outros rapazes, já esquecida dêle, que tanto a amára. Mas êste deliquio dos sentidos era momentâneo. Quantos outros que ali estavam tive-

ram de deixar as noivas ! E Mariana nem sequer lhe dera uma esperança.

— Acabou-se ! — murmurava ête.

Não havia ainda entrado em fogo, e aguardava alvoroadamente o momento de investir contra os adversários, acampados a curta distância.

— Se cair à primeira, melhor. A vida é só uma e morre-se apenas uma vez. Algum dia terá de ser !..

Mas o correio não demoraria muito a chegar ao acampamento, e esta certeza venturosa fazia vicejar nos espíritos uma divina flor de felicidade.

— Se eu possuísse familia !.. — murmurava Manuel com os olhos turvados de lágrimas.

E invejava os companheiros que nas suas terras remolas linham pais solícitos e enternecidos que os não olvidavam e que, por certo, iam mandar-lhes extensas cartas em que as palavras de angústia seriam suavizadas pelas palavras de amor, de queixume, de oração ! Dêle, que era só no mundo, ninguém se lembrava.

— De que vale viver assim ? — interrogava Manuel.

Não tardava, com efeito, que grandes sacas de lona atulhadas de correspondência surdissem, num pesado carro. Logo em redor delas se aglomerou uma inquieta turbamulta de soldados, esperando a distribuição. Mãos trémulas e suplicantes estendiam-se nervosamente para êsses pequeninos bocados de papel tam insignificantes e que, no entanto, constituíam um maravilhoso tesouro. De posse dêles, os destinalários, com o olhar brilhante, rasgavam os envelopes febrilmente

e devoravam as linhas de letras que dir-se-ia terem uma emotividade. Manuel, fumando um cigarro e curtindo a sua melancolia, contemplava o espectáculo, iransido. A garganta apertava-se-lhe. Sentia necessidade de chorar, para desafogar o seu mal. Em volta dêle, os camaradas riam salisfeitos, conversavam, trocavam novidades. Os seus estavam de saúde. A nação honrava-os ! Os jornais falavam dêles com admiração, chamavam-lhes heróis, dignificavam-nos. Para Manuel nem um bilhete que o desoprimisse.

— Não veiu carta para ti? — perguntou-lhe um soldado da sua companhia.

— Não ! — respondeu Manuel. Quem havia de escrever-me ? Se já não tenho pai nem mãe !...

— Nem namorada ?

— Nem namorada...

A voz do distribuidor bradou, porém:

— Manuel de Jesus...

Justos céus ! Era êle ! Manuel de Jesus era o seu nome ! Alguém o recordára. Quem seria ?

— Manuel de Jesus sou eu, meu sargento — titubeou.

— Toma lá...

Manuel, perturbado, com o coração a latejar desordenadamente, pediu a um camarada que lhe lêsse a carta — porque não sabia lêr. Era de Mariana e levava-lhe um adorável prometimento. «Eu nunca te quis dizer que gostava de ti» — escrevia ela — «mas agora, que estás tam longe, sempre to digo. E fica certo de que te esperarei, se tiveres de vir, porque não

casarei com outro. Juro-to à fé de quem sou!...»

— Ela diz isso? — inquiriu Manuel, comovido e gaguejando.

— Tal qual!...

Dobrou o papel, meteu-o no envelope, guardou-o no bôlso bem junto do peito. Seria o seu talismã. As balas do inimigo não teriam o poder de ferir a carne que aquela maravilhosa promessa de amor e de ventura protegesse, quando nas trincheiras Manuel se batesse épicamente para a defesa duma Pátria que era também a da sua noiva e que seria a de seus filhos!...





UM DRAMA DA INVASÃO

— **U**MA das impressões mais trágicas que eu conservo da guerra — começou Alexandre, que acabava de regressar, mutilado, a Portugal, depois de se ter batido heróicamente em Armentières — foi despertada no meu sentimento pela narrativa dum soldado belga com quem passei um dia, numa cidade distante da frente de combate, semanas antes da batalha de Ypres em que os ingleses tiveram uma brilhante vitória...

Acendemos os cigarros e estreitámos mais o círculo que formávamos à volta do narrador, um corajoso rapaz a quem um estilhaço de granada cortara o braço direito renle ao ombro e que, no combate em que foi ferido, esteve duas longas horas abandonado no campo do recontro, esvaindo-se em sangue junto doutros camaradas mortos. Corria um admirável domingo

de sol, e através das portas envidraçadas do café em que nessa manhã conversávamos, víamos passar jovialmente, nas ruas iluminadas pela nítida claridade diurna, a multidão descuidada. Alexandre, que havia frequentado a universidade de Coimbra e que não chegara a concluir o curso de Direito, preferindo administrar directamente a vasta fortuna territorial herdada dos pais, fôra dos primeiros portugueses a partir para a França e fôra também dos primeiros soldados que entraram em fogo. Vivêra, portanto, a vida das trincheiras, diante do inimigo, pejejou com bravura, assistiu a alguns episódios lúgubres do drama que se desenrolou na Europa e em que se entrecrocaram raças opostas e civilizações antagónicas. As suas narrativas intensas, pungentes, conservavam, portanto, tôda a côr da realidade, eram imagens lúcidas do furacão de ferro e de fogo que de repente se abateu sôbre a terra bela e florida do ocidente. Eis porque elas nos interessavam profundamente.

Ouviamo-lo sem o interrompermos, continhamos as respirações ofegantes para que nos não escapasse uma única palavra.

«Conticuere omnes intentique ora tenebant...»

— O belga combatia nas fileiras do seu exército — continuou Alexandre — e estava, como eu, em repouso, para recuperar a vitalidade perdida na luta formidável. Era um rapaz muito novo, com uma penugem loura sôbre o lábio, olhos muito azuis, duma beleza

quáse feminina. Mas a sua alma era a dum forte, temperada ao lume das batalhas. Uma tarde, eu e êle, sentados à mesa dum *bar*, diante de dois copos de cerveja preta, conversávamos pacificamente. Albert — o meu amigo tinha o nome do seu rei — nascêra em Liège e cursava engenharia nas Escolas dessa cidade quando o conflito estalou. Os alemães invadiram tôda a Bélgica, apesar da resistência que o exército belga lhes opôs: e Albert, colhido de surpresa, nem sequer teve tempo de emigrar, de fugir à invasão. Foi só muito mais tarde, e em virtude duma estupenda tragédia que faz pensar nas páginas sombrias de certos contos filosóficos de Balsae, que conseguiu refugiar-se na Holanda e entrar depois em França, para onde veiu a bordo dum navio inglês, alistando-se nas fileiras dos defensores da sua nacionalidade mutilada e esmagada pelas hordas germânicas. E agora, havia mais de dois anos que não sabia da família, dos amigos, de tudo quanto amava. Tinha uma irmã que estava noiva e que ficara com os pais em Liège. A sorte dela, na incerteza em que estava, torturava-o. Que seria feito dessa pobre rapariga, sem país, chorando talvez a viuvez dum amor que fôra o seu sonho mais doce e a sua mais cândida ilusão? Era pura e ingénua na sua virgindade de adolescente. Albert lemia que a sua beleza — uma beleza celeste como a de certas figuras de Memling — tivesse sido cobiçada por um desses grosseiros e sensuais prussianos, e esta dúvida angustiava-o. Foi, certamente, por isso que, ao ver desfilar por diante da porta do *bar* um grupo de prisioneiros ale-

mães, se exaltou, se enfureceu, vibrou duma cólera que o desfigurou e que não pôde dominar, êle, que era tam sereno, tam calmo. Levantando-se nervosamente e saindo à rua, fitou com rancor os cativos e exclamou, com a bôca torcida num vinco de crueldade:

— Ah! os iôbos! Os lôbos! Estes, ao menos, já não podem morder. Foram açaimados.

Os soldados teutônicos passaram, de olhos baixos, tristes, destroçados, com a roupa em farrapos e vergando sob um desalento que era feito de vergonha e de humildade. Eu levantei-me também, aproximei-me d'Albert, bati-lhe levemente nas costas para lhe chamar a atenção, e murmurei:

— Sejamos generosos, nós, os latinos. Deixemos a brutalidade para os nossos adversários. É preciso que a História nos não acuse e que escreva o martirio da França e da Bélgica em capitulos luminosos...

— Que quer dizer? — perguntou Albert.

— Quero dizer que não devemos insultar os prisioneiros. Seriamos, talvez, injustos. Esses homens que aí vão pegaram em armas para a conquista do ideal que também nos armou a nós. E quem sabe, mesmo, se foram forçados a combater? Agora, o destino dos vencidos conflou-os à nossa guarda, à nossa hospitalidade. Teremos de mostrar para com êles uma delicadeza...

— Que êles não mostram para conosco... — atalhou Albert.

— É isso que importa? Nós outros, seres consciên-

tes e livres, somos incapazes de cometer crimes, embora haja eriminosos — respondi com voz firme.

— Tem razão! — concordou Albert, entrando novamente no *bar*, em minha companhia.

Depois, bebendo com sofreguidão o seu *bock*, enxugou a bôca molhada a um lenço branco, e disse-me:

— Tem razão. Eu fui excessivo, na verdade. Mas não quero que formule um juízo errado a meu respeito. É necessário, portanto, que eu justifiquei o meu excesso, com uma razão eloqüente. Escute...

Os prisioneiros germânicos, enquadrados entre baionetas francesas que os conduziam para os campos de concentração, já iam longe, marchando num passo cadenciado e conservando sempre a mesma atitude passiva e humilde. Os passeios enchiam-se de mulheres, de vêlhos e de crianças para os verem passar. Janelas e sacadas povoavam-se de cabeças curiosas: e as armas, sob a luz, faiscavam de brilhos metálicos. Uma sombra de melancolia e de horror descêra sôbre o rosto d'Albert, que se recolhêra por instantes, para melhor relembrar o que desejava que eu soubesse. É a sua história era terrível, efectivamente! Só depois de ouvir-lha, compreendi o veneno, a acidez, a fúria que se haviam concentrado no seu sentimento — apesar da mocidade ser sempre inclinada a perdoar e a esquecer.

— Escute — repetiu Albert — e há-de absolver o meu arrebatamento. Conheci em Liège uma familia encantadora, composta de pai, mãe e duas filhas que eram maravilhosamente lindas. Estas quatro criaturas viviam pacificamente na sua abastança, atendiam as sú-

plicas das mãos transidas que batiam à sua porta, eram felizes e perfeitas. O marido dirigia um estabelecimento comercial que lhe dava excelentes lucros; a espôsa governava o *ménage* e as filhas completavam a sua educação. Uma delas, a mais velha, Denise, era uma artista admirável e interpretava no piano, com justezas incomparáveis de técnica e finuras de sensibilidade como poucas vezes tenho conhecido, as páginas geniais dos grandes poetas da música. A outra, Marie, uma rapariga alta, branca e loura que fazia evocar certas Virgens de Perugino, era uma pintora notável e evocava nas suas telas a alma subtil e misélica da velha Flandres, com um poder de sugestão só comparável ao de Rodenbach em *Bruges-la-Morte*. Seduziam-na especialmente os canais em que a água parece dormir ao sol, embalando os barcos com a carícia inefável da frescura.

Passei algumas noites em casa desta família — disse Albert com os olhos rasos de lágrimas — e ainda hoje sinto brandamente na minha intimidade moral a poesia e a graça das horas que para sempre fugiram !..

Mas os alemães, vindos em legiões das bandas do norte, entraram na Bélgica; Liège, que resistiu magnificamente, repelindo as ondas dos assallantes com o fogo dos seus fortes, foi cercada; o bombardeamento atroou os ares. A pátria eslava em perigo e os que podiam lutar, correram às armas. Em breve, os nossos soldados eram obrigados a recuar, a ceder terreno, sob a *avalanche* do fogo; o general Lemaitre caía pri-

sioneiro, desde que a forteleza em que combatia foi desmantelada pela metralha da artilharia grossa dos alemães. Então, cada casa se transformou num reduto.

A Bélgica heróica ! Como nessa hora suprema ela teve a consciência de si própria e como conheceu a alegria de devotar-se a uma causa superior, sacrificando-se !..

Os regimentos teutónicos que surgiram nas ruas, nas avenidas, nas praças, foram recebidos com uma saraivada de balas. A fuzilaria estalava de lôdas as partes: — das janelas, dos telhados, das portas entreabertas, detrás das chaminés, de todos os pontos onde podia acoutar-se um homem com uma espingarda. As próprias mulheres pelejavam com entusiasmo, com ardor, com uma altivez que me causa orgulho. O sangue corria, vermelho, pelos passeios cobertos das manchas negras dos cadáveres. Os feridos arrastavam-se nas pedras, gemendo. E sempre, constantemente, o fragor das descargas cerradas, o estrondear da artilharia ao longe, balendo os últimos fortes, o crepitar das metralhadoras e o tumulto desordenado da cavalaria alemã galopando e varrendo a multidão tomada de pânico. Foi um dia estupendo, esse !

Por fim, a capacidade de resistência de Liège esgotou-se, os nossos soldados, ante o maior número, retiraram, a cidade ficou na posse do inimigo, que não tardou a aparecer em conquistador, ditando a lei. As ordens do comando germânico eram severíssimas, ameaçando com o fuzilamento sumário todos aqueles que praticassem qualquer acto de hostilidade contra as fro-

pas. Mas o senhor bem deve entender que se não dominam rebeldias patrióticas mesmo com a ameaça da morte. Nêsse instante de angústia, milhares de sêres choravam dentro de casa, impotentes e desvairados, a derrota. Os olhos tinham um brilho de febre ou de lume. Os corações apertavam-se de dôr. Uma ideia fixa alucinava tôda a gente:— a ideia da vingança. E então sem pactos, sem conspirações, sem enlendimentos antecipados — tanto os grandes sentimentos collectivos são espontâneos! — a vingança surgiu. Logo na primeira noite da occupação de Liège, foram mortos, a tiro ou a punhal, às esquinas das ruas, na sombra, alguns soldados invasores. Que mão forte poderia conter o descspêro da população duma cidade que vira cair na batalha muitos dos seus filhos e que o inimigo estreitava no seu abraço de ferro? Não era natural a desafronta? Creio bem que sim. Mas o comando alemão redobrou de severidade, quando na manhã seguinte alguns dos seus homens foram encontrados caídos em largos chareos de sangue, e mandou afixar pelas esquinas avisos fulminando castigos implacáveis não só contra os vingadores de Liège que fôsem encontrados com as armas na mão, mas contra tôda a população citadina. A morte dum soldado tedesco numa rua implicaria a culpabilidade de todos os habitantes dessa rua. Era bárbaro! Era horrível! Pois nem esta certeza alemorizou os que desafrontavam uma nação agonizante sob a bota do agressor. Alemão que de noite se desgarrasse dos seus camaradas era executado rapidamente e com uma ferocidade que,

neste caso, é uma virtude e tem qualquer coisa de santo, pois não é assim?...

Nesta altura da sua narrativa, Alberl, cansado, com a fronte húmida de suor, pediu mais cerveja. Eu fumava e contemplava-o demoradamente. Parecia-me que crescia, que a sua eslatura aumentava, tornando-se gigantesca, e que os seus olhos fulguravam.

— E depois? — interroguei eu. Ainda me não disse...

— Ah! espere um momento. É tam lúgubre o que lenho de revelar-lhe, que uma secreta aflicção constrange-me a garganta e oprime-me o peito...

Emborcou o *bock* dum trago e continuou:

— Uma das raparigas de quem lhe falei, Marie, tinha um namorado que combatia no exército do meu país. Não saíra de Liège, porque, ao ser dada a ordem de retirada, estava cercado de adversários que o acometiam, intimando-o a render-se. Com a baioneta, livido de cólera, arremeteu contra os vencedores, derribou dois e fugiu pela brecha aberta sob as batas, enco-brindo-se com os ângulos das ruas. Vendo-se isolado, temendo que o aprisionassem, foi bater à porta da namorada, que logo se lhe abriu, e lá se escondeu. Este facto contribuiu para a sua perda e para a de toda a desgraçada família de que viria a fazer parte, se a guerra não tivesse rebentado. Um dia de madrugada, uma patrulha bávara deparou com o cadáver dum soldado alemão junto da casa de Marie. Tinha ainda um punhal cravado no coração, as mãos enclavinadas nos cabelos e a bôca aberta num derradeiro grito de sofrimento. A vivenda foi imediatamente cercada, a porta arrom-

bada com as coronhas das espingardas, e em breve se ouviu na escada o tropel dos germânicos que subiam, rugindo palavras de ameaça. O pai de Marie, que estava deitado, acudiu imediatamente, em roupas brancas, perguntando qual o motivo da agressão imprevista. Foi logo manietado, sem mais explicações. Chorando a altos brados, a mulher e as filhas vieram também, erguendo as mãos suplicantes para os verdugos e fitando o chefe de família, sereno e digno, porque a sua consciência o não acusava de nada, e porque pensava que tudo se esclareceria.

— Quem matou o nosso camarada? — interrogou um oficial, em francês.

— O camarada? Qual camarada? — inquiriu o pai de Marie.

— Está bem! Passem uma revista a tóda a casa — ordenou o oficial.

Marie empalideceu mortalmente, não porque tivesse medo, mas pelo noivo, que se escondêra debaixo da cama em que dormia. O oficial surpreendeu a sua palidez e a sua beleza e disse-lhe galanterias que ela repeliu, enrugando a fronte. O refugiado foi, fácilmente, surpreendido pelos bávaros, que o trouxeram de raslos junto do oficial. Estava fardado de militar. O episódio complicava-se.

— Olá! — exclamou o comandante da patrulha. Boa presa!

E voltando-se para o pai de Marie, imperturbável na sua serenidade:

— Dava, então, guarida a assassinos?

— Aqui não há assassinos ! — exclamou o acusado, de frente erguida.

— Prendam toda essa gente e levem-na ao comando. O general dirá o que se há-de fazer aos criminosos.

Os dois homens e as mulheres foram atados com uma corda aos braços uns dos outros e desceram as escadas empurrados bestialmente pela soldadesca. Ao chegarem à rua, compreenderam tudo, diante do soldado alemão morto, e só então o chefe da família ameaçada desanimou. Efectivamente, o aviso afixado nas ruas de Liège era claro. Ele e os seus iam pagar talvez com a vida um crime que não cometeram !

— Vamos ! — bradou o official.

Entre a patrulha, Denise e a mãe soluçavam despedaçadoramente. Marie, junto do noivo, mantinha uma firmeza e uma altivez épica. O pai, com os olhos orvalhados de lágrimas, pedia que o atendessem, jurava a sua inocência.

— O general decidirá ! O general decidirá ! — afirmava sureásticamente o official.

E o general decidiu, realmente. Quando o informaram do assassinato do seu subordinado e do encontro dum soldado belga escondido em casa do pai de Marie, condenou sumariamente toda a familia a ser passada pelas armas.

— Compreendo agora o seu ódio ! — exclamei eu para Albert.

— Espere ! — murmurou elle com uma tremura na voz. Ainda lhe não disse tudo. O mais pavoroso foi o que depois se passou. Levados para um quintal, onde

outros soldados começaram imediatamente a abrir uma funda vala, os desgraçados foram supliciados um a um. A dois passos da morte, Marie estendeu a bôca para o noivo oferecendo-lhe o último beijo — um beijo profundo, longo, imaterial, em que ia lôda a sua alma.

— Encontrar-nos hemos numa outra vida e num mundo melhor! — exclamou ela, que era uma católica convicta e praticante.

— Este, primeiro — intimou o official comandante do poletão executor.

Marie tremeu, levantou para o official os braços amarrados, num gesto implorativo.

— Não! Primeiro eu, que não tenho fôrças para assistir à morte do homem que amava.

— Tu serás a última — disse o official, escarnecendo-a.

— Assassinos! Assassinos! — regougou o pai de Marie.

O soldado belga, vendados os olhos, foi encostado contra um muro.

— Fogo! — ordenou uma voz.

Partiu uma descarga e o supliciado tombou, sem um grito, de cabeça para a frente. Denise e a mãe, batendo os dentes de terror, rezavam fervorosamente, implorando o perdão de Deus.

Em seguida, por um requinte de crueldade, coube a vez ao pai de Marie, um hércules e um patriola, que deu um passo para a frente e exclamou:

— Pela última vez vos abenção, afirmo a nossa ino-

cência, e peço ao céu o castigo dos nossos carrascos que só podem flear impunes se Deus não existir.

Um soldado pôs-lhe a venda, impeliu-o para o muro, mas, antes das balas o esburacarem, ainda gritou:

— Viva a Bélgica livre !

Fuzilaram, seguidamente, a pobre mãe, doce sêr de abnegação e de piedade que só espalhara à sua volta o bem, como quem espalha flores, e lam resignada que, colada contra a parede, ainda perguntava aos executores:

— Estou assim bem ?

Denise, com os olhos toldados de pranto, exclamou:

— Espera por mim, mãe ! Já vou ter contigo !

E dirigiu-se para o muro, sorrindo angélicamente, com uma expressão etérea no rosto virgíneo que as balas reduziram a uma pasta sangrenta. Por fim, coube a vez a Marie, que vociferava contra a Alemanha, contra o *Kaiser*, contra os seus exércitos.

— Sereis derrotados ! Pagareis todos êstes crimes !
— dizia ela com uma tremura nos lábios pálidos.

Quando lhe quiseram pôr a venda, repeliu-a indignadamente.

— Eu não tenho medo da morte ! Vocês é que me fazem horror !

E de pé, magnífica, heróica, iluminada, com um ar de desafio e de arrogância na frente, comandou a descarga como outrora o marechal Ney.

— Atirem ! Vejam como sabe morrer uma belga !

— *Der Teuffel* ! — bradou o oficial. Fogo !

Tombou, contorcendo-se um instante ao estalar das

derradeiras fibras vitais, sobre os corpos do noivo, do pai, da mãe e da irmã, com uma tranqüilidade admirável na face máscula...

Eis porque eu odeio a Alemanha, meu amigo — disse-me Alberl. Amava Denise! E malaram-na sem piedade, lorturaram-na fazendo-a assistir à morte dos pais. Daí em diante, só pensei na minha *révanche*. Tinha de vingar a minha pátria ultrajada e o meu amor destruído!...

Já lá vão muitos meses — cresceu Alexandre. Entrei em novos combates, fui ferido, perdi um braço na peleja, convalesci num hospital de sangue e voltei, inutilizado para sempre, ao meu país. Pois ainda hoje tenho diante da vista a visão sangrenta dêsle quadro. Não o posso apagar na memória e na alma!...

Nós, a quem Alexandre fizera a narrativa trágica, estávamos passados de pavor, mergulhados numa quase inconsciência que nos não deixava lucidez e coragem para dizermos palavra!



A. Lima

A CIDADE ASSASSINADA

NA transparência fina do ar, a velha cidade elevava os seus telhados ponteados, cobertos de ardósia, as suas flechas góticas que de longe pareciam tecidas numa renda muito delicada e muito frágil e que subiam na limpidez do azul, sob o banho fluido da luz, como orações ascendendo para Deus, as torres Renascença das suas igrejas seculares, os seus zimbórios resplandecentes à claridade, as chaminés das suas fábricas por onde saíam rolos de fumo, toda a confusão irregular das suas linhas geométricas, formando um cenário maravilhoso. Vista de longe, dava a impressão de que o formigueiro de seres que nela activamente lidava dividia o seu tempo entre o trabalho e o pensamento, entre a inteligência e a fé, entre a fadiga física e as nobres atitudes do espírito, preocupando-se com os eternos problemas do

Bem e do Mal, os únicos que interessam profundamente a humanidade moderna.

Das bandas do norte, azulando-se na atmosfera, uma alta montanha, com o dorso coberto de sol durante as primaveras floridas, oferecia aos olhos seismadores das criaturas sensíveis à beleza um panorama admirável. Na base da serra, o vale afofava-se em verduras, em arvoredos copados e umbrosos, em terras de cultivo, que as abundantes águas de rega fertilizavam. Por vezes, uma ou outra habitação isolada, no meio de jardins e de pomares, branquejava, destacando-se docemente das folhagens e dos troncos emmanranhando-se confusamente. O terreno estendia-se, avançava em ondulações violentas até aos arrabaldes citadinos onde principiava já a massa pesada das construções, tornando-se mais densa de momento para momento. Contemplada do cume do monte, a cidade constituía um espectáculo formidável para os olhares inquietos e perscrutadores e para as sensibilidades subtis. Estava cheia de história e de tradição, era uma das mais eloquentes páginas do grande livro da vida e uma das mais veneráveis testemunhas do passado, que há-de sempre atrair as imaginações evocadoras e ardentes. Fora edificada lentamente, através do incessante desfilar dos tempos, por inumeráveis gerações sucedendo ininterruptamente umas às outras.

Como tinha nascido? Nos seus dias primitivos, um ser errante, aventureiro — talvez um poeta! — sentindo a tristeza penetrante do seu destino e a hostilidade do meio ambiente, ao passar por aquele sítio silencioso e

ermo, experimentara o afago, a doçura da natureza envolvente, surpreendêra a fertilidade da vasta planície, apeteçêra a solidade inspiradora, e, delendo os passos, fizera com ramarias uma cabana, um abrigo em que se acolhesse durante a noite — uma noite gloriosa, iluminada de fulgores siderais, repoisando sob o pátio celeste dardejante de esrêlas. A placidez era inefável: o sossêgo inviolável! Depois, ao alvorear da manhã, uma formosura nova e triunfal surgiu na radiação da claridade difusa. A distância, as serranias fundiam-se numa tonalidade em que predominavam os coloridos do ouro e do lilás. Na nitidez da luz recortavam-se puramente os esplendores da scenografia incomparável. Apenas se ouvia o canto idílico das aves ou o murmúrio flutuante das águas correntes que desciam da colina, sob a reverberação luminosa, rolando alvas pedras ou grossos saibros.

Enlão, deslumbrado, o homem vagabundo decidiu fixar-se ali, no isolamento de tôdas as tentações do mundo, afastado de tôdas as misérias e de tôdas as amarguras. Por espaço dalgumas semanas, rolou cahans soltos, que foi amontoando, arquejante mas com uma infinita alegria no coração, uns sobre os outros, até formar uma guarida. Tapon com terra molhada os interslícios das penhas, construiu o seu lar, arranhou uma cama de fôlhas sêcas e descausou. Era feliz! Em breve, á volla da sua morada solitária, um risinho e rório vergel lhe dava a frula madura para saciar as suas fomes. As flores silvestres desabrochavam livremente, exalando-se em perfume e em graça divina.

A pacificação era imperturbável, a suavidade indizível...

Mas não tardaram a chegar outros homens, que ergueram outras habitações rudimentares, que cultivaram a terra para que ela os alimentasse com a sua fecundidade inexaurível, que povoaram o ermo. A paz antiga desapareceu. Grilos, clamores, rufos, disputas, perturbaram a tranqüillidade da planície extensa. A vida multiplicava-se. Enquanto os mais robustos revolviam a leiva e espalhavam as sementes que germinariam nas abundantes searas, iam os mais débeis às florestas próximas procurar a lenha para o lume. A pouco e pouco, se estabeleceu uma sociabilidade e uma estreita solidariedade entre a colónia. Conjuntamente, à existência material mesclou-se a existência espiritual. Alvoreceram as crenças nobres, manifestaram-se as primeiras preocupações artisticas. As ideias e os sentimentos floresceram, activando os principios duma regra e duma ordem. A labuta intensificou-se, empreendeu largas iniciativas, descobriu horizontes ignorados.

A desolada povoação foi aumentando sucessivamente, prosperou, desenvolveu-se. O montão informe das casarias pareceu vibrar duma alma e duma compreensão, ganhou ritmo, harmonia, equilibrio. Os caminhos transformaram-se em ruas, em praças, em perspectivas, com o dobar dos séculos. Milhares de braços musculosos e enérgicos mourejaram sem descanso na construção da cidade que, de época para época, mais se expandia, mais se alargava, arfando de ruido e de movimento, como um corpo litânico. De toda a parte acudia gente que chegava para a tumultuosa balalha.

Concluída a vivenda, completado o léto, outra pe-leja começou: — a do progresso. Rasgaram-se estradas para encurtar as distâncias e apressar as comunicações, elevaram-se fábricas para a exploração das indústrias, forjas, oficinas: — e rápidamente a riqueza chegava, canalizando o ouro e a fartura para a multidão audaz.

Nas horas alciónicas em que a rês consciente se recolhe e se concentra para visionar Deus, força superior a tódas as forças, poderio omnipotente, bondade imanente e consoladora, nasceu na cidade, como uma flor virginal e estranha, a crença religiosa: e nêsse momento, as mãos convulsas das turbas dolorosas levantaram, pedra a pedra, as catedrais, com a rocha bravia e mutilada na encosta das cordilheiras, carregada para o burgo e lavrada pelo cinzel de operários que, no seu misticismo, enloavam nas penhas cânticos e hinários. As flexas ogivais, que pareciam inspiradas nas vidas frescas, loiras, virgíneas dos bosques, não tardaram a subir no azul, ao alor de asas invizíveis, exprimindo as infinitas inspirações dos que amavam, rezavam e sofriam. A cidade transfigurou-se. Sendo a obra de gerações sucessivas, dir-se-ia obedecer às pulsações, aos ideais supremos, aos sonhos duma raça inteira !

Desfilaram por ela, entre cortejos sumptuosos e cavalgadas vitoriosas, os reis que eram sagrados nos seus templos augustos. Passaram peias suas ruas os guerreiros famosos, marchando à frente das populações heróicas que os aclamavam ! Os dias findos foram es-

crevendo em cada uma das suas paredes estrofes de epopeia. Os monumentos perpetuando aos vindouros excelsas figuras de generais que fizeram relampaguear a sua espada ao fogo dos combates, de poetas que surpreenderam a divina claridade da graça, de pensadores que encontraram as verdades eternas, de donatários, de santos que ensinaram a piedade e a resignação, perpetuaram nela a própria morte, imprimindo uma vida, ainda que imóvel, aos representantes insignes que não cabiam nas sepulturas e que, nos mármoreos brunidos ou nos bronzes resistentes, desafiavam o próprio esquecimento.

Nas bibliotecas cidadinas acumulou-se o saber, tôdas as verdades que o ser consciense ia conquistando; nos museus guardou-se tôda a beleza. E constantemente, sem um desfalecimento, sem um desalento, sem um deliquio, os laboratórios investigavam as leis desconhecidas, as energias latentes.

A serenidade doutrora tinha-se perdido completamente. Os bispos mitrados, que dormiam em túmulos de pedra esculpida, pelas naves da catedral, erguendo as mãos numa derradeira súplica e com um luar ténue na face emmagrecida e nas rígidas vestes que caíam em pregas hirtas ao longo do corpo inerte, mantinham ciumentamente o segredo da pacificação que se perturbara, desde que o homem impaciente começou a amar com sofreguidão a liberdade, emancipando-se de abstracções, de superstições e de tiranias, para alcançá-la. Por isso mesmo, nas ruas do burgo em que noutros tempos se desenrolavam os préstitos religiosos, as

procissões penitentes, as peregrinações dos devotos que se dirigiam às igrejas, ressoavam agora os clamores de ameaça, as gritarias enfurecidas, a explosão das bombas, os movimentos políticos e sociais, as *grèves* desordenadas, as cargas terríveis das tropas. Obra dum homem, a cidade transbordava de todos os vícios e de tôdas as virtudes dos homens. Na sua infância, quando essa cidade era apenas representada por uma só cabana, a dôr moral não se conhecia nela: e, no instante em que a formavam quarenta mil, cem mil casas, onde se acoulavam centenas de milhares de criaturas, o sofrimento desdobrava-se em múltiplas formas de tortura, que lhe transmitiam a febre, a alucinação, a ansiedade! Excitavam-se os desejos, as cobiças, as gulas, os egoísmos, as impiedades. Os que queriam triunfar rápidamente, calcavam, esmagavam os mais débeis. A sêde do gôzo, do prazer carnal, fulgurava nos olhos, As ambições de fortuna desvairavam as inteligências e secavam a fonte das emoções...

A cidade tragava, como um ciclope entrevisto pela visão épica de Homero, tôdas as canduras, tôdas as ingenuidades, queimava com o seu hálito impuro a floração das almas, transmudava as santidades em demónios e as virgindades, as castidades, as purezas, em baixezas, em vilanias, em gangrenas.

Foi talvez por isso que certo dia, um bardo, um espirito altruista que sonhava uma humanidade redimida e uma beleza renovadora, subindo ao cimo da montanha donde limpidamente se divisava a scenografia urbana, contemplou por muito tempo essa aglo-

meração verliginosa de casarias, de monumentos, de architecturas maravilhosas, de estabelecimentos industriais, onde os que padeciam leimavam em emparedar-se. Era uma fornalha ardendo no ouro do sol matinal, faiscando, relampejando. De longe, chegava aos seus ouvidos atentos o murmúrio infindável da multidão e do trabalho. Os sinos das igrejas e da cathedral derramavam à volla o seu som, chamando os fiéis cada vez mais raros à oração; das chaminés saiam colunas direitas de fumo branco, esgarçando-se ao vento. Circulavam pelas rêdes das linhas férreas, a todo o vapor, combóios que lembravam enormes serpentes de aço, coleando-se, estorcendo-se. Um barulho de martelos e de ferragens estrugia compassadamente. A cidade estava em plena laboração. Nêsse momento, abriam-se as portas dos museus, de bibliotecas e de exposições, a legião promissora da mocidade entrava nas escolas e nas universidades para ouvir o verbo revelador dos mestres, os *ateliers* eram invadidos por uma negra aluvião de operários, o comércio efectuava as suas transacções, os mercados garantiam a alimentação das turbas com montanhas de subsistências.

O bardo filantropo, extático, absorvido na sua meditação, perguntava a si mesmo que ideal redentor perseguira loda aquella populaça enliçada no seu conflito diário, na luta pelo pão, no combate pelas riquezas, e via só, dum lado, a opulência engrossando, inchando, sacudida pela ânsia de engrandecer-se mais e eslendendo a garra ávida e insaciável, e do outro, a miséria, a dôr, a condenação fatal. Havcria por alguma tra-

peira ignorada, nêsse momento, um homem que fôsse impellido pela aspiração de criar, de atingir a summa perfeição, e que estivesse escrevendo um poema, compondo uma página de música, pintando um quadro, cinzelando uma estátua, pensando um livro de politica, de sociologia, de filosofia, de moral? Durante alguns minutos, esta divagação enterneceu-o. Ah! nessa enorme cidade, nem tudo seria matéria grosseira, existência terrestre, vulgaridade, angústia, amargura! Também nela se iluminaria uma aurora espiritual, arderia uma scintilha transcendente...

Inesperadamente, porém, reconstituindo lôda a affição, lôda a podridão, lôda a sordidez, tôdas as desigualdades, foi invadido por uma súbita, uma indomável vontade de blasfemar, de vociferar contra ela, cuspendo-lhe o seu desprezo e o seu ódio num galope louco de pragas, de injúrias veementes. Baixou-se, apanhou um punhado de calhaus e apedrejou-a, para desafogar, nêsse gesto impotente, a cólera que o sufocava!

E, ao dirigir-se novamente para a cidade, que o esmagaria, o acabrunharia, porque a vida era mais forte do que êle, desejava que uma chuva ardente caísse dos astros sôbre ela, como num castigo biblico, e a devastasse, a destruísse, reduzindo-a a cinzas e a destroços. Erguendo a voz, pôs-se a recitar os versos terríveis dos Dominicanos:

*Dies iræ, dies illa,
Solvat seculum in favilla!...*

A guerra estalou, com o estampido dum vulcão. Os exércitos invasores avançaram rapidamente do norte, ao estrépito das carretas de artilharia, dos tractores automóveis, dos carros de munições, das ambulâncias. Incessantemente passaram, em marchas aceleradas, divisões de infantaria que a distância sugeriam florestas em movimento, como no drama de Shakespeare, esquadrões de cavalaria, com o sol faiscando, ardendo, nas lâminas das espadas, infernais galopadas de artilheiros, muralhas sombrias de canhões. No alto, um bando de aeroplanos, de aves monstruosas batendo as asas à luz, explorava os horizontes, para se evitarem as ciladas. A balalha raivosa, terrível, implacável, travou-se, quando os invadidos quiseram opôr uma resistência heróica aos seus adversários. Os espaços inflamaram-se com os obuses e as granadas que rompiam, uivando, ululando, sibilando, das goelas negras das peças; o estrondo das descargas fazia tremer, oscilar a terra e ouvia-se a muitos quilómetros. A fuzilaria e as metralhadoras ceifavam, umas atrás das outras, as fileiras de combatentes, vergados a uma disciplina de ferro. O campo de recontro atulhou-se de cadáveres que tombavam em atitudes bizarras, os lábios contraídos num rictus doloroso, os olhos desmedidamente abertos. Os feridos rugiam de desespero, pedindo água e arrasando-se sobre o chão; o sangue corria em regueiras, tingindo tudo de vermelho. Atordoados, com chagas horríveis nos ilancos, os cavalos trolavam na campina, de estribos ao venlo, sem cavaleiros. E o

frigor da pugna continuava, continuava sempre. A terra parecia abrasada por um incêndio. A cada instante as explosões levantavam do solo espessas nuvens de pedras estilhaçadas, de homens, de detritos, cavando profundos buracos. Braços, pernas, cabeças, troncos, voavam no ar, como se fôssent leves palhas. Entralhas palpitantes e sangrentas eram projectadas contra as penedias, como uma massa repugnante. Árvores seculares estalavam, rachadas de alto abaixo, fendidas, destroçadas. A violência da batalha dominava completamente todos os ruídos da natureza, com o urrar formidável dos canhões.

Por fim, os invadidos, não podendo deter o avanço do inimigo, recuaram sob a tempestade da metralha, procurando outras posições mais fortes e deixando livre o caminho para a cidade.

Então, a população, tomada de pânico, encheu as ruas gritando, chorando, levantando o punho fechado para o céu, que assim os desamparava. Das torres da catedral, descortinavam-se, ao longe, as tropas invasoras que de novo avançavam em formações cerradas e compactas, embriagadas pela alegria da vitória. Era a catástrofe suprema! A cidade seria ocupada, o agressor odiado ditaria nela a lei, exerceria o despotismo, humilharia, ofenderia, praticaria lódas as abominações: — o roubo, o assalto às vivendas, os fuzilamentos, as violações! Os mais tímidos debandaram, enlouquecidos de pavor, pedindo protecção ao seu exército. Ficaram apenas os mais intrépidos, que se entregavam à sorte. A *révanche* viria, não se demoraria muito.

Efectivamente, salvas de artilharia começaram a troar outra vez da banda dos vencidos. A batalha recomeçava. Os invasores eram repellidos pela nuvem da metralha que rasgava amplas brechas nas suas fileiras. Estava, talvez, liberta a cidade, onde a vida se transmudara súbitamente num paroxismo.

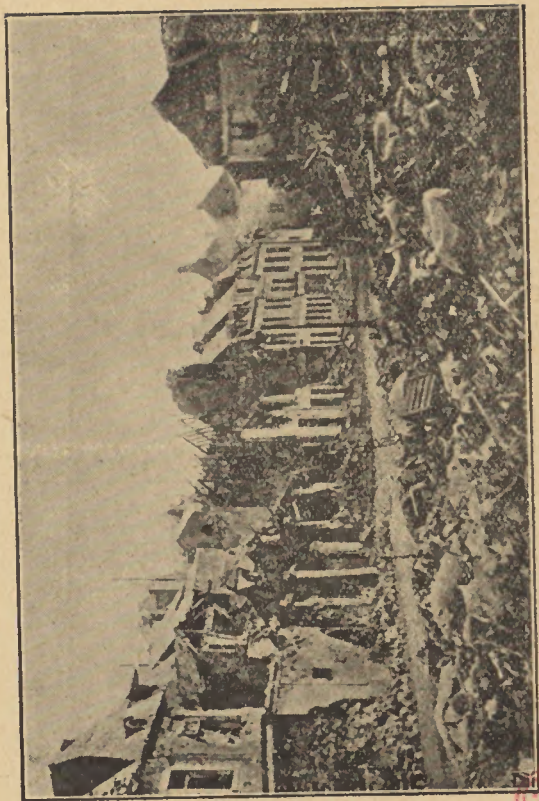
Mas uma granada de grande calibre, riscando na atmosfera toldada um rastro luminoso, veio estourar medonhamente sobre uma flecha da catedral, demolindo-a. Atrás dessa, outras deflagraram, fendendo as canlarias, desconjuntando os madeiramentos, esburacando as paredes, rasgando as rosáceas. A porta de entrada, que era uma pura maravilha de arte, com os seus arcanjos alados, as suas Virgens cândidas e sonhadoras, os seus bispos de longas barbas, as suas passagens dos Evangelhos esculpturadas nos granitos, abateu. Da parte superior da fachada desabou, mutilado, um anjo que sorria aos crentes o seu doce e celestial sorriso e que tantas gerações de crentes tinham adorado, com as lágrimas nos olhos. Línguas de lume, altas, torcendo-se ao vento, irromperam das naves onde as colunas de alto fusle sustentavam arcarias ogivais duma graça inenarrável. As tórres aluíram sobre a abside, triturando-a. E a artilharia roncava sempre, constantemente, encarniçando-se contra a morada de Deus, edificada por homens que traziam a abrir no peito o lírio branco da fé, contra a cidade inteira, que levava séculos a formar, que representava tanto trabalho, tanta energia, tanta audácia, tanto génio! Os incêndios atecavam-se por tôda a parte, desde os bairros excêntricos

até ao coração do vélho burgo, que gemia como se fôsse dotado duma sensibilidade e sofresse, que rugia como se uma cólera rutilante o alucinasse.

Os desmoranamentos eram continuos. Telhados, sacadas, pórticos inteiros se desgregavam sob o chuveiro permanente das granadas, lançadas por centenas de canhões. Os habitantes, abandonando tudo quanto possuíam, alarmados, pungentes, chorando, fugiam, fugiam sempre, como um enxame de abelhas laboriosas que deixa o cortiço onde um inimigo entrara.

Alguns, na fuga, eram atingidos por estilhaços de ferro, que os estendiam mortos. Crianças perdidas, desgarradas da familia, erravam, loucas de terror, por entre as labaredas e os desabamentos que, por fim, as sepultavam.

Durante uma semana, sistemáticamente, implacavelmente, o bombardeamento continuou, arrasando, varejando, despedaçando. A cidade não era mais do que um monte colossal de entulho, de madeiras carbonizadas, de pedras sôltas e negras de fumo, de caliça, de muros inclinados, uma confusão gigantesca de destroços fumegantes cobrindo a extensa planície. A ferocidade dos homens matara em poucos dias aquilo que, para viver, precisara da actividade, da alma, do sentimento, do cérebro, do onro dum milenário! E ainda, sôbre esta desolação, caíam os obuses, as trombas de fogo e de aço, como se se quisesse acabar por uma vez com o que já tinha acabado talvez para sempre e que fôra uma expressão esplendorosa da civilização contemporânea, uma imagem viva do empreen-



A cidade não era mais que um montão colossal de entulho...

dimento humano, a flor duma idade, um empório em que a riqueza circulava às torrentes ! Agora, as belezas artísticas, os museus, os monumentos, as fábricas, os laboralórios, as livrarias, as universidades, as sumpuosas architecturas que tinham causado a admiração dos povos cultos, tôda uma História, tôda uma tradição, tôda uma glória, apodreciam, fermentavam lentamente, como apodrece a carne dos corpos nas misteriosas alquimias da cova e da transformação da substância ! A cidade morrêra, definitivamente, e a guerra cometêra um dos seus maiores crimes, porque os invasores, querendo vencer pela fôrça e pelo terror, não hesitavam diante de nada !

Contudo, êsses invasores foram batidos, impetidos para trás nas pontas das baionetas, destroçados. Tiveram de ceder o território por êles conquistado a uma Pátria que nunca foi vencida e que na dôr, na angústia, encontra os estímulos do seu heroísmo. E por uma tarde dourada de sot, o bardo idealista que tinha amaldiçoado a cidade, subindo outra vez à montanha, abismou-se na contemplação do sítio trágico em que ela outrora elevava as agulhas das suas cathedrais, os seus domos reluzentes, as suas tôrres, as suas flechas, os seus mirantes, os seus telhados ponteados, as chaminés das suas fábricas, as suas linhas architecturais. No meio da planície rasa, ressaltava a nódoa das derrocadas. Pairava sôbre esta mancha brutal um silêncio de cemitério. Tôda a vibração da vida havia paralisado. No ar, um ranejo de corvos, descrevendo largos vôos, crueitava presagamente.

— Que horror! — considerava êle. Meses antes, ainda o movimento lalejava nas artérias do burgo histórico assassinado e que, mesmo com as suas ambições, a sua cupidez, os seus egoísmos, as suas sensualidades grosseiras, os seus apetites, as suas bestialidades, era supremamente belo, dando a impressão dum poema eterno em que o homem cantasse a sua grandeza, os seus orgulhos sublimes, as suas vaidades de criador...

Lentas lágrimas orvalharam os seus olhos, descendo-lhe pelas faces e deixando sulcos fundos na pele. Parecia-lhe que tôdas aquelas ruínas que se amontoavam na sua frente eram o resíduo mortal e transifório dum corpo sagrado que tivesse encerrado uma alma infinita. A dôr rejuvenescia-o, formava-lhe um espírito novo, dava maior subtileza às suas ideias e maior intensidade à sua comoção: e, erguendo o braço na direcção da cidade morta, abriu a mão e traçou no espaço uma cruz, para abençoar o seu cadáver despedaçado!



CONCILIADOS NA MORTE

HAVIA mais dum longo, fastidioso e triste mês de inverno que Raul combatia na frente de batalha, sem que a sua confiança nos superiores destinos da nacionalidade e da raça e a sua ardente fé na vitória desfalescessem um momento. Em volta de si, via cair constantemente, com o peito aberto ou o ventre dilacerado, companheiros como êle moços e corajosos que a declaração da guerra surpreendêra em plena florescência da mocidade e que, ao exalarem o derradeiro arranco, sôbre a terra molhada em que os seus pobres corpos se esvaziavam lentamente de todo o sangue, ainda sorriam animados por êsse sagrado heroísmo que nem a morte anquilava e que tinha a beleza duma luz perene locando de claridade as juventudes prometedoras. Por mais duma vez pousara êle a espingarda de cano fu-

megante para se curvar piedosamente sôbre a fronte pálida dos camaradas agonizantes, escutando-lhes o último gemido ou a última oração.

Depois, com um desvairado brilho de cólera nos olhos, reencetava o combate desesperadamente, para vingar, malando sem arrependimento e sem perdão, aquelas mortes que enchiam de murmúrios, de soluços, de atitudes lúgubres e espectrais, os fossos profundos.

Semanas houve em que Raul pelejou sem repouso, durante vinte e quatro horas seguidas, mirando os capacetes pontegudos dos adversários que ao longe apenas afluavam do chão. Atolado em lama até aos joelhos, com as pernas enregeladas e quâse anquilosadas pela inacção, desdenhava os sofrimentos físicos, na perturbante febre de raiva que se lhe apoderara do espirito e o alucinava. Nervosamente, em gestos rápidos, alvejava os soldados inimigos e desfechava sem fadiga e sem descanso, com os dentes rilhados e os músculos da face contraídos. De quando em quando, densas fileiras de tropas contrárias saíam dos seus refúgios, calavam baionetas e avançavam à carga, cantando hinos patrióticos, gritando, rugindo, ameaçando. A baça luz invernal acendia lampejos brancos, cintilações, fulgurações, nas lâminas cortantes. A fuzilaria intensificava-se, roncavam os canhões e uma tempestade de ferro e fogo passava por entre os combatentes devastadoramente como as fouces nas searas. Um a um os lutadores tombavam pelas planícies, por vales, por outeiros — ondeante massa humana ceifada — des-

cansando docemente os olhos embaciados nos céus altos e indiferentes às grandes catástrofes. Os que escapavam à carnificina monstruosa, vinham deter-se em frente às fiadas de arame farpado onde eram abatidos à sabrada e a tiro como as réses num matadouro, no meio dum sonoro alarido de exclamações triunfais, de ironias, dos silvantes sarcasmos dos vencedores.

Momentos fortemente vividos, êsses que deslizavam na bravia, rude fúria das batalhas! Tudo se esquecia, tudo se apagava nas memórias mais fléis, desde os pezares, as saúdades, as infáveis recordações de gloriosos instantes de ventura, até ao amor à própria vida. Cada reencontro era uma loucura, um paroxismo, um turbilhão de lume em que vastas massas de homens redemoinhavam, excitados pelo fumo sufocante da pólvora e pelo cheiro acre da sangueira, de peito latejante exposto ao perigo — esseudo em que batia um épico e rubro coração. Ao trocar das primeiras balas e ao fragor das primeiras granadas, as almas feehavam-se de pavor e uma tremura impossível de dominar arripiava as carnes: — mas êste delíquio era fugaz. Em breve os batalhadores se transmudavam em feras; as suas máscaras enérgicas perdiam a serenidade, o luar de bondade que as humanizava; dissipavam-se nêles todos os generosos impulsos da consciência e tornava-se mais intensa a vontade de matar, de matar sempre — porque só no exterminio germinaria e desabrocharia a flor pura e bendita da paz...

Ao calar-se o trovão da artilharia e o ruído confuso e sêco das metralhadoras, o silêncio — um funebre,

desolado silêncio — descia dos astros sôbre os campos de combate, que suavam sangue. O crepúsculo abria as suas intensas asas negras por cima das escalvadas serranias, das risonhas, verdes veigas, da folhagem dos arvoredos; esfumavam-se, diluam-se, as formas; o ambiente povoava-se de aparições errantes. Em certos instantes, uma lua redonda, alvejando entre nuvens, desdobrava um ténue sudário luminoso pela ramaria das florestas, pelos prados, pelos charcos de superfície quieta, pálida e metálica, pelos pousios onde os cadáveres apodreciam aos montes, de mãos lividas e crispadas, de bôca roxa, sinistra e aflitiva. Cavalos sem cavaleiros relinchavam e galopavam perdidamente na treva, saltando regueiras de sangue coagulado, barrancos, sébes de canhões desmontados, parapeitos desertos. Nenhum barulho sobressaltava a solitude temerosa: nenhuma luz irradiava débeis lucilações douradas.

Era então que os combatentes, recuperando a sua tranquilidade interior, abandonavam as armas, acendiam os cachimbos ou os cigarros e, acocorando-se sôbre os feixes de palhá estendidos nos pontos enxulos dos enrincheiramentos, fumavam e lembravam o encanto das existências pacíficas levadas na tranquilidade campestre, nas oficinas, nas universidades, nos estaleiros, nas fábricas, nos inumeráveis laboratórios em que se formava uma grande civilização. Todos ôles tinham as suas histórias dolorosas a conlar: — uma vèlha mãe inválida que chorava e rezava em algum pardieiro distante; filhos inocentes, louros e ainda pequeninos, nascidos do mistério dum beijo amoroso, que

à roda de lareiras sem lume, famintos e chorosos, estavam de-certo relembrando os pais ausentes que, pela Pátria, sacrificavam, resignados, uma existência que perleucia aos mais fracos, aos que precisavam de amparo e de carinho.

A fumarada do tabaco formava uma espessa nuvem na lrincheira; vagarosamente, o tempo corria e uma tristeza inenarrável infiltrara-se nos sentimentos como um fio de água se infiltra num torrão calcinado pelo sol. O perigo constante, as amarguras curtidas em comun criavam entre a soldadesca uma solidariedade mais estreita, um calor purificante e benéfico de comoção capaz de fundir tôdas as friezas — porque a guerra é uma fonte inexgotável de virtudes colectivas. Nas suas demoradas conversas, os batalhadores reavivavam os camaradas que a morte durante o dia arrebatara — e, pelas faces lisnadas e ennegrecidas, grossas lágrimas rolavam entre fundos suspiros.

— Não tenho receio de morrer — dissera uma vez Raul. Mas há uma coisa que me horroriza.

— Que é? — perguntaram os companheiros.

— Imaginem esta tortura: — podemos ser feridos em qualquer combate, muito embora as balas nos hajam poupado até hoje! É o que temos de mais certo. Ora, agora, pensem que a dôr nos faz perder os sentidos, que ficámos inanimados debaixo de montes de cadáveres e que seremos enterrados ainda vivos!...

O diálogo interrompia-se para que as imaginações sobreexcitadas visionassem o horror de tal perspectiva.

As respirações tornaram-se ofegantes e entrecortadas e os peitos arquejavam.

— Se eu tiver de desaparecer nesta guerra, que uma bala ou um caço de granada me matem redondamente. Os que morrem logo são os mais felizes.

Ah! na verdade, que medonho pesadêlo entrevislo pelas fantasias exaltadas! Sentir' aproximar os passos do coveiro, escutar o som cavo das enxadas e das pás rasgando no fértil ventre da terra as extensas valas que hão-de entulhar-se de carne esmigalhada, ver-se atirado para o leito negro e glacial duma sepultura sem que se possa gritar por socorro, clamar: — «Estou vivo, estou vivo!» — que allicção estupenda, que supplicio dantesco!

Soprando baforadas de fumo que se azulavam na atmosfera, torcendo-se em caprichosas espirais, Raul dramatizava a sua hipótese, carregando-lhe as tintas.

— Vejam! A consciência está desperta. Todos os movimentos e todos os ruidos se percebem com nitidez. Ouve-se o troar longinquo do canhão, o desfilar dos esquadrões, o rodar estridente das carretas de artilharia, as roucas vozes de comando, os vibrantes loques de clarim. Mas tudo findou para os que um ferimento grave tenha immobilizado completamente. A terra cairá sôbre êles, opaca, fria e pesada. Querem respirar e não podem. Por um fugidio segundo, e para que o seu derradeiro martirio seja mais cruel, ressuscitam: e, enquanto thes não estalam as últimas fibras vitais, notam o que sôbre êles, em pleno e limpido ar livre, vai ocorrendo...

— Terrível, terrível ! — bradavam, alarmados, os camaradas do narrador.

— Já meditaram nisto ? — insistia Raul. E olhem que se não trata duma ficção, duma coisa absurda. O que digo está dentro dos domínios da realidade. Quantos soldados nossos e adversários terão sido sepultados em vida, pelas miñas, pelas explosões dos grandes obuses, nesta formidável barafunda. Muitas vezes, apesar de extenuado, não concilio o sono, só de pensar nesta tragédia.

Durante estas palestras lúgubres, a escuridão noturna fugia, emudecida, sem uma palpação, sem um alarido: e um estranho calafrio trespassava os heróis até à medula. Para êspancarem a impressão tenebrosa, os combatentes mais calmos e fortes repeliam as canções picantes da Musa parisiense, ouvidas semanas antes nos *cabarets*, nos *music-halls*, imitando Paulin ou Mayol: — e as fronteas pesarosas desanuviavam-se. Muito ao longe, em outras trincheiras, a artilharia troava sempre e o seu estampido ecoava sinistramente.

— Agora, estamos em férias ! — dizia Raul. Mas quantos compatriotas nossos vão caíndo para sempre !

— Ah ! a guerra ! — murmuravam vozes medrosas. Porque não hão-de morrer nela os que a provocaram !...

E um ódio surdo subia dos corações contra os inimigos que desencadearam a tempestade. Mas, pouco a pouco, as palavras esmoreciam nos lábios. Deitados nas palhas húmidas, os soldados dormitavam, sob a guarda atenta de sentinelas vigilantes.

A manhã ascendia fresca, refulgente, côr de ouro e côr de rosa, das bandas do nascente, e não tardava a reacender-se a luta da véspera — igual à luta de todos os dias, porque nem uns nem outros ganhavam terreno, o que constituia já um triunfo para os agredidos. O chão disputava-se, com feroz tenacidade, a ondas de sangue.

— Quando saíremos nós dêste atoleiro? — perguntava Raul.

A imobilidade permanente começava a irritá-lo, a excitar-lhe os nervos. Ansiava por bater-se a corpo descoberto, sôbre as retvas orvalhadas e viçosas, no meio do aroma dos fenos e dos ervaçais esmagados, respirando a fundos hauslos o bom ar vivificante, contemplando na arremetida das pugnas em que se mata e se morre, os horizontes desafogados e os espaços libertos por onde voavam asas assustadas com a ferocidade dos homems.

— Morrer assim tem a sua beleza — afirmava êle.

— Não faltará ocasião para isso — atalhavam os outros, sorrindo.

— Pois que se não demore !...

Certa tarde, quando a rosa do sol morria pelos pinheiros das serras algodoadas de brandas névoas, recebeu-se no sector de Raul ordem de carregar à baioneta sôbre os entrincheiramentos germânicos que era necessário conquistar a todo o transe. A acção iniciou-se

por um violento duelo de artilharia, riscando de largos sulcos violáceos a atmosfera que ia escurecendo e entristecendo. Com que indizível júbilo Raul saltou para fóra do subterrâneo que, durante tanto tempo, havia sido a sua vivenda! A aragem vitalizante acariciava-lhe a pele da face, os seus olhos embebiavam-se no fulgor da claridade expirante. Os soldados, sob a melralha, alinhavam-se para a carga, plácidamente, sem uma hesitação. O ruído era tremendo, e o chuveiro das granadas iluminava todo o céu de clarões. A campina em frente ardia como um fogo gigantesco.

— Rapazes, da vossa valentia depende a honra da Pátria. Que nem um só recue! — bradou o oficial ainda novo, de espada erguida.

Não vacilariam, certamente. Já as espingardas tremiam nas mãos, agitadas pela fúria. De cabeça orgulhosamente erecta, esperavam o instante supremo da arrancada. Os canhões disparavam continuamente, para cobrir a infantaria.

— A carga! — bradou o oficial.

A avalanche humana largou, desabou numma corrida vertiginosa sobre os adversários, cantando para as estrêlas que principiavam a lucitar, electrizada pela crença patriótica, pela confiança. Corria sempre, raramente de onde a onde pelos que iam ficando para trás, estendidos e sangrando sobre as relvas.

— Para a frente, para a frente! — incitava o oficial.

Estavam próximos, apesar de dizimados pelo fogo das melralhadoras que vomitavam leques de balas sobre êles. De repente, Raul caiu, varado do peito às

costas, junto das defesas leutônicas. Havia-se travado o combate corpo a corpo. Entre gritarias, blasfêmias, pragas fulgurantes, as baionetas enterravam-se molemente nas carnes latejanles, de onde esguichos de sangue repuxavam. A artilharia deixou de troar. Apenas se ouvia o tinir das lâminas, o vociferar das bôcas torcidas, o estertor ansiado dos moribundos. A terra estava coberta de mortos, enovelados uns, outros de rosto contra a poeira...

Quando Raul despertou da sua síncope, o ataque dos seus havia sido repellido. Mas a peleja não acabara. Os canhões de um lado e de outro voltaram a disparar incessantemente, fazendo sôbre os que tinham morrido e sôbre os feridos um docel de bombas e obuses, um pálio rutilante de fogo. Junto de Raul, um bávaro, delirante, de olhos esbugalhados e raspando o chão com as unhas, entoava em voz fraca a *Guarda do Rheno*. Um outro alemão, com o peito varado por uma baioneta, dizia palavras incoerentes. De todo o campo se elevava um confuso murmúrio de soluços, de queixumes, de lamentações, de gritos. Alguns feridos, escorrendo sangue, imploravam:

— Agua ! Agua !

E estendiam as mãos suplicantes, enquanto o bávaro, no seu delirio, continuava cantando.

Então, Raul, que se esvaía, concentrando as suas fôrças derradeiras, cantou a *Marselhesa*, entusiásicamente, sob o estrondo atroador da batalha, que não findava. A certa altura, a sua voz principiou a enfraquecer, senlia que o seu corpo arrefecia, que o coração

mais leutamente lhe pulsava no peito:— mas cantava sempre, agora com a certeza consoladora de que a sua Pátria expulsaria o inimigo do território invadido e que voltaria à paz, à beleza, à grandeza, à prosperidade doutrora, mais forte pela fecundação das energias num conflito de litãs, mais soberba, mais esplêndida... E abençoava aquela guerra horrorosa que fazia o milagre da uma ressurreição !...

Mas, na sua emoção, e relanceando a vista turva em roda, não havia ódio. A miséria dos seus compatriotas confundia-se com a miséria dos inimigos, morrendo lado a lado, misturando o sangue, todos êles varonis, robustos, magníficos. Ah ! a primavera humana em flor varejada ! Uns e outros eram homens e caíam pelos mesmos princípios, pelos mesmos ideais, pelas mesmas aspirações !... Estremeceu. Uma pobre mão, exangue, o puxava, alguém lhe falava quãse em segredo. Era o bávaro que sussurrava, num bolir de lábios:

— Camarada...

— Hein ?

— Tinha uma noiva... Ia casar-me !...

— Eu tinha uma mulher e tinha filhos !...

Chorando de piedade, estreilaram-se mais, de-certo para que a morte igualitária, apaziguando os seus sofrimentos, os irmanasse e os reconciliasse...



RESSURREIÇÃO DUMA ALMA

ABSORVENDO-SE em fundas meditações, lendo febrilmente os filósofos e sociólogos, estudando sempre e passando insofridamente de umas teorias a outras, Miguel, ao fim de um longo trabalho mental e de reflexões demoradas em que a sua inteligência se comprazia, chegou a um resultado desalentador: — não compreendia a guerra. E, como a não compreendia nem encontrava no cérebro ou na alma, no pensamento ou na emoção, razões que a justificassem, considerava-a como a pior das tiranias, como o maior crime das sociedades organizadas.

— Porque não hão-de os homens, seres percíveis, seres transilórios, viver docemente os dias da sua efêmera existência, amando-se uns aos outros, estreitando-se no mesmo abraço de affecto e de concórdia? — monologava. O mundo é vasto e há nêle espaço para

tôdas as ambições, para tôdas as iniciativas, para tôdas as actividades.

Em vão lhe afirmavam que essa guerra por êle tam amargamente odiada era uma fonte de energia, de disciplina, de maravilhosas virtudes, de abnegação, de patriotismo, de solidariedade. Durante as batalhas fulgurantes, quando os canhões troam e os horizontes se cobrem de fogo, varridos por furacões de ferro, forma-se entre os combatentes uma perfeita união espiritual em que florescem as rosas divinas da bondade, da piedade, do amor. Para convencerem Miguel do seu êrro, puramente sentimental, diziam-lhe que só a luta viriliza as raças, as dota de fôrça, de heroicidade, de resistência, não permitindo que nelas medre a flor do egoísmo. Asseveravam-lhe que os povos que deixavam de combater durante muitos anos entravam numa decadência angustiosa, num crepúsculo em que tôdas as suas faculdades e todos os seus dons se apagavam tristemente, acontecendo-lhes o mesmo que a certos insectos que, não se exercitando, não se vigorizando constantemente no vôo, terminam por perder as asas, rastejando dolorosamente. Miguel, porém, teimando com obstinação, exclamava:

— O homem pode perfeitamente robustecer-se em lides nobres e fecundas e não matando o seu semelhante. Entendo que nenhum Estado tem o direito de saerificar a conflitos politicos a mocidade promissora da sua gente, que é a beleza, o génio, a vitória, o futuro! Nenhum dirigente deve dispôr da vida dos dirigidos.

— Nem para a defesa da Pátria? — perguntavam os seus contraditores.

— Nem mesmo para isso! — respondia Miguel com vivacidade. Moralmente, ninguém pode tirar aos outros aquilo que é incapaz de restituir-lhes.

Os amigos com quem êle discutia êstes problemas sociais encolhiam com indiferença os ombros diante de tal tenacidade e de tam absurdas teorias, e retiravam-se sorrindo e murmurando:

— Isso é um ponto de vista individual, fóra da realidade dos interesses colectivos.

— Pois será! Mas eu creio que estou na verdade.

— O que é a verdade? Já Pôncio Pilatos fez outrora, num célebre momento histórico, a mesma pergunta, e não encontrou quem lhe respondesse!...

De resto, para Miguel, que devorara, numa ânsia de saber e de curiosidade intelectual, tôdas as doutrinas avançadas da sociologia, a ideia de Pátria era vaga, abstrata, imprecisa. Não a sentia com nitidez, profundidade e relêvo. A Pátria, para êle, era uma só e nela movia-se, labutava, amava, sofria, tôda a humanidade. A diferenciação das línguas, dos ideais, das aspirações, das tendências dominadoras, representava méras convenções sem importância, episódios fúteis que se iriam diluindo no calor das modernas correntes orientadoras. Tratava-se apenas de preconceitos que vinham dos séculos distantes, enraizando-se nos costumes, porque jãmais se havia querido verificar o que nêles existia de artificial, de falso, de abu-

sivo. Para que continuá-los, quando uma aurora de prodigiosa e clara luz vinha anunciando gloriosamente a emancipação dos escravizados?...

Cogitando sobre a ferocidade das pendências armadas que arrojaram aos campos de combate, umas contra as outras, inensas massas de homens que se trucidam, se despedaçam com raiva, se destroem com fúria, numa hora de alucinação, Miguel, abalado por uma dor moral intensa, pensava na inteligência criadora, na emotividade artística, no talento, na graça, na esperança esplêndida que cada batalha custa à humanidade.

— Com efeito — monologava êle, no silêncio do seu gabinete de estudo, entre brochuras — quantos poetas de estro maravilhoso e de inspiração ardente, quantos pintores, músicos, romancistas, esculptores, filósofos, políticos, cientistas — mèsse de estupenda e libertadora abundância — caem varejados pela metralha num só instante!

E, desenvolvendo êste pensamento que fazia aflorar a sua emoção, Miguel considerava que, sem a guerra que os mandava marchar para o morte ou para as dramáticas, cruéis chacinas, êsses sacrificados seriam os construtores incomparáveis duma luminosa civilização vindoura, os propagadores, os apóstolos dum verbo revelador que rasgasse às consciências novas e resplandecentes veredas de progresso vitorioso, os reformadores, os inovadores, talvez os fundadores doutras religiões e de outra arte! Pois as balas abatiam lúgubremente êstes semeadores de beleza e de ideal, pre-

destinados para renovarem a espécie a que pertenciam e que nobilitavam pelo génio. E porquê, porquê? Por uma rubugiee de chancelarias, pelo capricho de politicos ou de chefes de Estado que não combatiam, pelo mau humor dos diplomatas!

O que mais o irritava era a passividade com que milhares, milhões de criaturas que dispunham da fôrça, que a retinham nas suas mãos e que, portanto, poderiam impôr-se, obedeciam à voz que os mandava avançar, abandonando a felicidade dos lares onde nunca mais voltariam, os pais, as espôsas, os filhos, as doces venturas familiares. Nenhuma delas, ainda a mais violenta e impulsiva, esboçava um gesto de rebelião que logo se atearia como um incêndio.

— Por mim — concluiu Miguel convictamente — em caso algum pegaria em armas para me bater, muito embora a Pátria estivesse em perigo. A minha Pátria não é, positivamente, o reduzido cauto de terra onde vivo, o lugar onde nasci, o pomar onde amadurecem as fructas que são minhas, o jardim onde desabrocham as minhas flores, a cidade onde se fala a minha linguagem. É o mundo habitado. E todos os homens são meus irmãos.

Para rectificar a certeza dos seus raciocínios e das suas emoções e para saciar a curiosidade de ver outros povos e outros países e de observar outros costumes, Miguel quis viajar, completando assim, praticamente, a sua educação feita nos livros. Animava-o a confiança admirável de que, por lóda a parte, ao contacto com as innumeráveis nullidões conscientes, en-

contraria idêntica comunidade de sentimentos e de aspirações, a generosidade, a simpatia, os interesses morais, as afeições veementes e espontâneas, as puras abnegações. E tam forte era esta confiança que Miguel, ao sair da sua nacionalidade, no compartimento do combóio que o levava para longe, ao arquejar da locomotiva abrindo e fechando os seus rudes pulmões de aço, não sentiu o coração aperlar-se-lhe de saúde e de angústia. Entrou com alarido nas tumultuosas Cosmópolis sem que a nostalgia um só momento o perturbasse. Visitou miudamente as grandes, as prósperas nações onde se trabalha sem fadiga e onde a miseriosa forma, ao lado da opulência, um prodigioso contraste. Estabeleceu comparações deprimentes para o seu país; durante semanas viveu num permanente delirio, numa agitação que o impossibilitava de coordenar pensamentos, de reflectir, de analizar as próprias comições intimas... Mas, quando esta febre devoradora acalmon, uma sensação singular até aí desconhecida apossou-se de todo o seu sêr, sobressaltando-o.

Na realidade, via-se inteiramente isolado, só, entre aquela aglomeração, no meio de scenários ignorados, presentindo que nenhum cuidado emotivo ou sentimental o aproximava de pessoas que nem sequer o olhavam, que lhe não sorriam amigavelmente, que o acolovelavam nas ruas se êle parava, que falavam dialectos que êle não compreendia.

Ante as caledrais, os monumentos sumptuosos pelas suas linhas arquitectónicas, as bibliotecas, os museus, as universidades, começou a lembrar com infável

doçura as aldeias repousadas e louras de sol de Portugal, as suas paisagens que eram maravilhosas éclogas latinas, as suas rumorosas florestas, o azul translúcido do céu.

A noite, nos hotéis ruidosos como Babeis, quando a escuridão baixava, Miguel experimentava uma desolação indefinida. A solidude, pesando à sua volta, exaltava-o. Passava longas horas recordando, avivando impressões da sua Pátria longínqua, as guitarradas ao luar, os namoros soh as altas varandas, como em *Romeu e Julieta*, as serenatas cantando para as estrêlas, os convívios simples, os amáveis serões decorrendo num enlêvo...

A magnifica certeza antiga da solidariedade universal dissolveu-se no seu espírito, depois que verificou que apenas o egoísmo se universalizava. A esta tortura juntou-se uma outra. Na verdade, Miguel sentia a bizarra impressão de haver perdido a alma entre as turbas estrangeiras. Parecia-lhe que essa alma andava agora muito distanciada dêle, desgarrada, vagabunda, alheada e triste. Então, não hesitou. Fazendo as malas, correu à estação do caminho de ferro mais próximo, comprou bilhete e partiu para Portugal — e a alegria que do seu coração fugira como uma ave emigradora e misteriosa, novamente lhe entrou no peito mal entrou a fronteira lusitana, onde aspirou com sofreguidão o ar pátrio que vinha dos descampados, impregnando-se de effúvios, do cheiro das resinas e das seivas, do aroma das rosas bravas, do tomilho rescendente e do serpol. E oh! milagre celeste! Outra vez

encontrou a alma — essa alma saúdosa — só com falar com os seus compatriotas, com contemplar o riso sãdio e cãndido das populações campestres. Nunca a Pátria lhe parecêra tam bela, como luz, como bucolismo, como repouso, como serenidade. Seus olhos vislumbravam nos panoramas mais nas côres e fórmas inéditas. Nêsse instante de iniciação e de revelação compreendeu, por fim, o que a Pátria é para os homens que nela vivem livremente, fruindo direitos, cumprindo obrigações, impondo uma personalidade. Os que a não possuissem, conservando a lucidez do raciocínio e a finura da sensibilidade, seriam os sêres mais desgraçados do mundo consciente. Nenhum orgulho, nenhuma finalidade, nenhum impulso nobre e elevado os conduziriam na existência incerta!

A caminho de sua casa — que para êle possuía agora uma formosura maior do que a do lendário Palácio da Felicidade, que tinha portas de ouro — Miguel ia considerando que a perda de uma Pátria é o maior sofrimento que pode abater-se sôbre a rês pensante. Com ela, perder-se-ia também a liberdade, tôda uma história épica, tôda a razão de ser de uma raça, as tradições, os mitos, as lendas, o culto do passado. As mesmas figuras dos representantes, que foram desaparecendo nos abismos da cova, se apagariam como uma claridade que durante muito tempo oscilasse! E nenhum escravo que uma scintella de génio iluminasse, que tivesse nascido com um talento original e fôsse o portador excelso da uma moral inédita, de uma inédita sciência, de uma arte maravilhosa, conseguiria

elevant-se acima da vulgaridade, submetido ao despotismo dos dominadores! A própria linguagem, toda uma literatura, toda uma glória, pereceriam! Como se arrependia agora, contritamente, dos seus passados desvarios humanitários! E como eram erradas e vãs as doutrinas de que, espiritualmente, alimentou a juventude romântica!

O seu arrependimento era tam sincero e tam profundamente o influenciava, que dai em diante desejou apenas uma ocasião propícia para reparar a falta cometida. Para ser, no seu país pequenino e sossegado, uma individualidade útil, casou, constituiu familia, lidou incessantemente, colaborando com a sua lide na prosperidade nacional. Era scéptico e tornou-se um crente. Desdenhava o patriotismo e transformou-se num patriota ardente, combatendo constantemente toda a acção amolecedora da vontade, toda a filantropia dissolvente da coragem, do heroismo, das qualidades guerreiras, todo o pessimismo que produzisse desagregações. Aumentou a sua fortuna, rodeou-se de comodidades e de confortos e a vida, para Miguel, deslizava sem um abalo, uma contrariedade, tam subtilmente que elle nem chegava a surpreender-lhe o tédio.

Um dia, porém, a paz conturbou-se. Em remotas paragens que nos pertenciam, que eram a herança recebida de antepassados veneráveis, — esses antepassados que sobre os tombadilhos das fustas e das caravelas escreveram de noite, sob as constelações, a ponta de punhal, as páginas imorredouras da nossa história — entrou o invasor. Miguel, imedialamente, se asso-

ciou aos que bradavam pela desafronta. Acompanhava aos cais de embarque, electrizado, gritando, agitando a bandeira da Pátria nas mãos trémulas, as tropas que iam repelir a invasão e regar com o seu fecundo sangue, em que vicejaria a flor escarlata da beleza, o pedaço de território ameaçado. Durante semanas, o seu civismo ganhou mais ardor. Ah! era necessário que os adversários fôsem levados para longe, nas pontas das baionetas, sob o dilúvio das balas!...

Em breve, porém, se espalhavam notícias fúnebres dum revés inesperado para as armas lusitanas. Miguel leu os jornais com os olhos orvalhados de lágrimas de desespero. Amarrotando-os entre os dedos, arremessou-os para longe e correu a casa, a dar um derradeiro beijo na mulher e nos filhos ainda crianças.

Era novo, era forte, tinha o dever de partir também para malar com fúria, para morrer com glória — se nessa jornada formidável a morte o arrebatasse. Os seus braços manejariam com dextreza uma espingarda, o seu peito seria uma barreira oposta aos adversários, enquanto nêle batesse um coração puro! Alisou-se como voluntário e seguiu na primeira expedição, feliz por ir bater-se pela Pátria — êle que outrora a deprimira, alucinado por sentimentos que agora lhe pareciam monstruosos!...



REVELAÇÃO

A música fôra para Eduardo, desde os primeiros anos da juventude, a sua única paixão séria — uma paixão profunda, quâse mística, que o absorveu, que se lhe apoderou da substância e da razão e que marcou, nitidamente, o seu destino de artista, consagrando-lhe tôdas as horas, estudando-a na sua sciência e na sua estética, procurando compreender-lhe as mais vagas, recônditas minuciosidades. Ao fim dum longo trabalho e de pacientes cogitações, conseguira formular sôbre ela uma síntese que julgava definitiva. Para êle, a música não era apenas a arte de combinar sons que fôsem agradáveis ao ouvido, nem a arte de comover almas, por essa mesma combinação. Ambas as definições lhe pareciam sêcas, inexpressivas, vazias de sentido e de realidade.

É pelas impressões físicas que nos seres delicados o som desperta, pelas sensações que transmite, pelos mundos irreais que faz vislumbrar aos espíritos mais subtils, pelo poder de evocação que comunica, que ela determina em nós, em especiais estados psíquicos, certos sentimentos e certas ideias. Actuava sobre a nossa sensibilidade por modos bem diversos na sua essência. A melodia, que é o efeito musical produzido por frases de sons mais ou menos simétricos; a harmonia, resultante dos vários grupos de sons successivos e ouvidos simultaneamente; o ritmo, exercem em nós alternadamente uma influência diversa. Segundo o sentido que a associação das ideias tiver comunicado às suas fórmulas, assim elas acordarão na nossa emotividade sugestões mais ou menos intensas. Por isso mesmo, para Eduardo, a música era, sinteticamente, a arte dos sons.

Como arte, estava submetida às leis precisas do movimento e da ordem — e, portanto, à natureza, que era a grande origem inspiradora — justamente como a pintura, a escultura e a arquitectura, que no mundo exterior encontraram as cores e as formas, e como a poesia, que pela linguagem exprime a beleza das coisas terrestres e tenta a sua interpretação...

Nas suas longas meditações, Eduardo perguntava a si mesmo se pelo som, que era também uma linguagem maravilhosa, não seria possível fixar uma imagem luminosa tanto da realidade ambiente como dos mistérios da intimidade moral. Ele queria, ardentemente, electrizado por uma vontade que nunca amolecia, não

só pintar com o som, mas descrever, narrar, sondar o invizível. Na música de Debussy que tanto o seduzia, perscrutava já uma superioridade sôbre as outras. Havia, sobretudo, na obra do excelso compositor francês, uma página que o deslumbrava e o fazia cair em êxtase: — o *Jardim sob a chuva*. Concentrando-se, fechando os olhos, via lúcidamente a scena que Debussy esboçara, a paisagem idealizada de tristeza, um ténue nevoeiro ascendendo e prolongando, esfumando as formas; sentia o próprio ruído das gotas de água despreendendo-se das folhagens verdes, o perfume que as corolas abertas exalavam e que incensavam todo o ar buço e melancólico.

No entanto, Debussy era ainda incompleto porque não aliava às suas notáveis faculdades picturais uma grande finura psicológica. Dava com maravilhosa verdade resumos incomparáveis das exterioridades: mas as aspirações, as idealidades, as angústias, as arborescências do sonho infinito que cada alma traz dentro de si, escapavam-lhe absolutamente. O músico de gênio, para êle, seria um novo Beethoven que à potência da sua capacidade de psicólogo juntasse qualidades admiráveis de pintor. Mas como surgiria êle? E que correspondência não entrevista ainda existirá entre uma melodia e uma emoção? Por que processos enigmáticos se transformaria a música do futuro numa espécie de verbo divino, com o colorido, a euritmia, a linha, visível, a eloquência, capazes de transmitirem ao auditor a emoção procurada e transcrita pelo artista, de maneira que o ouvinte tivesse diante dos olhos, real,

tangível, material, representada quâse plásticamente, a imagem modelada pela música? O único instrumento desta arte, que é a maior de tôdas porque nunca se banaliza e nunca se mostra, como as divindades, era o som:—e o som constitue um elemento muito insignificante, sem encanto, sem variedade, de que apenas se pode tirar partido por transformações constantes e elaborações numerosas.

As palavras argutas de Wagner, que outrora lhe pareceram nebulosas, esclareciam-se agora perfeitamente para Eduardo:—«As artes de representação referem-se tôdas a um objecto real, ao passo que a música se dirige directamente a nós sem que nos represente nada de particular.»

—É isto mesmo—confessava. A música é uma criação puramente humana! Mas, por êsse facto, diminuirá o carácter artificial a fôrça da sua acção?

A esta dúvida, insurgia-se. Com effeito, a música actuava sôbre os temperamentos de *élite* mais intensamente do que nenhuma das outras artes. A energia dinâmica dos elementos que ella punha em jôgo era verdadeiramente superior. Um som produzia no ouvido uma sensação mais predurável e vehemente do que um desenho na vista, ainda que êsse desenho fôsse de Leonardo de Vinci; um poema sinfónico fará vibrar mais as sensibilidades do que uma estátua de Miguel Ângelo ou a catedral de Milão. Porquê? Derivaria esta verdade da circunstância dos nossos órgãos visuais ou sensoriais serem continuamente mais affectados do que os nossos órgãos auditivos? Ou nascerá esta particu-

laridade do ritmo, bem estabelecido e fortemente caracterizado, sem o qual a música não existiria? Eduardo não encontrava explicação para tais interrogações; mas por uma espécie de adivinhação, tinha a certeza de que a música dos séculos vindouros seria mais significativa do que a actual, e de que a obra musical expressiva da nossa época estava ainda por fazer, flutuava no domínio das hipóteses, apesar de Wagner, de Berlioz, de Strauss, de Debussy, do estupendo colorista que era Saint-Saëns, que consumia nos descrelivos toda a emoção criadora e perscrutadora de almas.

Schopenhauer denominou a música actual de «uma metafísica tornada sensível» e Eduardo compreendia a justiça desta definição. Realmente—pensava êle—a arte musical atinge o fundo inconsciente das ideias ou das emoções humanas, mas não exprime as formas ponderáveis. E era esta a sua maior tortura! A música aparecia como incompleta à sua intelligência:—desejava completá-la. Esta seria a sua glória—a maior glória de todos os homens do século—e o seu orgulho!

Encerrado no seu gabinete de trabalho, amava especialmente o silêncio nocturno para os lentos estudos, porque nada havia então à sua volta, nas horas vagarosas da solidude, que lhe dispersasse a atenção, que o desviasse da quimera que perseguia, que o distraísse, que afrouxasse a tensão exaustiva dos seus nervos e a sobreexcitação alucinante do seu cérebro. Fechava-se na casa isolada que habitava, acendia as luzes, ia para o piano e até de madrugada improvisava, analizava.

lentava surpreender êsse estilo inédito que lhe imporia desde logo a personalidade, compunha, orquestrava, para imediatamente rasgar tudo, esquecer tudo e cair exausto, pálido, destroçado, sôbre a sua cadeira, com um enorme, um desfibrante desalento no coração. Todos os seus esforços, tôdas as suas audácias, tôdas as suas lutas se dissipavam em fumo. Certas frases que lhe pareciam poderosas e novas no instante da realização, considerava-as fúteis depois de poder reflectir e de julgar, quando recuperava a serenidade e a excitação nervosa se apaziguava no seu organismo. Nada inventava que saísse fóra dos moldes conhecidos, a sua memória estava cheia de reminiscências que não conseguia evitar na produção pessoal, e isto exasperava-o.

Ah ! haver sacrificado à arte, que era a sua maior alegria, a sua mais pura esperança, tôda a flor duma mocidade, os seus amores, as suas felicidades, e ser por ela traído, que humilhação ! Os outros rapazes que tinham sido seus condiscipulos e que se não deixaram arrebatados pelos impulsos e pelas exaltações duma fé impossível de alcançar, estavam na razão. Amavam, eram amados, conheciam a ventura que o mundo reserva para cada existência consciente. Ele seguira rumo diverso, tinha uma alma diferente, era um fanático, escravizava-se às loucuras, às fantasias da sua imaginação doente—e para quê ? Só intensificou o infortúnio que o devastava, a febre em que ardia continuamente !...

Nas horas mais amargas, quando a certeza da impotência estética o acabrunhava, sentava-se ao piano e tocava maravilhosamente a *Quinta Sinfonia*, de Beelho-

ven, que o pacificava e derramava à sua roda o repouso, como uma voz consoladora que viesse de muito longe, das ignotas regiões duma outra vida, embalar-lhe docemente o vergel das ilusões. Outras vezes, porém, caía sôbre os cadernos de papel que esperavam o milagre do seu génio de compositor, e chorava longamente, silenciosamente, no abandôno que o cercava, sacudido de soluços, minado por um mal que o gastava, o roía implacavelmente como um verme rói uma flor cândida ou um fruto virginal.

— O homem é um pobre cisco do chão ! Nunca chegará aos astros para que estende as mãos aflitivas — murmurava Eduardo.

Mas a guerra ergueu, de repente, na Europa a face sangrenta e lúgubre e êle foi mobilizado. Aceitou-a como uma libertação. Desde que não podia realizar as aspirações que o devoravam, a vida para Eduardo era, mais do que uma expiação dolorosa, uma inutilidade. Perdê-la rapidamente, na fornalha dos combates, seria emancipar-se, baixar à paz perpétua que tanto apetecia, desfazer-se, desagregar-se na terra negra, fria e gorda da sepultura, entrar talvez no infatigável movimento universal, como relva humilde que as primaveras enflorassem, como grão de poeira voando nas aragens douradas de sol, como seiva ascendente nos troncos dos arvoredos, como aroma, como fluido, como água corrente vitalizando as raízes !

Partiu para os combates fulgurantes dos povos livres e das raças cultas com um contentamento secreto que se lhe reflectia em luz na limpidez do olhar e em beleza no rosto, e pelejou nas trincheiras, com coragem heróica. O adversário encontrava-o sempre de frente, altivo, viril, decidido, avançando tranquilamente, escarnecendo o perigo, desafiando a morte. Oferecia-se para todos os actos arriscados, para as explorações, em terreno adverso, de que raras vezes se volta, para observar as manobras dos inimigos. Cem vezes o julgaram perdido, e cem vezes elle appareceu, indifferente aos louvores e com a certeza do dever nobremente cumprido. A guerra — sendo tam eruel — tinha uma suavidade indizível para as suas tempestades morais. Acalmara, o passado surgia-lhe muito distante, não se lembrava de haver soffrido algum dia, amortecêra-se na sua alma a angústia pelo ideal artistico falhado. Abençoava, por isso mesmo, dentro do seu egoísmo, aquella carnificina, em que os homens se despedaçavam uns aos outros, desvairados pela ancestralidade feroz que dentro dêles despertava, ressuscitando a sua animalidade grosseira.

Uma noite, porém, os adversários atacaram rudemente o trôço de trincheira em que Eduardo combatia. Já quando as suas botas se atolavam numa lama feita de sangue e da carne triturada dos seus camaradas, lacerados pelas bombas e pelos obuses, Eduardo e os sobreviventes tiveram de abandonar o terreno que defendiam. No rebôrdo da trincheira, um germânico intimou-o a render-se; e Eduardo investiu contra elle bra-

vamente. O adversário vibrou-lhe um golpe de baioneta que o fendeu do peito às costas, estendendo-o sôbre as pedras em que se foi esvaziando de tôda a seiva vilal.

A batalha continuava terrível como uma cólera celeste desencadeada de súbito. As explosões das granadas iluminavam de clarões sinistros a noite lúgubre da hecatombe. O horizonte, riscado de traços luminosos, incendiava-se, inflamava-se, ardia. Os gritos dos feridos misturavam-se às descargas da fuzilaria, às pragas dos combatentes, aos silvos das balas. Sob o céu indiferente às calamidades dos homens desenrolava-se um drama formidável.

Eduardo, delirando, escabujava sôbre o chão duro, arrastava-se, uivava de dôr, raspando a terra com as unhas. Ao lado, outros feridos de morte agonizavam, dizendo palavras incoerentes, murmurando orações, falando nas mãos lacrimosas, nas noivas que não tornariam a ver, nos filhos que deixaram pequeninos e débeis, encolhidos no regaço materno e chorando.

A dois passos, um alemão com o peito aberto por um estilhaço de granada, cantava com voz débil o *Deutschland über alles*, tendo os olhos já embaciados por uma névoa. Um outro recitava versos de Schiller...

Então, Eduardo pareceu sossegar. Jazendo, inerte, sôbre as penedias donde espirravam vegetações sequiosas e queimadas pelo hálito do fogo, parecia visionar os intermúndios da Beleza eterna. Sorria. Os seus olhos tinham um brilho que dardejava, fosforejava na treva. Ia morrer — e como a morte era doce!

Mas, antes de adormecer para sempre no sono redentor de todos os sofrimentos e de tôdas as misérias, experimentava uma alegria olímpica, que lhe aplacava as dores e que pousava sôbre a sua fronte arrefe-cida a asa de sêda duma carícia amorosa e inenarrável. Com efeito, o seu eérebro iluminara-se imprevis-tamente, o seu sentimento adquiriu uma subtileza re-veladora. Tinha penetrado, enfim, o segrêdo dessa arte que durante tôda a mocidade o torturou impie-dosamente. Encontrára o estilo musieal capaz de pin-tar as exterioridades, de exprimir as formas e as côres e de definir as mais fugidias sensações da intimidade psíquica, na tristeza, no gôzo, no júbilo, na crença, na plenitude e na complexidade dos sentimentos mo-rais e espirituais. A obra em que durante anos con-tínuos pensara sempre em vão, surgia-lhe claramente diante dos olhos e do pensamento. Era uma sinfonia em que o artista queria dizer tudo o que murmura nas florestas, tudo o que passa nas aragens, tudo o que seintila nas estrêlas, tudo o que se carpe nas fontes, tudo o que ruge nos mares, tudo o que se idealiza nas almas, em orquestrações duma originalidade pura, em melodias e em harmonias duma inspiração rara, em sons duma austeridade religiosa ou dum eneanto es-piritual, lentos, demorados, duradouros, ou leves, ade-jantes, alados, ascendendo para o alto azul sidério e que fôssem como que uma confissão das coisas sem mácula para o Deus omnipotente ! E êstes ritmos, trans-formados em verbo sobrenatural: êstes sons, materia-lizando-se em tintas fluidas, em linhas equilibradas,

em modelações definitivas, desdobrariam aos olhos deslumbrados dos auditórios os espectáculos naturais que o compositor pretendia fixar, transmitiriam as emoções por êle recebidas, as ideias, os pensamentos desenvolvidos. Era a glória, finalmente! A música da nossa época de lutas e de exegeses estava criada. Ah! se êle pudesse viver por mais um dia, um só que fôsse, se a morte não viesse gelar-lhe e paralisar-lhe o coração antes de Eduardo deixar a civilização e a beleza a página musical gravada na sua inteligência e na sua sensibilidade!... Se êle conseguisse passá-la ao papel, o seu nome e o seu triunfo seriam imperecíveis!

Mas um frio estranho subia-lhe dos pés para o peito, afiado, cortante como uma lâmina; as suas pálpebras cerravam-se sob o peso duma estranha sonolência, semelhante a uma embriaguez misteriosa em que a consciência se lhe dissolvesse...

A balalha começou a declinar quando a manhã alvoreceu, dourando o cimo dos montes, as copas das árvores, as agulhas dos penhascos, com um sol fulvo, radiante, esplêndido, purificador. Eduardo expirou na aleluia da luz: e a sua fronte livida e transparente como um mármore parecia espiritualizar-se na graça do sorriso vitorioso que se lhe materializara na boca. Fora vencido e morrerá como um vencedor!...



O PERDÃO

A mobilização do exército linha-os surpreendido no momento em que um amor fatal pela mesma mulher os trazia, a ambos, desvairados e os fazia olharem-se com uns olhos em que dardejava a raiva, ardia a chama do ciúme, fuzilava a ira. Manuel e Rodrigo haviam-na encontrado numa romaria de aldeia, dançando no adro juncado de espadanas e de funcho, que os seus ligeiros pés esmagavam, ao som elegiaco da viola. Chamava-se Luísa, era alta, de fartos seios estalando de seiva sob o linho fresco do colete; longos cabelos negros emmol-duravam-lhe a fronte de tez trigueira. A volta do pescoço refulgia ao sol um grilhão de ouro, e das orelhas pendiam-lhe arrecadas mordendo-lhe de brilho a pele da face. O filho do Cosme, brasileiro, que andava em Coimbra, nos estudos, havia-a comparado, nuns ver-

sos líricos que tãda a aldeia conhecia, à Sulamite do «Cântico dos Cânticos»:— e os lavradores ricos da povoação olhavam-na com ternura, atirando-lhe abraços de videira quando ela passava, logo de manhã, de perna ao léu e cinta breve, para as terras de cullivo. Luísa, porém, não tinha ainda «conversado». Costumava dizer, quando nisto lhe falavam, que era muito nova, que queria divertir-se porque estava no seu tempo, e que o Diabo levasse paixões.

Nessa luminosa tarde de romaria campestre, o seu coração esquivo amoleceu, a sua mocidade teve um sôntio de amor mais doce e constantemente dançou com Rodrigo ou com Manuel, oficiais de ofício, ouvindo-lhes as confidências amorosas e sorrindo a ambos com a mesma complacência.

Daí em diante, a incerteza inquietava-os e acumulava dentro da sua alma um sentimento de rivalidade capaz de crimes cruéis. A vaidade de Luísa, que queria ser amada de muitos para obedecer às exigências do seu orgulho de mulher bela, mais os acirrava, mais intensificava os seus rancores. Haviam sido amigos, eram da mesma idade, viviam em casais vizinhos, e não podiam agora ver-se sem que uma funda cólera os revotvesse, os agitasse, lhes torcesse a bôca de lábios carnudos e sensuais, lhes fizesse crisar as mãos num enraivecido gesto de ameaça. Quando Manuel, à noite, de volta do trabalho, surgia diante da porta de Luísa, já lá encontrava Rodrigo, que conversava em voz baixa com a rapariga, mirando-o escarnecedo-ramente com um ar de desafio e de triunfo. Manuel,

pálido de despeito e de dôr, sentindo o sangue correr-lhe aceleradamente nas veias, com o peito a arfar violentamente, saúdava-a, sorria-lhe — e recebia também o seu sorriso e a sua saúdação amigável. Esperava a hora solitária em que Luisa ia à fonte e, na curva dum caminho, entre às espinhosas e as madre-silvas em flor — que perfumavam a solidão — queixava-se brandamente da preferênciã que ella dava ao seu rival.

— É melhor, então, desenganares-me duma vez para sempre — pedia elle com a timidez, o receio de quem tivesse mêdo de ser enganado.

— Mas porquê, porquê? — interrogava Luisa. — Que é que eu faço para essas suspeitas?

— Ainda o perguntas? Elle está sempre à tua beira, como se fôsse o teu namorado.

— Também tu podes estar!... Hei-de mandá-lo embora?... Meu namorado não é. Nem nisso me falou. E se falar, eu é que mando em mim, eu é que direi se sim ou não.

— Isso é sério, Luisa?

— É sério! Pela minha salvação que é sério!

As dúvidas de Manuel dissipavam-se desde logo e a sua esperança tornava-se mais nítida e firme. Se depois encontrava Rodrigo, era elle quem o envolvia num olhar de vitória e, conjuntamente, de ironia. A hostilidade aumentava entre os dois cada vez mais, e os que os conheciam pensavam que um tam malfadado amor por uma mulher que pretendia unicamente agradar a todos, não acabaria bem.

— Isso, um dia, quando menos se esperar, há aí uma grande desgraça — afirmavam.

De volta dos serões, com os outros, cantando ao som da harmónica bucolizando as solidões rurais, Rodrigo e Manuel espreitavam-se com cuidado, vergavam contra a terra, nas suas mãos fortes e calosas, os cajados de choupa, diziam-se insídias indirectas que os companheiros imediatamente apaziguavam.

— Nada de desatinos. E então por causa de quem? Duma namorada! Como se não houvesse mais raparigas no povoado — insistiam os camaradas sensatos.

Eles, contudo, não atendiam os conselhos prudentes, a sua fúria crescia e cegava-os a tal ponto que, na espadelada em casa do Martinho da Rechousa, estiveram para se pegar, para se baterem com ferocidade, até desafogarem o ciúme que os queimava e lhes tornava a existência amarga. Manuel, cravando olhos maus em Rodrigo, ainda chegou a dizer:

— Isto tem de acabar de qualquer modo. Um de nós é de mais na vida!...

— Quando quiseres — rosnou o outro, de sobrececho carregado. Lá temer não te temo...

Mas, inesperadamente, a guerra veio chamá-los ao serviço da Pátria. Tinham de partir, de pelejar contra o inimigo comum, de defender o seu país ameaçado, o seu território, a sua família, talvez mesmo o seu lar — e resignaram-se. Aceitaram o sacrificio alegremente, com êsse egoísmo que os levava a considerar:

— Luisa não será para um nem para outro. E até

pode ser que um de nós morra nas batalhas, não havendo mais contendás.

Antes de saírem para o regimento a que pertenciam, porém, quizeram despedir-se de Luísa, para quem iam as suas ilusões e as suas quiméras de felicidade.

— Espera por mim ! Nunca me esqueças ! — implorava Manuel com os olhos rasos de lágrimas.

— Não esquecerei, podes ficar descansado.

E o mesmo afirmou a Rodrigo, no momento em que elle lhe pedia fidelidade à fé jurada.

— Serei fiel, por minha parte — prometeu Rodrigo.

— E eu também — asseverou ella.

A dualidade daquella paixão que soubera despertar encantava Luísa, que não se decidia por um dos dois, muito embora as outras raparigas uma vez por outra a avisassem, espavoridas:

— Andas a brincar com o fogo, mas um dia, ou Manuel ou Rodrigo te malam ! Olha que há mais exemplos.

Ria sarcásticamente de tantos temores e, por uma curiosidade bem feminina, queria ver em que tudo aquilo desfechava.

Rodrigo e Manuel seguiram a incorporar-se na unidade militar de que faziam parte, por uma clara, rutilante manhã de domingo, entre o clamor, o alarido, os choros das mulheres da aldeia, que os acompanharam até à estação do caminho de ferro. Mostravam-se apreensivos e contemplavam-se de má sombra. Com as sacas de chita às costas, não correspondiam à jo-

vialidade dos outros soldados, que falavam na guerra com uma despreocupação de quem a não receava ou de quem a desejasse. Os dois rivais não tinham medo. Em frente do adversário, serenamente, saberiam bater-se sem desfalecimentos de coragem, sob o estrondo da artilharia ou o erepilar das balas. Mas pensavam continuamente em Luísa que um dêles, ou ambos, para sempre perderiam: — e esta suspeita pungia-os. Antes a mesma granada os destruísse, cortando-lhes as carnes, abrindo-lhes nelas fundas brechas por onde a vida lhes fugisse com o sangue! Mas se não fôsse assim? Se um dêles morresse e o outro voltasse à povoação, com o prestígio de ter visto de perto as pejejas fulgurantes, rodeado de admirações, aclamado? De-certo que o morto não poderia dormir, debaixo da leiva fria, o sono eterno!..

Chegaram à idade, foram incorporados na mesma companhia, como se o destino que os juntara para a disputa de um só amor, os quisesse juntar igualmente nas mesmas angústias e nos mesmos sofrimentos. Dias volvidos, estavam nas trincheiras, ao lado um do outro, ferozes, bisonhos, meditando menos no perigo dos recontros do que nas torturas morais que a ausência de Luísa lhes despertava na sensibilidade.

Os canhões troavam sem repouso. As granadas caíam a curta distância dêles, deflagrando, rebentando em enormes leques de fogo, espalhando em roda pedaços de ferro e levantando espessas nuvens de terra. Mas êles nada ouviam e nada viam, vivendo no amar-

go travor da saúde dolorosa e permanente. Nunca se falavam, não trocavam uma só palavra. Era como se fôsem desconhecidos para os camaradas. Mas, no seu coração, o ódio que os separava condensava-se mais. Alguém tiránicamente se interpunha entre ambos, excitando-os na sua fúria...

Um obús vindo de longe, das linhas inimigas, sibilando, roucando na atmosfera em que deixara uma tira luminosa, na escuridão nocturna, estalou com fragor a dois passos de Rodrigo, que caiu, sollando um grito lancinante. Um estilhaço rompêra-lhe o peito, rasgando um buraco por onde jorrou um esguicho de sangue. Contorceia-se, gemia, raspava a terra com as unhas, murmurando em voz débil:

— Morro !... Morro !

Como o adversário estivesse atacando a trincheira, que era defendida com desespero, ninguém reparava no ferido. O tiroteio constante, a fuzilaria, abafavam-lhe os queixumes e as lamentações. De súbito, Manuel sentiu que alguém lhe puxava pela perna. Voltou-se e deparou com o rival todo ensanguentado. Experimentou uma alegria brutal. Emfim, ia fiar livre daquela companhia abominável. Luísa seria sua, se escapasse da guerra.

— Manuel ! — exclamou o ferido.

— Que queres ? — gritou êle, irritado.

— Eu morro... Olha !

Afirmou-se no ferido mais demoradamente, e uma piedade profunda por tanto infortúnio comoveu-o. A emoção subia-lhe do peito, estrangia-o.

— Olha... — pedia humildemente Rodrigo. — Chega-te aqui, para ouvires melhor...

Manuel curvou-se sôbre a face lívida do rival, que desfalecia.

— Vou morrer... Casa tu com Lúsa e sejam felizes... Lembrem-se de mim... Foi a sorte que assim o quis...

Grossas lágrimas orvalharam os olhos do combatente, que apertou entre as suas as mãos de Rodrigo.

— Não me queiram mal... — balbuciou. — Gostava tanto dela !...

— Perdoa-me tu ! — interrompeu, num soluço, Manuel. — Perdoa-me !...

— Perdão !...

Então, Manuel, baixando-se mais sôbre a fronte do moribundo, deu-lhe um grande beijo de doçura, de bondade, de paz, de purificação... Nos céus altos fulgiam as estrêlas



A. Lima

A IGUALDADE NA DÔR

Não foi sem um vivo sentimento de alegria e de sarcasmo que José viu chegar ao seu regimento alguns soldados, filhos de famílias aristocráticas e burguesas, que até êsse momento viviam na abundância e na riqueza, gastando dinheiro sem cuidados, vestindo bem, dançando nas salas, amando, levando uma saborosa existência de regalos e de doçuras e ignorando os heroismos, as angústias, os sofrimentos com que os homens que procuram no trabalho o pão para a boca sobem a montanha íngreme do seu Calvário de sacrificados. José, que era rude e plebeu, entregava-se, na sua aldeia, antes de ser chamado ao serviço militar, às duras fainas agrícolas. Cavava a terra de sol a sol, com a sua enchada que faiscava à luz, rasgava com o ferro agudo do arado o ventre fecundo da leiva.

para nela fazer as sagradas sementeiras que, pelos outonos sentimentais, teriam de encher as tulhas e garantir, durante os invernos tormentosos, a fartura e o bem-estar à sua pobre gente. Calejara as mãos numa actividade constante, padeeêra tôdas as penúrias dos deserdados, experimentara humilhações que muitas vezes lhe orvalharam de pranto os serenos olhos: e, êstes consecutivos anos de luta e de tortura amarga endureceram-lhe a alma, formaram-lhe no coração lentas cristalizações de ódio contra os ricos, os bem nascidos, os felizes, os amimados da sorte, que logo na infância dormiam os seus sonos em berços de sêdas e de rendas e que, entradas na adolescência, começavam a aspirar à flor da vida todo o perfume e tôda a beleza que ela oferece aos predestinados. Era inculto, não possuía illustração, mal sabia lêr — e não podia exprimir com nitidez a fulgurante revolta que ascendia do fundo do seu espirito. Sentia, porém, com intensidade as inexplicáveis desigualdades do destino que dava a mesa opipara aos que nada faziam e passavam no mundo sem nunca representarem uma utilidade, matando com fome os que se extenuavam nas lides fecundas. Este desequilibrio social mais rancorosa tornava a sua cólera!

Já soldado, quando saía, às tardes, do quartel para correr a cidade, se no seu eaminho deparava os moços elegantes que olham sorrindo, encostados às paredes, as mulheres belas que aparecem, José rosnava de má sombra e perguntava a si mesmo para que serviam essas criaturas frívolas que não levantavam uma pa-

lheira do chão. Ao mesmo tempo, insurgia-se contra uma lei iníqua que o obrigava a êle, trabalhador rural e amparo de irmãs débeis e dum pai inválido, a vestir a farda, e deixava os outros, os abastados, nas suas vagabundagens citadinas, nos seus ócios nunca interrompidos.

— Será porque êles nem com a espingarda podem?
— monologava José, zombeteiramente.

Contemplando-os de revés, com o seu olhar oblíquo e escarnecedor, seguia a direito, resmungando:

— Eu não tenho padrinhos, sou um camponês; e, na minha terra, quem não tem padrinhos morre mouro.

É claro que José, um rapagão de peito forte, braços estriados de musculatura, face enérgica, tinha pelos «fidalgos» o maior desdêm, não os julgando úteis para nada. Pensava que se êles entrassem para o exército e estalasse uma guerra, os janotas morreriam de mêdo logo aos primeiros tiros ou caíriam desfalecidos ao verem sair, de ferimentos horríveis, o sangue aos borbotões.

— Lá para a guerra com as damas talvez sirvam, não digo que não; mas para aquelas em que se mata e se morre, aos urros, isso mais devagar !...

A guerra, porém, veio inesperadamente, foram convocados todos os homens que estavam na idade de combater, sem distinção de classes e sem restrições que seriam abomináveis; e quando, nessa límpida e luminosa manhã de verão, os recrutas principiaram a chegar ao quartel, José, rindo de contente, disse para alguns camaradas:

— Rapazes, vamos ver enlrar os «casacas». Com todos os diabos, vai ser uma coisa bonita !

Com as mãos nos bolsos das calças, o boné carregado para a orelha, a fronte alta, uma expressão de júbilo e de desafio nos lábios delgados e rubros, êle ia assistindo ao desfilar incessante dos novos soldados, que traziam ainda os seus trajos civis de talhe correcto, os seus colarinhos brunidos e lustrosos à luz, as suas botas de verniz, as suas gravalas picadas de pedras finas como se, em vez de virem para um regimento, viessem para uma reunião mundana.

— Como êles andam bem calçados, os estroinas !
— dizia êle chocarreiramente. Se tiverem de calçar as botas do uniforme, estragam os pés !...

Os outros deslizavam rapidamente, sem constrangimento, indo aprêsentar-se ao coronel. Não havia na sua face uma palidez que denunciasse lemores, contrariedades, hesitações; antes se mostravam impassíveis, orgulhosos, cheios de calma e confiança. A observação dêste facto surpreendeu José, que exclamou para um camarada:

— Ó 37, os «madamas» não choram !

— E que pensam que se trata dum baile.

— Lá dançar, hão-de dançar. Olé !

Durante as longas e ásperas semanas da instrução, a surpresa de José mais aumentou. Com efeito, os «fidalgos» suportavam alegremente as maiores fadigas, aprendiam com rapidez o manejo das armas, cavavam trincheiras, não se eximiam a nenhum serviço por mais violento que fôsse, cumpriam pontualmente

as ordens recebidas, eram obedientes, disciplinados, perfeitos. Notando-lhes estas qualidades, José murmurava, irritado:

— É assim mesmo ! Pois que lhes parece, aos «casacas» ? Aqui dentro, todos somos iguais !... Mas sempre quero ver como êles se portam, mais tarde, quando ouvirem assobiar as «ameixas» sôbre as cabeças... Então é que vão ser elas !...

Já nestes moços havia desaparecido qualquer traço exterior que os distinguisse dos outros, dos que vinham da oficina, do *atelier*, da fábrica, do campo. Como êles, vestiam agora uma farda de cotim cinzento; como êles, traziam um boné na cabeça; como êles, dormiam nas casernas, em duras enxérgas de palha; mas o azedume de José não se dissipava nem mesmo ante esta igualdade. Julgava-os maus, enfáticos, incapazes de confraternizações, de affectos pelos de nascimento humilde.

— Vejam lá se êles se aproximam de nós, para conversarem. Isso sim !... Separam-se, muito senhores do seu nariz, como se fôsem feitos de carne e ossos diferentes dos meus. Não, a mim não me enganam !

Mas de repente, caindo em si, meditava:

— Em bôa verdade, quem se afasta dêles sou eu. E hei-de afastar-me sempre. Não quero que se riam à minha custa...

Um dia, o regimento foi mandado aprontar a tôda a pressa. Tinha de partir ao romper da madrugada, sem que os soldados soubessem para onde. A Pátria reclamava tôdas aquelas vidas em pleno viço e em

plena força expansiva, para sua defesa ou para a defesa de uma causa que interessava a honra, a dignidade, a inteligência nacionais. Foi uma azáfama constante nas casernas, durante tôda a tarde. Os soldados dispunham as suas coisas, lustravam o correamo, poliam as armas e os sabres, emmalavam as suas roupas. José observava que, se em muitos olhos brilhavam lágrimas e se em muitas fisionomias lívidas havia contracções, os «fidalgos» não empalideciam nem perdiam a jovialidade, chalaccando uns com os outros, falando da guerra com a curiosidade de quem desejasse conhecê-la de perto, aventurar-se aos seus perigos e às suas glórias, curtir os seus sofrimentos e sentir as impetuosas paixões que ela despertava.

— Querem ver que me enganei e que os «casacas» me saíram valentes? — monologou êle.

E, olhando-os furtivamente, logo acudiu, tranquilizado por um súbito pensamento:

— Qual!... Estão a representar para disfarçarem! São êles lá capazes de manterem esta basófla em face dos inimigos!... Pois não foste, Mariquinhas!

O regimento partiu, com efeito, logo ao raiar da alva, quando estavam ainda desertas as ruas da cidade. Para aligeirarem as suas preocupações e distrairem as suas mágoas, os soldados, que durante a marcha iam à vontade, cantavam hinos patrióticos. Era um belo espectáculo o que ofereciam êsses rapazes, dirigindo-se talvez para a morte ou para a dôr, entoando cânticos.

Dai a semanas, eram pela primeira vez conduzidos à frente da batalha, que cobria de fogo as pers-

pectivas e que espalhava por montes e planícies o estrondo permanente da artilharia, o crepitar da fuzilaria, o ruído das armas que se entrecrocavam, os gritos alucinantes dos que tombavam feridos sob a avalanche de ferro. O regimento, diante d'êste inferno ignorado por êle, hesitava e era preciso que, a cada momento, os officiaes lembrassem enérgicamente aos soldados os seus deveres:

— O mêdo é uma covardia que desonra, rapazes !
Avancemos !

Foram ainda os «casacas», que José tanto desdenhava, os primeiros a obedecer, caminhando sob a metralha que os trucidava, abrindo entre as suas fileiras grandes claros. José batia-se com furor, com raiva, expondo-se às balas que sibilavam à volta do seu corpo.

— É para que os «casacas» saibam que cá não se é menos corajoso do que êles ! — rosnava entre dentes.

A emulação duplicava a sua valentia.

— Morra o homem, mas deixe fama...

O regimento, que carregou impetuosamente sôbre o adversário, ficou triunfante, mas sofreu imensas baixas na acometida. Pela planície, estrelada de enormes nódoas sangrentas, jaziam corpos inanimados aos montes. A luz imprimia expressões singulares aos rostos brancos dos mortos. Perto das posições contrárias, José foi atingido no peito por um caco de granada, e abateu-se junto dum outro ferido, que rastejava nas relvas. O seu ferimento era grave. Esvaía-se em sangue, enfraquecia, a dôr fazia-o rugir.

— Camarada ! — bradou alguém.

José procurou com a vista quem o chamava. Era um «casaca»; não respondeu.

— Camarada! — murmurou a mesma voz.

— Que me quer? — perguntou êle, a custo.

Uma forma humana, esfarrapada, sanguinolenta, com um braço esfacelado, avançou para êle, curvou-se sôbre a sua cabeça, inquiriu:

— Onde está ferido?

— Aqui! — informou José, indicando o lado esquerdo do peito... Mas não se incomode... Isto não vale nada.

— Escute: — veja se pode levantar-se e encoste-se a mim, que eu acompanho-o. A minha ferida não presta, é ligeira. Apenas perdi um braço.

José fez um esforço, gemeu e sussurrou, já sem irrilção:

— Não posso. Parece-me que morro!...

Aquela abnegação do «casaca» tocava-o por dentro. Quanta generosidade! E êle que tam mal julgava os «fidalgos!» O outro sentou-se, puxou brandamente, com a mão que lhe restava, a cabeça do companheiro para as suas pernas.

— Está assim melhor? — interrogou.

José não respondeu. Um grande choro sufocava-o; mas, no seu infinito reconhecimento, beijava com ternura e com humildade a mão compadecida que para êle se estendêra...



A CARGA DE BAIONETA

ESTAVAM nas trincheiras, perto do inimigo, por essa opaca noite de treva, silenciosa e profunda. Tinham passado longos dias sobre o último ataque — um ataque encarniçado, feroz, terrível, que deixára o campo de batalha coberto de mortos em atitudes bizarras: e desde então, os adversários, rudemente castigados com as pesadas perdas sofridas, não deram mais sinal de vida. Apenas a artilharia roncava incessantemente, produzindo um fragor de trovão contínuo, e o coriscar das explosões ituminava a escuridão cerrada em que os esqueletos das árvores dilaceradas — também elas eram atingidas pelo ciclone da metralha — adquiriam estranhas configurações. Não se ouvia uma única voz humana em todo o sector e, no entanto, milhares de homens armados permaneciam vigilantes, dum e doutro

lado, para não serem colhidos de surpresa. Por vezes, foguetões luminosos subiam, rechinando nos ares, espalhando no terreno da luta uma claridade deslumbrante: e, a êsse fulgor momentâneo, uma região fabulosa, convulsionada de altos montes, cortada de despenhadeiros e ravinas, suavizada por fundos vales correndo entre verdes e veludosos ervaçais, surgia bruscamente. Enlão, os disparos da artilharia grossa intensificavam-se sôbre certos pontos e labaredas de incêndio erguiam-se na atmosfera abafada de sombra.

Alberto, que chegára na véspera à linha de combate, era torturado por uma prodigiosa vibração de nervos. O ruído permanente dos canhões atordoava-o, afligia-o, irritava-o até à dôr; e a inacção forçada de muitas horas, metido na terra, mais exacerbava o seu mal-estar. A esta inércia preferia êle os rudes movimentos ao ar livre, na plena alegria vitalizadora da luz, expondo às balas o amplo peito de herói e matando também para que mais depressa se chegasse ao fim da sangrenta guerra desencadeada por uma ambição tenebrosa de domínio, que estava transformando em ruínas uma civilização esplêndida que levou séculos a construir e, num desolado cemitério, o culto Ocidente.

Descansando a espingarda sôbre o parapeito da trincheira, Alberto acendeu o cachimbo, soprou à brisa noturna densas baforadas de fumo e começou a meditar na sua situação singular. Tinha vinte e cinco anos e nunca pensou que havia de bater-se, de arriscar a vida no amargo ardor das pelejas de homens contra homens.

Filho de abastados lavradores rurais, logo que concluiu o curso dos liceus, renunciou a continuar os estudos, entregando-se saborosa e contentamente aos trabalhos agrícolas, por lhe parecer que o seu país carecia mais de agricultores que concorressem para a sua abundância do que de letrados, que apenas contribuissem para que bravamente se activasse o tumulto politico. Trabalhando sem fadiga para que as suas terras se tornassem mais produtivas, era um elemento positivo de riqueza, uma utilidade. Empalidecendo, durante um longo período, sôbre as fôlhas dos compendios, entendia que viria a ser uma inutilidade, se não possuísse faculdades criadoras supremas — cada vez mais raras — que o impussem à côlectividade. Oplara, portanto, pela lavoura, abandonando sem saúde as escolas. Os pais morreram-lhe legando-lhe uma avultada fortuna em propriedades. Para sentir à sua roda o enternecido calor dos affectos sinceros, decidiu constituir uma família. Estava, porém, casado havia seis meses apenas, quando a ordem de mobilização o surpreendeu: e, como era reservista, teve de deixar tudo, amores, encantos, doçuras, abnegações, para fazer-se soldado...

Como a ausência era dolorosa para a sua alma lial e sensível! Ainda agora se lembrava da mulher, que se despedira d'ele com os olhos vidrados de lágrimas e recalçando os soluços, para lhe não amolecer a coragem: e as suas comovidas lembranças iam, em revoadas, como aves quiméricas, para essa doce companheira de iam curtas e maravilhosas semanas! Fumando sempre, interrogava-se:

— Voltarei a vê-la ?

Esta dúvida pungia-o. Revoltava-se, cheio de violentas cóleras, contra aqueles que o haviam mandado para ali, arrancando-o sem piedade à ternura de braços que amorosamente o estreitavam, às suas occupações, às suas lides fecundas.

— Com que direito dispõem da minha existência de homem outros homens ? — perguntava.

Não compreendia a passividade de tantos milhares de criaturas que obedeciam passivamente a uma simples ordem, sem se insubordinarem. Que fizessem a guerra os que a amavam e que os que a odiavam, como êle, tivessem a liberdade de ficar em casa.

— Afinal — monologou — também eu obedeci. Não posso acusar os outros. Mas o que posso é não combater. Ninguém me obrigará a desfechar, contra seres conscientes, esta espingarda que me deram...

Do tabaco ardendo no seu cachimbo evolavam-se lentas e brancas espirais de fumo. Encostado ao talude da trincheira, Alberto perdia-se em sombrios raciocínios... De súbito, chegou um aviso que os oficiais faziam circular pelas tropas. O comandante do sector ordenava um ataque às linhas inimigas, logo ao alvorecer.

Era necessário que os soldados se preparassem e se mostrassem firmes no momento da acometida, não recuando senão depois de verificar-se a impossibilidade humana do avanço. A artilharia, agora mais activa, batia o terreno com uma verdadeira tempestade de ferro e de fogo, fazendo cair nos entrincheiramentos

contrários um dilúvio de obuses que deflagravam com estampido. Era preciso destruír, arrasár êsses entrincheiramentos, para facilitar a arremelida da infantaria.

— Daqui a algumas horas temos chimfrim — exclamou jovialmente um cabo que se encontrava junto de Alberlo.

Imperturbável, êle continuava fumando. Não linha mêdo, certamente. A vida áspera da campanha fatigava-o e começára a aborrecer-lhe desde que fôra separado da esposa. No entanto, insurgia-se mentalmente contra os que o mandavam morrer em pleno esplendor da mocidade. E morrer para quê? Com que fim?

— Camarada — insistiu o cabo — parece que está triste?

— Nem triste nem alegre — respondeu Alberto, para acabar com o diálogo que vinha desviá-lo do curso das suas meditações.

O companheiro olhou-o, surpreendido. Sentia-lhe nas palavras um certo azedume mal disfarçado.

— Aqui todos somos irmãos — continuou o cabo.

— De-certo — atalhou Alberto, batendo o cachimbo contra a coronha da arma.

— E quem sabe os que amanhã, a esta hora, ainda estarão vivos!...

A voz do camarada de Alberto tremeu um pouco. Adivinhou nesta tremura uma angústia oculta e o seu mau humor dissipou-se.

Fez-se um minuto de silêncio na conversa. O duelo da artilharia era agora furioso e enormes leques de

luz esbranquiçada, parlindo dos projectores eléctricos, corriam os campos.

— Tenho mulher! — acudiu Alberto. E o senhor?

— Mãe entevada e quáse cega e duas irmãs pobrezinhas de quem eu era o único amparo.

— Ah! a guerra é medonha e cruel, amigo!

— Não me queixo — replicou o cabo resolutamente. Todos padecem com ela. O padecimento é geral... Que lucrávamos nós com as nossas lamúrias? Nada. E já que o destino nos trouxe para aqui, havemos de honrar o nosso nome e a nossa Pátria!...

De novo emmudeceram. Alberto considerava que o heroísmo era bem simples e que por isso havia-nêlé um fulgor de beleza. Ali estava, perto de si, aquele intrépido rapaz que, certamente, não devia ao mundo e à sorte nenhuma gratidão. Do labor do seu braço dependia o pão de bôcas doentes e esfomeadas. No seu caminho só teria deparado a amargura e a desilusão: e, apesar disso, oferecia à Pátria, risosamente, o seu alento, o seu sangue, a sua coragem. Ao passo que êle, egoistamente, achava o dever uma tirania, tendo sido sempre animado e feliz, amado e rico. Comparava-se com êsse soldado talvez rústico, sem educação, sem outra elevação espiritual que não fôsse a do sentimento, e julgava-se-lhe inferior. Porquê? Havia entre êles uma enorme desigualdade produzida por uma causa muito secreta, muito íntima.

— Camarada, em que pensa? — interrompeu outra vez o cabo. — Não se apoquente. O que tiver de succeder, succederá... E em breve!

A madrugada raiava serenamente. Uma leve poeira luminosa pousava já pelas cristas das montanhas e as verduras espreguiçavam-se ao seu beijo imaterial e fresco. Os canhões ecoavam lúgubrememente sob o céu que se alaranjava para as bandas do nascente. Uma voz de comando, forte e imperiosa, ressoou. Rápidamente as tropas saíram das trincheiras, armando baioneta e partindo à carga contra as posições do adversário, de onde irradiavam saraiveiros de projecteis. As descargas repetidas da fuzilaria, juntava-se o crepitar das metralhadoras, e mais ao longe a artilharia troava sempre, crivando os assaltantes de granadas. A cada passo para diante, caíam corpos de combatentes fulminados, enroscando-se e enovelando-se uns nos outros. O sangue avermelhava o chão, por onde jaziam entranhas palpitanes.

— Avancem, rapazes! A vitória será vossa! — exclamavam os oficiais.

Nas trincheiras adversas o fogo era mais vivo. As balas formavam um docel de aço sôbre os atacantes.

Alberto, que ia nas fileiras da frente, foi atingido em pleno peito e tombou sem um grito. Ainda quis arrastar-se, levantar-se, acompanhar a carga, mas as forças trairam-no. Apoiando-se nos braços, seguia, no entanto, o ataque, de olhos reluzentes, desvairados. Como o homem era supremamente belo, quando encarava de face a morte e se dirigia para ela, sem um desmaio! Nunca assistira a espectáculo mais comovente, maior, mais impressivo!... Sentiu que alguém lhe pousava a mão no ombro. Era o cabo.

— Para diante ! — bradou Alberto, vibrante de entusiasmo.

— Camarada, é preciso socorrê-lo !

— Não ! Para diante.. Mais tarde, depois do triunfo... Posso esperar.

— Mas...

— Para diante ! Para diante ! Uma espingarda e uma baioneta de menos fazem falta. Viva a Pátria !..

Estava transfigurado. O combate dera-lhe uma alma nova e admirável, generosa e capaz de todos os sacrifícios. Esquiccêra a espôsa, esquecêra tudo, só pensava em que os seus ficassem vencedores, na glória da sua raça, na derrota dos inimigos. Uma energia desconhecida apoderou-se d'ele, naquela hora esplêndida, sob o ouro do sol que começava a ascender no azul como uma enorme rosa de ouro. E quando as trincheiras confrárias foram tomadas, pela carga impetuosa e irresistível, Alberto, ainda continuava a bradar, exaltado, alucinado:

— Para diante ! Para diante ! Sempre para diante !..



O DIÁLOGO DAS ESTÁTUAS

A noite baixara sôbre Paris docemente, deixando cair do alto a sua veludosa sombra que resvalava pelos telhados, se prendia um momento nos ramos dos cas-lanheiros dos Campos Eliseos — já floridos pelo amoroso beijo da primavera — e que, por fim, se adensava, enchendo as ruas de tréva. O ar estava frio, mas o céu dardejava de estrêlas como um pátio de setim negro picado pela fulguração das pedrarias. Lentamente, o rumor da vida envolvente esmoreceu, ficaram desertos os grandes *boulevards* onde nas quietas horas de paz se exhibe tóda a elegância e tóda a beleza da Europa civilizada, e apenas dos cafés e restaurantes saíam, pelas portas abertas, triângulos de uma luz branca e eléctrica. Lá dentro, à volta das mesas, discutia-se a guerra dramática e devoradora que nos fulgurantes cam-

pos de batalha estava imolando à honra e à salvação da Pátria ameaçada tôda uma mocidade em flor.

Nervosamente, entre gritos de desespero e de horror, liam-se os telegramas dos jornais, ainda molhados da tinta de impressão, que traziam detalhes ferozes sôbre o bombardeamento brutal dos monumentos onde recolhidamente vivia a Alma do passado e que, nas gloriosas manhãs de sol, erguiam na pureza hialina da atmosfera as suas rendilhadas tôrres ascendendo no fulgor da claridade como preces de bôças virginais e tocadas de inocência; sôbre a destruição de cidades florescentes e palpitantes de ritmo, de graça, de esplendor; sôbre a aniquilação de herdades e granjas em que, outrora, logo ao romper de alva, se ouvia o hinário triunfante, a canção feliz do trabalho. A pulsação subtil e invisível dos fios telegráficos levava às redacções das fôlhas quotidianas uma pálida imagem da desolação, da tristeza, das misérias, das dores que se abatiam lúgubrememente sôbre o norte da França invadido pelos exércitos germânicos que puseram ao serviço da força, da crueldade, da morte, o génio erizador e redentor da Sciência. Por tôda a parte, o incêndio, as lágrimas, o luto, a devaslação, o pavor, as orfanidades, a viuvez, o sofrimento.

A terra, vermelha de sangue e creslada pelo fogo, produzia apenas ervas rasteiras. Já não ondulavam à aragem que passava, perfumando-se por vergéis e jardins, as mèses prometedoras. Nos currais definhava o gado exausto pela fome. Os braços enérgicos, os peitos viris, as firmes vontades, os sentimentos trans-

figuradores, haviam partido para a fúria dos combates, entoando os hinos sonoros e patrióticos e formando nas trincheiras uma longa barreira de carne e de aço que detivesse a invasão. Um hálito de lume, que tudo queimava, vinha de longe, dos departamentos vencidos.

— Oh ! esta guerra implacável como um castigo, que nada poupa ! — bradavam vozes surdas, amarrando febrilmente os jornais.

A alegria, essa espuma dourada que dera em outros tempos venturosos uma feição atraente a Paris, tinha desaparecido como uma flor pura que morresse. Agora, as fisionomias eram duras, uma secreta amargura torcia os lábios e havia nos olhares uma faiscagem de cólera e de ódio. A ironia fôra substituída por pragas e por maldições contra o invasor. Mas a confiança no triunfo definitivo, que havia de restituir à humanidade uma França maior, mais heróica e mais bela, mantinha-se fervorosamente. Os parisienses, que ainda se não encontravam na frente da batalha, conservavam uma fé intacta no seu exército que, nos rudes recontros do Marne, libertara Paris do cêreo e levou os adversários, na ponta das baionetas e na goela fumegante e rubra dos canhões, até ao Aisne, num impulso formidável.

— O nosso *piou-piou*, comandado por Joffre, será invencível ! — afirmava-se.

Nas ruas, o movimento afrouxava. A massa irregular das construções adormecia, como um colosso fatigado, na suavidade imensa daquela noite de tragédia que se escrevia com linhas de sangue e versos de

Epopéia, desde os cimos nevados dos Vosgos até às planícies de Ypres. Apenas raras sombras de homens erravam no silêncio melancólico da maravilhosa cidade que tantas vezes tem iluminado o mundo com a scintilha da sua inteligência.

De repente, um toque estridente de clarim ressoou na serenidade, como um brado de alarme e imediatamente outros toques congêneres se repercutiram a distância. Desde logo, os feixes de luz dos reflectores começaram a espiar, a perscrutar o espaço em todos os sentidos, e não tardava que o ruído ameaçador de motores poderosos se fizesse ouvir. Uma esquadra de naves aéreas aproximava-se de Paris velozmente, para sobre a cidade incomparável lançar os terríveis explosivos e as bombas incendiárias: — e Paris, impávida, corria às janclas para contemplar êsses fabulosos monstros alados donde a morte ia cair com fragor.

Dentro em breve, os canhões do campo entrincheirado alvejavam com as suas granadas as funestas aves noctivagas, e todo o horizonte resplandecia, ardia em labaredas, em maravilhosos jogos de luz. Os obuses, deflagrando, semelhavam florações fantásticas. Uma chuva de faúlhas de ouro descia vertiginosamente sobre as casarias mergulhadas na escuridão. Ao estrondo da artilharia mesclava-se o tumulto das exclamações, das vociferações, das irritadas apóstrofes. Clamores de socorro ouviam-se na pacificação nocturna...

Foi então que, no Museu do Louvre, onde se guardam ciumentamente as obras primas da Arte de tôdas as idades, a *Vilória da Samothracia*, agitando nervosamente as suas asas que parecem bater a um vento de triunfo — como se uma estranha pulsação vital houvesse communicado o seu calor fecundo ao mármore inanimado e frio — murmurou:

— Éras bizarras, estas que vão correndo! Eis chegada a hora em que, como antigamente, a ambição das grandezas e das conquistas desvaira os homens, que jâmais conseguirão viver venturosos e tranqüilos no recanto florido da terra!... Quantas lutas eu tenho presenciado, desde que certa manhã longínqua o ágil cinzel dum escultor helénico talhou nos brancos, nítidos mármorees, as formas e a carne virginal do meu corpo que mãos bárbaras fenderam, separando-lhe a cabeça do tronco! Em todos os séculos o sêr consciante foi atroz, dilacerando-se com áspera raiva! Mas, no tempo já remoto da minha adolescência em flor, os combates sangrentos eram movidos por sentimentos bem diferentes dos de hoje, o que me leva a crêr que, moralmente, a humanidade nada tem progredido...

Um leve frémito arripiou as carnações marmóreas em que artistas extintos puseram a sua funda comoção poética e o seu sonho de aspiração para a beleza. Sobre a sua peanha, o busto de Voltaire, feito por Hudson, sorria irónicamente.

A *Vênus de Milo*, estremeçando, sussurrou numa

voz de ouro que dir-se-ia chegar dos remotos séculos findos:

— O fogo desce dos astros como nas éras em que Júpiter, o Pai dos Deuses, que atentamente velava pela Regra e pela Ordem, prendia a fiação nas mãos divinas e potentes. O vèlho Ocidente oscila. Perderam-se nêlo o equilibrio e o repouso. Oh! verdes laranjeiras da Iónia onde cantavam as cigarras de Anaereonte! Oh! mares gregos onde se banhavam as sereias de Homero, que linham olhos verdes! Oh! prados de violetas e narcisos onde paslavam as ligeiras novilhas de vélos còr de rosa e onde tam finamente se amaram, pelas olímpicas alvoradas, Daphnis e Chloé, que eu conheci ainda innocentes e moços!... Há longos meses que o meu sono secular, nêste exilio, é constantemente perturbado pelo tronar do canhão, pelo crepitar da fuzilaria, pelos choros affitivos e pelas lamentações dos feridos que voltam das batalhas, sem braços, sem pernas, com grandes feridas no peito!...

As alegorias de Rude, modeladas em incomparáveis baixos relêvos, abafaram as palavras da Deusa, desfaldando bandeiras e entoando entusiásticamente a *Marselhesa*, que parecia avançar para o inimigo, erguendo no fulgor da claridade as lâminas rutilantes das espadas.

— Lembra-te de Icaro? — perguntou a *Vitória da Samothracia* à *Vénus de Milo*.

— Lembro! E parece ter ressuscitado. Ouve! Sobre nós, em pleno céu, pairam os homens que conquistaram, enfim, as asas ambicionadas por Icaro.

— Eu vi-o cair no Egeu, onde se afogou, e com elle todo o ideal dos que ardentemente desejavam voar para além das nuvens, para as estrêlas. Era louro como Céres e tinha uns olhos azuis e macios... Os Icaros modernos foram mais felizes

— Mas leem menos audácia — atalhou a *Vénus de Milo*. De resto, o mundo actual não me interessa por nenhum aspecto. É inferior, tanto na moral como na estélica.

— Não, não ! Há grandeza e formosura nesla guerra implacável como um castigo dos Deuses e que está afundando em sangue e lágrimas a Europa inteira. Os soldados que daqui partem para a fronteira, cantando e rindo em face da morte, são verdadeiros heróis.

— Sem dúvida ! Mas nas guerras de agora, a beleza e a graça pereceram. Compara-as com as guerras de Hélade, que eram fontes de inspiração para os estatuários. Cada soldado, com a sua espada e o seu escudo, desenhando enérgicamente as figurações plásticas no leve tecido das roupagens curtas, era um Apolo combatendo. A altitude, a elegância das linhas corpóreas, a agilidade, imprimiam-lhe uma perfeição exterior inconfundível.

Foi, de-certo, nesses soldados que se inspiraram os escultores que cinzelaram os frisos do Parthenon e os baixos relêvos dos templos em que eu, de cima dos altares de immaculados jaspes e entre mirlos em flor e o vôo das pombas, recebia sorridente as oferendas votivas dos crentes. Ah ! êsses templos, alvejan-tes no meio da folhagem dos bosques, em que perpé-

tuamente ardia, em lampadários de prata, um óleo muito puro !... Dêste recontro colossal, em que milhões de homens se destróem, não sairá uma realização nova das plásticas harmoniosas.

— Mas sairão poemas, eertamente !... Poemas em que as líras geniais celebrarão a glória e a doçura das pátrias redimidias, dos povos generosos e das raças libertas !...

— A poesia definiu sempre a humanidade interior, ao passo que a escultura definiu a humanidade exterior. Ora, na Grécia antiga, na Grécia elássica e profética, tanto os Imortais como as criaturas perecíveis só amaram a beleza acessível aos olhos e não a que apenas entendem as almas sensíveis. É esta beleza de que falo que ninguém, por mais subtil que seja, poderá surpreender nas árduas refregas em que os homens tombam ceifados a distâncias enormes pela artilharia e pelas espingardas de aleancê, ou em que os pelejadores se eseondem nas entranhas de terra, como toupeiras no seu buraco...

Ao lado, Voltaire, com uma singular mobilidade na máscara, que se iluminava nas doees penumbras, ria sempre sareásticamente, escutando o diálogo entre a *Vitória Aptéra*, eneontrada nas ruínas da Samothracia, e a *Vénus* de frente enigmática e peito erécto, que um lavrador grego desenterrou, uma tarde, num campo de trigo onde durante anos imemoriais a Deusa jazêra sepultada. Sôbre Paris, as bombas atiradas dos «Zeppelins» faziam um ruido assustador. Troava o canhão incessantemente.

— Aqui está uma viva imagem desta guerra inexorável em que a Europa se subverte!— continuou a *Vénus de Milo*. As aves sinistras dos dirigíveis veem, pela calada da noite, abrindo as suas negras asas por cima das cidades adormecidas, para sôbre elas ateaem os incêndios, o horror, a carnificina! Nestes ataques inesperados morrem crianças de olhar virgínico, morrem pobres mulheres fracas e amarguradas, morrem vèlhos que as torturas da existênciã e as doenças venceram. Onde existe a equidade nas almas contemporâneas? Outrora, nas guerras que nós pudemos contemplar, apenas se batiam, de peito lial e descoberto, os fortes, os enérgicos, as mocidades varonis, os corações valentes. Os gládios não atingiam, nas lides épicas da luta, traiçoeiramente, os indefesos, os sem culpa, os débeis, os que ainda não tinham vivido ou os que de tanto viverem já se curvavam para o chão...

— Os tempos eram outros !

— E os homens eram superiores, se não em inteligência e em cultura, ao menos em astúcia e em piedade! O globo foi a pouco e pouco sendo violado pela mão impura do sêr consciante, e nesta conllagração vão-se praticando actos que ficarão na história como um avillamento... Noutras idades, sob os meus passos, germinavam os mirtos e as rosas, verdejavam as relvas húmidas, enchiam-se de botões os lírios brancos, ressoava a lira de Homero glorificando os semi-deuses. Só a minha presença bastava para derramar o desejo, acender os apetites, espalhar a felicidade e a alegria. Hoje, esqueceram-me. Depois que os ger-

mânicos vieram, em vastas massas, com suas sébes de canhões, os próprios franceses que constantemente celebraram o seu culto à perfeição, já me não visitam. Eu exprimi, na Hélade da minha saúde, a vida primaveril, presidi ao desenvolvimento anual das plantas, inflamei as voluptuosidades, prometi a verdade aos lábios sequiosos na ponta rosada do meu seio, renovei a vida humana pelo amor. Hoje nada exprinio...

— Hão-de voltar novamente os belos dias !... — exclamou Voltaire de cima do seu plinto.

— De-certo ! — concordou a *Vitória da Samothracia*.

— Cada vez mais se exacerbará o ódio nas almas; entre as raças antagónicas, as sêdes da vingança hão-de tornar o homem mais grosseiro, afastando-o da adoração da beleza para o rancor, para a crueldade. As guerras na Europa não acabarão com a próxima paz. Pousadas as armas que agora matam, as nacionalidades só pensarão em armar-se com mais fúria e mais pressa, para outras carniceiras estupendas. Nunca mais haverá sossego nos países desta Europa que, pelo seu génio, tam alto se elevou ! — interrompeu a *Vênus de Milo*.

— Não ! a paz trará, inevitavelmente, o amor, a fraternidade, a concórdia à Europa ! — afirmou Voltai-re. Nesta hecatombe, está germinando em sangue uma flor de ternura e de serenidade sideral. A vitória do direito contra a força banirá do mundo as tiranias. O ser pensante entregar-se há, então, emancipado e con-flante, ao trabalho fértil, às artes, às indústrias, ao comércio, derramando uma migalha de bem estar e con-

solidando mais o princípio da igualdade social. Das trincheiras em que actualmente se combate com febre, sairão as novas sociedades. O conflito é providencial. Governa-o uma força transcendente. Esta guerra é renovadora. Ainda não acabou e já resolveu todos os problemas complicados que apareciam como insolúveis aos astutos dirigentes de povos: o socialismo, o colectivismo, a aproximação das raças irmãs e, no entanto, dispersas pelos aeasos da história... Oh! a justiça vencerá!...

No baixo relêvo alegórico de Rude houve um estremecimento. Agitaram-se nêle, eletrizadas de vida, tôdas as figuras, e a *Marselhesa* ecoou com mais alacridade, mais fé, mais entusiasmo, como se já celebrasse um triunfo esplêndido. No campo entrincheirado de Paris os canhões deixaram de roncar lúgubremente e os «Zeppelins» fugiram nos arcs em direcção às linhas alemãs, como avejões negros. O baixo relêvo de Rude cantava sempre:

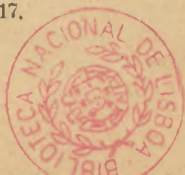
*«Allons enfants de la Patrie,
«Le jour de gloire est arrivé...»*

— Uma França diversa da actual está nascendo nos campos de batalha! — murmurou ainda Voltaire para a *Vénus de Milo*, que voltara à sua mudez. Está nascendo mesmo na guerra uma humanidade prodigiosa!

Miramar, 31 de agosto de 1917.

FIM

2.
56382



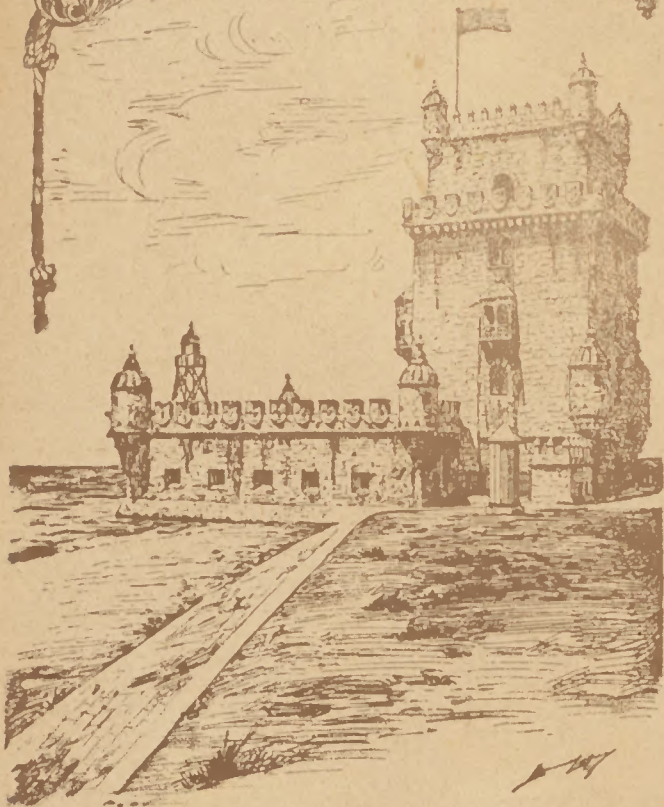
INDICE

Um sonho de epopeia	7
Um drama na noite	24
A maior dôr	32
O amputado	46
A morte da catedral	57
Do terror ao heroísmo	67
O cego	74
Carta de longe	91
Um drama da invasão	102
A cidade assassinada	116
Conciliados na morte	131
Ressurreição duma alma	142
Revelação... .. .	152
O perdão... .. .	163
A igualdade na dôr	171
A carga de baioneta	179
O diálogo das estátuas	187

COLOCAÇÃO DAS GRAVURAS

Retrato do autor	ante-rosto
... e a carga dos couraceiros de Napoleão... .. .	22
O incêndio, atado pelas granadas que intermitentemente choviam sôbre o templo histórico... .. .	62
A cidade não era mais que um montão colossal de entulho	128

TORRE DE BELEM LISBOA -







2.

56